



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO JOÃO DAVID FERREIRA LIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGL)

Ana Maria Santiago

As consoantes e a sílaba do português principense

Florianópolis

2024

Ana Maria Santiago

As consoantes e a sílaba do português principense

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Livia Agostinho

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Santiago, Ana Maria
As consoantes e a sílaba do português principense / Ana
Maria Santiago ; orientadora, Ana Livia Agostinho, 2024.
169 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Fonologia. I. Agostinho, Ana Livia.
II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós
Graduação em Linguística. III. Título.

Ana Maria Santiago

As consoantes e a sílaba do português principense

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 28 de junho de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Amanda Macedo Balduino
Unicamp

Profa. Dra. Manuele Bandeira
Unilab

Profa. Dra. Cristiane Lazzaroto-Volcão
UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Dra. Ana Livia Agostinho
Orientadora

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho à minha mãe, de novo e sempre.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho, assim como a minha jornada na pesquisa, passou por diversos momentos e encontrou inúmeros obstáculos, físicos, sociais e mentais. Como o fim desta etapa se estendeu bem mais do que o esperado, considero justo que eu estenda os meus agradecimentos tanto quanto.

Agradeço à minha orientadora, Ana Livia Agostinho, cujos compromisso, entusiasmo e apoio incansáveis tornaram tudo isso possível. Obrigada por plantar em mim o encantamento pela fonologia e, principalmente, pelo contato linguístico; por sempre mostrar que a linguística tem várias camadas e que muitas delas vão além do que podemos encontrar em dados; por me ensinar com paciência ao longo desses anos, disciplinas e reuniões, e pela relação de respeito e conforto que construímos; por me guiar, desde a graduação, pelos caminhos da pesquisa e por ser parte fundamental na minha construção como linguista e pesquisadora, garantindo que eu entendesse esse mundo e soubesse da responsabilidade que envolve; por dizer o que eu precisava ouvir, ainda que nem sempre fosse o que eu gostaria e, não menos importante, por transmitir a cada momento a sua paixão pelas ilhas, em especial pelo Príncipe.

Agradeço aos participantes desta pesquisa que, sem saber, permitiram que eu os conhecesse um pouco por meio da sua língua, cuja partilha é sempre um presente. Espero fazer jus ao tempo e à disposição de vocês, a quem sinto que já conheço um pouco, depois de passar tanto tempo ouvindo suas vozes.

Agradeço, ainda, ao PPGL, por todo o suporte ao longo das diferentes etapas desta pesquisa.

Agradeço às professoras Cristiane Lazarotto e Manuele Bandeira por terem tornado minha qualificação um momento tão agradável, repleto de trocas imensamente ricas, e pelas sugestões que transformaram este trabalho para melhor. Agradeço, ainda, por terem retornado para a defesa e, mais uma vez, contribuído enormemente, cada uma a sua maneira: à professora Cristiane, por sempre apontar as coisas que eu, acostumada demais com nossa área de contato, por vezes deixo passar; à professora Manuele, por ser sempre objetiva em seus comentários, sem nunca deixar de plantar as reflexões que nos fazem avançar, além de pelas alterações atentas e sugestões valiosas neste texto; à professora Amanda, por me dar a alegria da sua presença, pelo movimento de estabelecer diálogos e por chamar a atenção

para o que vai além das teorias, bem como pelos comentários cuidadosos e dedicados que me guiaram no aprimoramento deste trabalho.

Agradeço à minha mãe, Sinclair, por ser sempre minha maior incentivadora e companhia constante em todos os momentos; por renunciar a tantas coisas para que eu realizasse meus sonhos; por me levar a tantos lugares (e por me esperar neles), literal e figurativamente; por vibrar comigo a cada mínima conquista; por ser meu exemplo de força e de cuidado. Ao meu pai, José, por se fazer presente dentro das suas possibilidades, por sempre perguntar e se importar com como estou e por todas as tantas orações em meu nome. Ao meu irmão, William, por me apoiar e estar presente do seu jeito.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Lucas, presente desde a escrita do projeto deste trabalho, por todo o suporte imensurável, prático e afetivo, desde então: pelas várias ajudas com a organização dos dados e com a formatação do texto; por me socorrer em todas as muitas emergências tecnológicas; por estar sempre disponível para ouvir minhas dúvidas mais aleatórias e tentar pensar em uma solução; por me lembrar de cuidar de mim e da minha saúde mental; por insistir que fazer pausas é tão importante quanto produzir; por me centrar no aqui, no agora e no real; pelo incentivo e pelo amparo nos desabafos; por acreditar e ser sempre sincero; por ser meu porto e meu navegar, todos os dias. Ter você é o motivo para muita coisa ser melhor na minha vida, inclusive este trabalho.

Agradeço à Daniela por, nesses 11 anos de amizade, ser a pessoa que me encontra em todos os desencontros e que, ao mesmo tempo, sempre espera que eu a encontre em qualquer parte do caminho, mesmo que demore; por, como a relação não familiar mais longa da minha vida, me ensinar tanto sobre relações, sobre amizade e sobre ser uma boa amiga; por abrir espaço para que eu descobrisse tanto sobre mim e sobre o mundo e por acolher e desvendar comigo todas essas descobertas. Por aprender e ensinar comigo.

Agradeço à Marcella, por, com sua presença colorida, tornar minha vida melhor e muitas vezes mais fácil. Obrigada pela amizade na vida adulta e pelas fugas tão necessárias a ela. Obrigada por sempre estar, seja como e onde for. Ver o mundo pelos seus olhos, literalmente, faz dele um lugar mais leve e bonito, mesmo quando estamos sendo amargas juntas.

Agradeço às minhas guias, Laís e Fábria, que não só permitem que eu faça o que amo, correr na rua, mas também que fazem isso da melhor forma. Obrigada pelos

quilômetros de companhia e de parceria; por ouvirem meus desabaços e minhas reclamações; pelo incentivo, seja em um treino difícil, seja na vida; pela paciência e pela amizade, mesmo, e principalmente, quando os dias estão difíceis. Saber que nos encontraremos para correr em todas as semanas me dá um incentivo extra para seguir.

Agradeço a Acauã por sempre me ver com tanto carinho e otimismo; pelo nosso dicionário dos afetos; pelas trocas linguísticas e por compartilhar sua paixão que se iguala à minha; por me inspirar na luta; por partilhar sua arte transformadora comigo e, assim, tornar momentos aleatórios extraordinários. Tenho certeza de que nosso encontro está logo ali na esquina. Tanto chão, tanto mar...

Agradeço à Marina por, mesmo quando estamos distantes, estar presente. Meus pensamentos sempre estão contigo e sei que nos encontramos muito mais do que as vezes em que, de fato, estamos juntas presencialmente.

Agradeço à Bia e à Grazi, por me ensinarem diariamente sobre gramática e sobre revisão, pelo apoio constante e pela disponibilidade em ajudar e em discutir longamente sobre algo, se necessário, e, não menos importante, por serem as melhores colegas de trabalho que eu poderia esperar. Ter vocês comigo cotidianamente torna tudo mais fácil, inclusive o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço às colegas do grupo de estudos em Contato Linguístico da UFSC por todas as trocas, acadêmicas ou não, pelos momentos divertidos e pela parceria nos eventos. Em especial, agradeço à Ariele, pela companhia indispensável durante as disciplinas que fizemos juntas e por sempre ter uma palavra positiva na ponta da língua; à Maiara, pela ajuda com os dados, por me ensinar sobre róticos e pelos desabaços que compartilhamos; à Nadia, pela generosidade e gentileza comigo; à Amanda, por toda a ajuda, em diferentes momentos; por sempre estar disposta a discutir sobre STP comigo e pelos vários insights que surgiram nessas conversas; por me ensinar e por me inspirar tanto. Quando crescer, quero ser metade da pesquisadora que você é.

Agradeço à minha psicóloga e ao meu psiquiatra, profissionais incríveis e fundamentais para que eu chegasse (praticamente) inteira ao fim dessa etapa, por, dentre tantas coisas, me ajudarem a ressignificar minha relação com minha neurodivergência e com meus parâmetros de produtividade. O suporte de vocês torna alcançar as cachoeiras do caminho consideravelmente mais simples.

Agradeço às Aidês, por fim e pelo recomeço, pelo nosso carnaval, por me ajudar a sentir mais no corpo e por um propiciar de outro lugar onde pertencer, assim como espaço para descarregar a energia acumulada deste trabalho. Agradeço, sobretudo, por me devolverem a música.

“Há-de nascer de novo o micondó —
belo, imperfeito, no centro do quintal.” (LIMA, 2012, p. 67)

RESUMO

Neste trabalho, realizou-se uma descrição fonológica do sistema consonantal e silábico do português principense (PP), falado em São Tomé e Príncipe (STP), com o objetivo de apontar os segmentos que os compõe, bem como de contribuir para a valorização dessa variedade, que ainda não é legitimada pelo Estado São-tomense. O arquipélago, localizado no Golfo da Guiné e formado pelas duas ilhas que lhe dão o nome, foi cenário de intenso contato linguístico praticamente desde seu descobrimento, por volta dos anos 1400, passando pelo período em que foi colônia portuguesa, no qual representou importante rota para o tráfico de escravizados, até sua independência, em 1975, e, por fim, os dias atuais. A complexa ecologia linguística das ilhas inclui as línguas crioulas autóctones, o kabuverdianu e o português, única língua oficial. O PP, embora empregado no cotidiano dos falantes, não é ensinado nas escolas, lugar reservado ao português europeu. A análise foi realizada por meio de oitiva, a partir de um corpus de entrevistas com dados de fala controlada, coletados na Ilha do Príncipe. Os segmentos consonantais, além de descritos, foram consideradas também conforme sua posição na sílaba, descrita a partir da teoria métrica da sílaba (cf. Selkirk, 1982) a qual postula um sistema binário dividido em ataque e rima. Também serão verificados possíveis processos que afetem sua formação. O PP, conforme a análise dos dados, possui 18 segmentos consonantais, dos quais 6 são oclusivas: [p, b, t, d, k, g]; 6 são fricativas: [f, v, s, z, ʃ, ʒ]; 2 são laterais: [l, ʎ]; 3 são nasais: [m, n, ŋ] e 1 é um rótico [r]. Quanto à sílaba nessa variedade, verificou-se que é formada, hierarquicamente, por onset e rima, essa última subdividida em núcleo e coda; quanto às possibilidades de preenchimento, a posição de onset simples pode ser ocupada por quaisquer uma das consoantes, o núcleo, por quaisquer uma das vogais e a coda por apenas 4 segmentos, [s, n, l, r]. O segundo componente de um onset complexo pode ser apenas uma líquida ou um rótico, enquanto o primeiro pode ser qualquer uma das oclusivas ou uma fricativa labial, /p, b, t, d, k, g, f, v/. A variação encontrada abrangeu fenômenos de africatação das oclusivas dentais, de variação do rótico, em onset simples e complexo; na posição de coda, locus de grande variação, verificou-se diferentes realizações para cada um dos componentes possíveis, bem como vocalização, posteriorização, apagamentos recorrentes, inserção, metátese, lambdacismo e rotacismo. Tais resultados corroboram outros trabalhos e reiteram a singularidade do PP, cujas características são por vezes diferentes e por vezes semelhantes às das demais variedades. Esta descrição de uma variedade ainda pouco estudada assume papel importante no cenário de desvalorização enfrentado pelo PP.

Palavras-chave: Fonologia do português; variedades de português; São Tomé e Príncipe.

ABSTRACT

In this work, we carried out a phonological description of the consonant and syllabic system of Principense Portuguese (PP), spoken in São Tomé and Príncipe (STP), with the aim of identifying the segments that make it up, as well as contributing to the appreciation of this variety, which is still not legitimized by the santomean state. The archipelago, located in the Gulf of Guinea and made up of the two islands that give it its name, has been the scene of intense linguistic contact practically since its discovery in the 1400s, through the period when it was a Portuguese colony, in which it represented an important route for the slave trade, to its independence in 1975, and finally to the present day. The complex linguistic ecology of the islands includes indigenous Creole languages, Kabuverdianu and Portuguese, the only official language. Although PP is used in the daily lives of the speakers, it is not taught in schools, where European Portuguese is reserved. The analysis was carried out by listening to a corpus of interviews with controlled speech data collected on Príncipe Island. In addition to being described, the consonant segments were also considered according to their position in the syllable, described based on the metrical theory of the syllable, which postulates a binary system divided into attack and rhyme. Possible processes affecting their formation will also be verified. According to the data analysis, PP has 18 consonant segments, of which 6 are occlusive: [p, b, t, d, k, g]; 6 are fricative: [f, v, s, z, ʃ, ʒ]; 2 are lateral: [l, ʎ]; 3 are nasal: [m, n, ŋ] and 1 is rhotic [r]. As for the syllable in this variety, it was found that it is hierarchically formed by onset and rhyme, the latter subdivided into nucleus and coda; as for the possibilities of filling it, the simple onset position can be occupied by any of the consonants, the nucleus by any of the vowels and the coda by only 4 segments, [s, n, l, r]. The second component of a complex onset can only be a liquid or a rhotic, while the first can be any of the occlusives or a labial fricative, /p, b, t, d, k, g, f, v/. The variation found included phenomena of affrication of dental occlusives, variation of the rhotic, in simple and complex onset; in the coda position, which concentrated the greatest variation, there were different realizations for each of the possible components, as well as vocalization, posteriorization, recurrent deletions, insertion, metathesis, lambdacism and rotacism. These results corroborate other studies and show that PP is a unique variety, whose characteristics are sometimes different and sometimes similar to other varieties, just like any other.

Keywords: Portuguese phonology; Portuguese varieties; São Tomé and Príncipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Planilha teste 1	102
Figura 2 Planilha teste 2	103
Figura 3 Planilha teste 3	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Articuladores ativos.....	53
Quadro 2 Pontos de articulação das consoantes.....	54
Quadro 3 Propriedades articulatórias secundárias	55
Quadro 4 Pares mínimos do português	55
Quadro 5 Consoantes PB.....	56
Quadro 6 Consoantes PE.....	57
Quadro 7 Consoantes PB com [alofones] e algumas *variantes regionais...	58
Quadro 8 Consoantes PE com [alofones] e algumas *variantes regionais...	59
Quadro 9 Templates silábicos no português.....	64
Quadro 10 Escala de sonoridade do português.....	64
Quadro 11 Consoantes PSTP	71
Quadro 12 Consoantes fonéticas em PP.....	72
Quadro 13 Fenômenos consonantais PP	72
Quadro 14 Moldes silábicos do PP	78
Quadro 15 Fenômenos na coda PP	83
Quadro 16 Moldes silábicos do PP: segmentos licenciados	84
Quadro 17 Segmentos consonantais lung'le	89
Quadro 18 Sílabas lung'le	90
Quadro 19 Sílabas fonológicas possíveis em lung'le.....	90
Quadro 20 Testes do corpus	98
Quadro 21 Falantes por teste	99
Quadro 22 Fonemas consonantais do PP	106
Quadro 23 Oclusivas labiais em PP	107
Quadro 24 Oclusivas alveolares em PP	108
Quadro 25 Oclusivas velares em PP	108
Quadro 26 Fricativas labiais em PP.....	109
Quadro 27 Fricativas alveolares em PP.....	110
Quadro 28 Fricativas palatais em PP.....	110
Quadro 29 Nasais em PP	110
Quadro 30 Laterais em PP	111
Quadro 31 Rótico em PP.....	112
Quadro 32 Preenchimento da sílaba em PP.....	113

Quadro 33 Templates silábicos do PP	113
Quadro 34 Onset simples em PP	114
Quadro 35 Africatização de /t/ em PP	115
Quadro 36 Africatização de /d/ em PP	115
Quadro 37 Realizações do rótico neste trabalho	117
Quadro 38 Ocorrências do rótico	118
Quadro 39 Variação do rótico em posição de onset	119
Quadro 40 Variação no rótico em início de palavra	120
Quadro 41 Preenchimento do onset complexo em PP	121
Quadro 42 Onset complexo com /p/ e /b/	122
Quadro 43 Onset complexo com /t/ e /d/	122
Quadro 44 Onset complexo com /k/ e /g/	122
Quadro 45 Onset complexo com /f/ e /v/	123
Quadro 46 Variação no onset complexo em PP	124
Quadro 47 Apagamento no onset complexo	128
Quadro 48 Núcleo em PP	129
Quadro 49 Vogais segundo a posição	130
Quadro 50 Exemplos de variação no núcleo	132
Quadro 51 Apagamento de núcleo	132
Quadro 52 Possibilidade de preenchimento da coda em PP	133
Quadro 53 Coda /S*/ em PP	133
Quadro 54 Coda /r/ em PP	134
Quadro 55 Coda /l/ em PP	134
Quadro 56 Coda /N*/ em PP	135
Quadro 57 Realizações do /l/ em coda	135
Quadro 58 Apagamento da lateral em coda	136
Quadro 59 Realizações do /S*/ em coda	138
Quadro 60 Apagamento do /s/ em coda	138
Quadro 61 Realizações da coda /r/ em PP	139
Quadro 62 Apagamento no rótico em PP	140
Quadro 63 Realizações da coda /N*/	141
Quadro 64 Lambdacismo em PP	142
Quadro 65 Rotassismo em PP	143
Quadro 66 Apagamento na coda em PP	144

Quadro 67 Ocorrências de inserção e metátese de coda	145
Quadro 68 Metátese em coda	145
Quadro 69 Síntese dos fenômenos em coda.....	146
Quadro 70 Ocorrências da informante 4.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Distribuição de falantes por gênero.....	94
Tabela 2 Número de falantes por teste.....	99
Tabela 3 Distribuição dos dados por falante e teste	100
Tabela 4 Dados analisados	100
Tabela 5 Distribuição da africatação de /t/ em PP.....	116
Tabela 6 Distribuição da africatação de /d/ em PP.....	117
Tabela 7 Distribuição das realizações do rótico.....	118
Tabela 8 Rótico segundo a posição.....	119
Tabela 9 Distribuição do rótico em onset.....	120
Tabela 10 Distribuição da variação do rótico em início de palavra.....	121
Tabela 11 Variação no rótico em onset complexo – /f/	124
Tabela 12 Variação no rótico em onset complexo – /t/	124
Tabela 13 Variação no rótico em onset complexo – /g/	125
Tabela 14 Variação no rótico em onset complexo – /d/	125
Tabela 15 Variação no rótico em onset complexo – /p/	125
Tabela 16Variação no rótico em onset complexo – /k/.....	126
Tabela 17Variação no rótico em onset complexo – /b/	126
Tabela 18 Variação no rótico em onset complexo – /v/.....	126
Tabela 19 Variação do rótico como C2.....	127
Tabela 20 Distribuição do apagamento em onset complexo.....	128
Tabela 21 Síntese da variação em onset complexo.....	129
Tabela 22 Distribuição das realizações da coda /l/ em PP.....	136
Tabela 23 Distribuição do apagamento da lateral em coda	136
Tabela 24Distribuição das realizações da coda /S*/ em PP.....	138
Tabela 25 Apagamento do /S*/ em coda	138
Tabela 26 Distribuição das realizações da coda /r/ em PP.....	139
Tabela 27 Distribuição do apagamento do rótico em coda	140
Tabela 28 Distribuição do apagamento na coda /n/	142
Tabela 29 Distribuição do lambdacismo e do rotacismo em PP.....	143
Tabela 30 Distribuição do apagamento da coda.....	144
Tabela 31Distribuição do apagamento na coda.....	145
Tabela 32Variação /r/ em coda por falante	147

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

C – Consoante;

C1 – Primeira consoante de um onset complexo

C2 – Segunda consoante de um onset complexo

INE – Instituto Nacional de Estatística;

IPA – International Phonetic Alphabet

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

PA – Português angolano

PB – Português brasileiro;

PCV – Português de Cabo-Verde

PE – Português europeu;

PGB – Português de Guiné-Bissau

PM – Português moçambicano

PP – Português principense;

PST – Português são-tomense;

PSTP – Português de São Tomé e Príncipe

PGG – Proto-crioulo do Golfo da Guiné

RAP – Região Autónoma do Príncipe

SAMPA - Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet

STP – São Tomé e Príncipe;

V – Vogal;

VAPs – Variedades africanas de português

LISTA DE CONVENÇÕES

// – notação fonológica

[] – transcrição fonética

0 – apagamento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	24
2	SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE	28
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	28
2.2	A COLONIZAÇÃO DAS ILHAS	30
2.2.1	A chegada dos colonizadores	30
2.2.2	Primeira colonização: o ciclo da cana-de-açúcar	33
2.2.3	A segunda colonização: o ciclo do cacau e do café	36
2.3	AS LÍNGUAS DE STP.....	37
2.3.1	As línguas crioulas	39
2.3.2	As línguas dos contratados	41
2.3.3	A trajetória do português em STP	45
3	CONSOANTE E SÍLABA	51
3.1	AS CONSOANTES	51
3.1.1	As consoantes no português brasileiro e europeu	55
3.1.1.1	<i>As consoantes nas variedades africanas de português</i>	60
3.2	A SÍLABA.....	61
3.2.1	A sílaba em português	63
4	PORTUGUÊS PRINCIPENSE	67
4.1	CONTEXTO SOCIAL	67
4.2	AS CONSOANTES DO PP	70
4.2.1	O rótico em PP	73
4.3	A SÍLABA EM PP.....	78
4.4	A PRESENÇA DO LUNG'IE.....	86
4.4.1	Consoantes do lung'le	88
4.4.2	Sílaba em lung'le	89
5	METODOLOGIA	93
5.1	CORPUS	93
5.1.1	Falantes	94
5.1.2	Testes	95
5.1.2.1	<i>Procedimentos de coleta e descartes</i>	95
5.1.2.2	<i>Teste 1</i>	97
5.1.2.3	<i>Teste 2</i>	98
5.1.2.4	<i>Teste 3</i>	98

5.1.2.5	<i>Síntese de testes e falantes</i>	98
5.2	TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	101
5.3	SÍNTESE DO CAPÍTULO	104
6	ANÁLISE DOS DADOS	106
6.1	SISTEMA CONSONANTAL DO PP	106
6.1.1	As oclusivas	107
6.1.1.1	<i>Oclusivas labiais</i>	107
6.1.1.2	<i>Oclusivas alveolares</i>	108
6.1.1.3	<i>Oclusivas velares</i>	108
6.1.2	As fricativas	109
6.1.2.1	<i>Fricativas labiais</i>	109
6.1.2.2	<i>Fricativas alveolares</i>	109
6.1.2.3	<i>Fricativas palatais</i>	110
6.1.3	As nasais	110
6.1.4	As laterais	111
6.1.5	O rótico	111
6.2	A SÍLABA.....	113
6.2.1	Onset simples	114
6.2.1.1	<i>Variação em onset simples</i>	115
6.2.1.1.1	<i>Africatização de /t/ e de /d/</i>	115
6.2.1.2	<i>Variação na realização do rótico</i>	117
6.2.2	Onset complexo	121
6.2.2.1	<i>Variação em onset complexo</i>	123
6.2.2.1.1	<i>Apagamento em onset complexo</i>	127
6.2.3	Síntese da seção	129
6.3	NÚCLEO.....	129
6.3.1	Variação e apagamento no núcleo	132
6.4	CODA	133
6.4.1	Coda /S*/	133
6.4.2	Coda /r/	134
6.4.3	Coda //	134
6.4.4	Coda /N*/	134
6.4.5	Variação na coda	135
6.4.5.1	<i>Variação da coda //</i>	135

6.4.5.2	<i>Varição coda /S*/</i>	137
6.4.5.3	<i>Varição coda /r/</i>	139
6.4.5.4	<i>Varição coda /N*/</i>	141
6.4.6	Varição das líquidas em coda	142
6.4.7	Apagamento em coda	144
6.4.8	Inserção e metátese de coda	145
6.4.9	Síntese da variação em coda	146
6.5	VARIAÇÃO INTRAFALANTE.....	147
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	153

1 INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, propõe-se uma descrição fonológica das consoantes e da sílaba de uma variedade africana de português falada na República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP), o português principense (PP). O PP é uma das microvariedades que integra a macrovariedade denominada de português de São Tomé e Príncipe (PSTP).

O objetivo geral desta pesquisa, assim sendo, é descrever e analisar os fonemas consonantais e a sílaba da variedade do PP. Para isso, foram elaborados os seguintes objetivos específicos:

Identificar as possibilidades de preenchimento de cada posição da estrutura silábica do PP;

Observar processos fonológicos em relação às consoantes e à sílaba do PP;

Contribuir para a valorização e para a visibilização das variedades africanas de português, em especial o PP.

Tais objetivos surgiram a partir das seguintes perguntas de pesquisa:

Quais fonemas consonantais compõe o inventário fonológico do PP?

Quais desses fonemas podem ocupar cada posição na estrutura silábica dessa variedade?

O arquipélago de STP, constituído pela ilha de São Tomé e pela ilha do Príncipe, além de algumas outras ilhas menores, localiza-se na costa ocidental africana, mais precisamente na região conhecida como Golfo da Guiné. Banhado pelo oceano Atlântico, situa-se distante cerca de 150 km de seus países mais próximos.

A presença do português em STP remonta ao descobrimento desse território, ocorrido por volta do ano 1490 (cf. Hagemeyer, 2009), quando os colonizadores lá chegaram e encontraram um território desabitado, segundo os registros. Iniciaram, então, as tentativas de povoamento, com muitas dificuldades, decorrentes da insalubridade do local, da falta de acesso a alimentos e de outras situações afins. Ademais, grande parte dos colonizadores que integraram esse grupo inicial foram enviados compulsoriamente, visto que deslocamentos voluntários eram raros (cf. SEIBERT, 2015; BANDEIRA, 2017). O processo de colonização estendeu-se até a conquista da independência do país, em 1975.

Em virtude de seu passado recente como colônia portuguesa e das diversas situações de contato linguístico ocorridas nesse período, bem como dos aspectos

sociais e políticos inerentes à colonialidade, as ilhas atualmente detêm uma complexa ecologia linguística. Essa ecologia multilingue constitui-se sobretudo pelo contraste e pelas relações entre as línguas crioulas locais, hoje línguas nacionais, e o português, a única língua com status de oficial (cf. HAGEMEIJER, 2009; AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017; BALDUINO, 2018), além do kabuverdianu, língua crioula de base lexical portuguesa implantada nas ilhas.

As línguas crioulas autóctones surgiram durante a colonização, como consequência do contato linguístico entre a língua portuguesa do colonizador e as diversas línguas das pessoas escravizadas que por lá passaram, impulsionado pelas condições do ambiente e pela necessidade de comunicação. Como sua localização era bastante estratégica para o tráfico de escravizados, as ilhas se tornaram uma espécie de entreposto desse mercado durante alguns anos. Isso fez com que muitas pessoas escravizadas fossem levadas para lá e obrigadas a passar algum tempo aprisionadas juntas em um ambiente ilha. Esse conjunto de circunstâncias deu origem a um pidgin que, depois, transformou-se no proto-crioulo do Golfo da Guiné (PGG) (cf. BANDEIRA, 2017). O PGG, estendido e ramificado ao longo do tempo, especiou-se nas 4 línguas crioulas autóctones e geneticamente relacionadas do Golfo da Guiné: santome, lung'le, angolar e fa d'Ambô.

A paisagem linguística das ilhas, a partir de então, passou a ser dominada pelas línguas autóctones, ao passo que o número de falantes de português não era significativo (cf. Gonçalves e Hagemeyer, 2015). Esse cenário começou a mudar por volta de 1820, com a chegada dos trabalhadores contratados, advindos de diversas partes da África. (cf. GONÇALVES e HAGEMEIJER, 2015). Os recém-contratados, de modo geral, passaram a adotar o português em vez das línguas crioulas, um dos diversos fatores que contribuíram para que essa, com o tempo, fosse promovida à primeira língua (L1)¹ da maioria dos são-tomenses.

Outros fatores, como a proibição das línguas crioulas durante o período do “Estado Novo” (cf. GONÇALVES E HAGEMEIJER, 2015), a eleição do português como língua oficial no pós-independência do país e a massificação da escolarização e da imprensa em português (cf. ARAUJO, 2020), favoreceram a promoção dessa língua à majoritária, com cerca de 98% dos falantes (INE, 2012)

¹ Neste trabalho, utiliza-se L1 para se referir à língua materna e L2 para se referir à segunda língua, bem como à outras línguas que o indivíduo possa conhecer, uma vez que o contexto multilingue do arquipélago torna complexa essa diferenciação.

Em meio a essa conjuntura histórica multifacetada, marcada por tensionamentos e por disputas sociais e linguísticas, emergiram no arquipélago variedades locais de português, fruto do contato com as outras línguas e da vivência cotidiana dos falantes. Contudo, em que pese a presença dessas variedades locais e a diversidade linguística do país, a variedade de português padronizada como norma, difundida pela escolarização e preferencialmente empregada na mídia, ainda é a europeia, variedade empregada pela elite com acesso à língua culta portuguesa (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010; ARAUJO, 2020; BALDUINO, 2022).

Apesar disso, os ainda poucos trabalhos sobre o tema já demonstram, de forma inequívoca, a singularidade do PP, não só em relação ao português brasileiro (PB) e europeu (PE), mas também à outra variedade do PSTP, o português de São Tomé (PST) (cf. BALDUINO, 2018; ARAUJO e BALDUINO, 2019; BALDUINO, 2020; BALDUINO, MENDES E FREITAS, 2020; BALDUINO, 2022; BALDUINO, 2023).

A afirmação de que a realidade sócio-histórica das variedades de português de STP, somada aos esparsos materiais linguísticos dedicados a elas, contribuem para a manutenção do PE como norma linguística do país, defendida por Balduino (2022).

Nesse sentido, pretende-se continuar o trabalho de descrição da variedade do PP (SANTIAGO, 2019; SANTIAGO et al., 2023), expandindo assim o conhecimento que temos sobre a língua portuguesa como um todo. Ademais, a descrição linguística é um passo imprescindível para que estudos mais aprofundados e específicos possam ser realizados no futuro. Por fim, acredita-se, nesta pesquisa, que todas as variedades do português são igualmente importantes e que, assim, merecem a mesma atenção e o mesmo reconhecimento, o que naturalmente também se estende para as investigações linguísticas.

Por fim, este trabalho está dividido da seguinte forma: No capítulo 2, são discutidos aspectos geográficos, históricos e linguísticos de STP. No próximo capítulo, são trazidos os conceitos básicos de consoante e de sílaba, assim como uma discussão geral sobre as consoantes e a sílaba no PB e no PE. A seguir, no capítulo 4, discute-se a variedade do PP, seu contexto social e suas características atinentes às consoantes e à sílaba, seguido do *lung'le*, sua possível influência no PP, bem como seu sistema consonantal e sua estrutura silábica. O capítulo 5, por sua vez, trata da metodologia a partir da qual esta pesquisa foi realizada, da composição do corpus e do tratamento e da análise dos dados. O capítulo 6 é dedicado a expor e a discorrer sobre os resultados encontrados na análise, bem como a pontuar ocorrências de

variação encontradas, para, por fim, encerrar com as considerações finais, no capítulo 7. As referências bibliográficas e os anexos fecham este trabalho.

2 SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Este capítulo é dedicado a discutir aspectos de STP, incluindo uma contextualização geográfica, histórica e linguística. Na primeira seção, são trazidos fatos gerais sobre o país, sua localização e seus indicadores relevantes; na segunda, um panorama da chegada dos portugueses às ilhas e dos dois períodos de colonização promovidos no arquipélago; na terceira, o cenário multilíngue presente nas ilhas e suas implicações sociais e políticas, as línguas crioulas e as línguas dos contratados, além do papel exercido pelo português em tal ecologia linguística, tanto no passado quanto no presente.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

A República Democrática de STP é um país insular, localizado na região conhecida como Golfo da Guiné, há cerca de 300 km da Costa Ocidental da África. Formado pelas duas grandes ilhas oceânicas de São Tomé e do Príncipe, além de outros ilhéus menores e desabitados (exceto o Ilhéu das Rolas), situa-se no meio do Oceano Atlântico, sem nenhuma fronteira terrestre. Seus países vizinhos são Camarões, Guiné Equatorial, Nigéria e Gabão.

O arquipélago divide-se administrativamente entre 7 distritos, em São Tomé, nomeadamente Água Grande, Cantagalo, Caué, Lembá, Lobata e Mé-Zóchi; e um na Região Autónoma do Príncipe (RAP), Pagué. Cada distrito subdivide-se em aglomerações (cidades e vilas) e essas últimas em localidades.

Como o segundo menor país em extensão da África, a superfície total de seu território é de apenas 1001 km², dos quais 859 km² estão em São Tomé e 142 km² no Príncipe. Sua população, conforme dados obtidos no documento do censo de 2017, era de 197.700 indivíduos (INE, 2019). De acordo com o site do Instituto Nacional de Estatística do país (INE), estima-se que a população, em 2024, seria de 228.319 pessoas, sendo 113.034 homens e 115.285 mulheres. A maior parte dessa população, 133.748 habitantes, concentra-se em áreas urbanas, enquanto 63.952 em áreas rurais (INE, 2019).

Até conquistar a independência, ocorrida em 12 de julho de 1975, o arquipélago era uma colônia de Portugal, desde o início de sua colonização, ocorrido em meados

de 1470. Atualmente, STP é uma república semipresidencialista e sua constituição foi promulgada em 2003.

O pequeno país abriga em seu território grandes riquezas históricas, naturais e culturais. A diversidade abundante não se faz presente apenas em seu milenar terreno montanhoso e em sua fauna e flora reconhecidamente relevantes e exuberantes, mas também em seu povo e em suas línguas. A diversidade linguística, aqui discutida com mais detalhes, faz das ilhas ainda mais fascinantes para os entusiastas e os pesquisadores do contato linguístico.

Distante cerca de 150 km à Nordeste de São Tomé, a Ilha do Príncipe, cuja variedade de português é o foco deste trabalho, constitui uma região autônoma, formada pelo distrito de Pagué, desde 29 de abril de 1995. Sua população, de acordo com dados do censo realizado em 2017, era de 8277 pessoas (INE, 2019), sendo 4.034 mulheres e 4.243 homens. A capital é a cidade de Santo Antônio do Príncipe.

O Príncipe é a segunda maior ilha do arquipélago, com 142 km², 15% do território total do país. Uma de suas maiores riquezas é sua biodiversidade internacionalmente reconhecida. As espécies raras e endêmicas que fazem de sua superfície acidentada um santuário da vida selvagem e as densas florestas preservadas fizeram com que, em 11 de julho de 2012, a Ilha do Príncipe fosse eleita reserva mundial da Biosfera pela UNESCO.

Os dados oficiais disponíveis sobre as línguas faladas nas ilhas são escassos e pouco detalhados. Os mais recentes foram coletados durante o recenseamento realizado em 2012 pelo INE. Já o último censo, coletado em 2017, não traz a informação sobre as línguas faladas ou qualquer menção a ela. Tais dados apontam que a língua mais falada no país é de longe o português, com 98,4% dos falantes, seguido pelas línguas crioulas autóctones, forro ou santome, com 36,2%, angolar com 6,6% e lung'le com 1%. O kabuverdianu, língua crioula transplantada de Cabo Verde no século XIX, aparece com 8,5%. As línguas estrangeiras francês e inglês aparecem, respectivamente, com 6,8% e 4,9% dos falantes (INE, 2012). É importante destacar que não há dados específicos sobre multilinguismo ou sobre a aquisição dessas línguas, o que compromete a análise (cf. BALDUINO, 2018; CRISTOFOLETTI; ARAUJO, 2019; SANTIAGO & AGOSTINHO, 2020). Ao longo deste trabalho, esse tópico será mais discutido.

No que tange à realidade linguística do arquipélago na prática, Agostinho (2015, p. 28) pôde observar, durante seus trabalhos de campo, que o santome é a

língua crioula de maior prestígio e com o maior número de falantes, mesmo entre os grupos falantes de outras línguas crioulas. Constatou, ainda, que o lung'le, cuja informação sobre o número de falantes é controversa, seria falado apenas por cerca de 300 pessoas, todas já idosas. Nesse sentido, conforme a autora, na ilha do Príncipe há mais falantes de kabuverdianu que de lung'le, muitos deles monolíngues. Já o angolar, a única língua de STP que surgiu em uma comunidade de escravizados fugidos das roças ou dos quilombos (FERRAZ, 1976, SEIBERT, 2007 apud AGOSTINHO, 2015, p. 27), seria falada por cerca de 5 mil pessoas, majoritariamente no Distrito de Caué.

A intrincada situação linguística de STP, onde diferentes línguas coexistem e circulam no território de formas bastante particulares, é sustentada e construída por inúmeros fatos e fatores históricos, políticos e sociais, característicos do país e de suas trajetórias. Em busca de entender, primeiramente, os fatos históricos que constituíram STP, dedicam-se as próximas subseções a discutir o processo de colonização das ilhas.

2.2 A COLONIZAÇÃO DAS ILHAS

Como destaca Seibert (2006, p. 22), a república das ilhas de STP não difere dos outros estados africanos apenas devido ao seu tamanho e à sua situação insular, mas também devido às suas características históricas, econômicas e socioculturais. Portugal governou seu território por 500 anos, um dos períodos mais longos de dominação europeia na história colonial. Nesse intervalo de tempo, os portugueses colonizaram as ilhas em dois momentos distintos, conhecidos como primeira e segunda colonização (cf. HAGEMEIJER, 2009; SEIBERT, 2006, 2015), conforme detalhado a seguir.

2.2.1 A chegada dos colonizadores

Os pesquisadores concordam, a partir dos registros disponíveis, que o território de STP encontrava-se desabitado no momento em que os navegadores portugueses lá chegaram, durante a metade final do século XV.

As ilhas de São Tomé, do Príncipe (anteriormente Ilha de Santo Antão) e de Ano Bom teriam sido descobertas pelos navegadores portugueses João de Santarém

e Pedro Escobar em 21 de dezembro (dia de São Tomé), 17 de janeiro e 1 de janeiro, respectivamente, muito provavelmente entre 1470, 1471 e 1472 (cf. Seibert, 2006; Ferraz (1979). Hagemeyer (2009) também afirma que a descoberta das ilhas é geralmente atribuída aos anos de 1471/2.

Sobre isso, no entanto, Bandeira (2017) assinala que o ano exato não é consenso entre os historiadores, oscilando entre as datas de 1470 e 1478 para São Tomé, 1479 para o Príncipe e 1507 para Ano Bom. Todavia, as ilhas ganharam importância geoestratégica, conforme Seibert (2015), apenas após a construção do forte São Jorge da Mina, em 1482, e a chegada dos portugueses ao Congo, no ano seguinte.

Ainda de acordo com Seibert (2015), os objetivos da colonização, nesse momento, eram o estabelecimento de uma colônia de povoamento europeu, a produção de açúcar, a instalação de um entreposto para a navegação marítima em direção à Ásia e a difusão do cristianismo na região (SEIBERT, 2015; 2006). Assim, em 1485, o rei João II de Portugal concedeu a capitania de São Tomé ao nobre João da Paiva, com instruções para que ele encontrasse uma colônia destinada ao cultivo de cana de açúcar. As condições encontradas na pequena ilha de São Tomé eram ideais para o projeto de colonização portuguesa (cf. Seibert, 2006).

Contudo, as condições insalubres do ambiente mostraram-se um obstáculo insuperável para os colonizadores nesse momento, dado que os primeiros portugueses a se estabelecerem na ilha de São Tomé, a primeira a ser povoada, em 1486, sucumbiram ao clima tropical e à falta de alimentos. Nova tentativa, dessa vez bem-sucedida, foi feita em 1493, quando houve o primeiro povoamento definitivo, com uma maior presença de portugueses (cf. SEIBERT, 2006; HAGEMEIJER, 2009). Nessa ocasião, o terceiro donatário, Álvaro Caminha, conseguiu estabelecer um povoamento no nordeste da ilha de São Tomé, atual Baía Ana Chaves, embora ainda pouco numeroso para ser considerado de grande escala (Balduino e Bandeira, 2022).

Além de um pequeno grupo de voluntários brancos, comerciantes a serviço da metrópole e pessoas em busca de melhores condições financeiras, a coroa de Portugal enviou à ilha muitos degredados, homens que tinham cometido crimes no país, mas também prostitutas e outras pessoas consideradas indesejáveis (GARFIELD 1992 apud BOUCHARD, 2017). Ir para São Tomé era a alternativa à prisão ou morte para criminosos como ladrões e assassinos (HENRIQUES, 2000 apud Bouchard, 2017), porém, os crimes punidos com o degredo também envolviam

motivos religiosos, como a acusação de heresia ou mesmo a contradição entre hábitos cotidianos e hábitos estabelecidos (GOMES, 2019).

Em decorrência da insalubridade do clima e da grande distância de Portugal, poucos colonos iam voluntariamente para São Tomé. Assim, a deportação de degredados tornou-se frequente. Por esse motivo, também, que a criação de uma colônia europeia no arquipélago falhou.

Ademais, em 1493, Portugal enviou 2000 crianças judias para São Tomé, cujos pais fugiram da Espanha para Portugal, a fim de convertê-las em 'boas' católicas (FERRAZ, 1979, p. 16 apud BANDEIRA, 2017; SEIBERT, 2007). No entanto, devido às condições insalubres nas embarcações e na chegada às ilhas, apenas cerca de 600 crianças teriam sobrevivido, entre meninos e meninas (BRÁSIO, 1953 apud BANDEIRA, 2017). Não obstante, Seibert (2007) alerta que esse número elevado de crianças é bastante improvável, já que as fontes diferem consideravelmente. Ainda assim, Caminha enfatizou em seu testamento de 1499 que as crianças judias permitiram estabelecer o assentamento com menor custo, conforme Seibert (2006). Esses jovens não eram escravizados, mas, pelo contrário, recebiam escravos para cuidá-los. Também cada colono recebia uma escravizada e um escravizado para trabalhar para ele (ALBUQUERQUE, 1989 apud SEIBERT, 2015).

Outro importante contingente que compôs esse povoamento inicial foram os escravizados que, no momento do primeiro povoamento, foram sequestrados, a princípio, da região do Delta do Níger (atual Nigéria), devido aos laços comerciais e diplomáticos que os portugueses mantinham com o Reino de Benin. A partir da primeira década de 1500, também foram sequestrados escravizados provenientes dos reinos do Congo e do Ndongo (Angola) (cf. Hagemeyer, 2009; Seibert, 2015).

As outras ilhas, de acordo com Hagemeyer (2009) teriam sido povoadas a partir de São Tomé. Há registros de que alguns moradores e escravizados se deslocaram para o Príncipe temporariamente devido à falta de alimentos, mas a doação efetiva da ilha ocorreu em 1500 e o povoamento na mesma época ou ligeiramente mais tarde. Seibert (2006) aponta que o povoamento do Príncipe teve início apenas em 1502, quando o rei cedeu a ilha ao donatário Antônio Carneiro. Os seus herdeiros mantiveram a capitania do Príncipe até 1753, ano em que a ilha passou para a coroa (SEIBERT, 2015). Já sobre Ano Bom, pouco se sabe para além de sua doação, em 1503 (HAGEMEIJER, 2009).

Hagemeijer (2009) ainda explica que há duas fases pelas quais a ocupação inicial do arquipélago pode ser dividida, a fase de habitação e a fase de plantação. A primeira delas pode ser caracterizada como um dos períodos de povoamento mais intensos, iniciado no ano de 1493. Geralmente, as pessoas chegavam nesse período por estarem ou a serviço da coroa portuguesa ou ligados ao comércio com a região da Guiné. No entanto, como dito acima, a maioria de degredados, indivíduos que cometeram crimes graves em Portugal e eram mandados para povoar a ilha (BANDEIRA, 2017). Essa fase, de acordo com Hagemeijer (2009), caracterizava-se por um baixo número de povoadores, essencialmente homens brancos, que recorriam à mão de obra africana, em maioria numérica, para as tarefas rurais, domésticas e de obra, já que não havia ainda uma atividade econômica de maior envergadura em desenvolvimento na ilha.

A segunda fase, por sua vez, começou a partir de 1515, com o cultivo da cana-de-açúcar. Foi o início de um tipo de produção agrícola em larga escala no modelo plantation, baseado em trabalho escravo, monocultura e exportação, como detalhado na próxima subseção.

2.2.2 Primeira colonização: o ciclo da cana-de-açúcar

Depois de 1515, STP adentrou em um período de crescimento e de prosperidade abundantes, grande parte advindo das necessidades e dos benefícios da exploração da cana-de-açúcar, o que demarcou o começo da fase de plantação no arquipélago.

O início da colonização efetiva de STP, decerto, está intimamente ligado ao açúcar, cuja produção foi iniciada em 1517, com a construção de dois engenhos de cana (GARFIELD, 1992 apud ARAUJO, 2020; Seibert, 2006). Esse sistema de plantação expandiu-se rapidamente e, a partir de 1520, conforme Seibert (2006), a exploração da cana sacarina assumiu o papel principal na economia florescente das ilhas.

À medida que crescia o número de engenhos, crescia também a necessidade de mão-de-obra para suprir a demanda de produção e, com isso, mais escravizados eram levados a STP. Não há consenso quanto ao número total de engenhos no apogeu da cultura da cana, mas Eyzaguirre (1986 apud ARAUJO, 2020) sugere que

chegou a existir cerca de 200 engenhos. Já Seibert (2006) afirma que, por volta de 1549, havia cerca de 600 a 700 domicílios, 60 engenhos e 1000 escravizados.

Serafim (2000 apud ARAUJO, 2020), por sua vez, menciona a existência de 120 engenhos em 1620. Se considerarmos que cada engenho tinha em média 50 escravizados (EYZAGUIRE 1986: 60), a população de trabalhadores africanos nos engenhos variou entre 6 mil e 10 mil. Garfield (1992) fala entre 9 e 12 mil escravizados por volta de 1580, no apogeu da produção. No século XVI, os fazendeiros ricos tinham até 300 escravizados, de acordo com Seibert (2006).

Hagemeijer (2009) identifica dois tipos de escravizados em STP, os chamados escravizados de quarto e de resgate. No primeiro momento, como explica o autor, os colonizadores precisavam pensar na organização da vida na ilha, o que fez com que fosse grande o afluxo de escravizados africanos forçados a trabalhar em tarefas domésticas e no campo. Esse grupo era chamado de escravizados de quarto, cuja estadia era de caráter permanente. Eles também tinham mais contato com os povoadores e, conforme Seibert (2015), eram, em sua maioria, mulheres e tinham maior chance de obter a alforria.

Havia também, conforme os autores, aqueles chamados de escravizados de resgate, destinados à reexportação, importados das regiões costeiras do litoral africano e tratados como uma mercadoria pelos colonizadores em diversos negócios. Alguns eram vendidos, outros retidos para pagar os soldos aos primeiros povoadores. No entanto, a maioria deles servia como moeda de troca para a feitoria da Mina, situada na atual Gana, onde eram reexportados. Sua presença era de caráter temporário e não deveria ultrapassar 50 dias, mas na realidade, essas pessoas acabavam por passar vários meses trabalhando nas plantações em São Tomé, em virtude dos atrasos no embarque (cf. Hagemeijer, 2009:1999; Seibert, 2015).

Naquela altura, os moradores de São Tomé não apenas dependiam da força de trabalho dos escravizados para manter suas atividades, mas também participavam do tráfico regional de escravizados entre o Reino de Benim e o forte São Jorge da Mina, até Portugal conquistar, em 1519, o monopólio desse tráfico entre Benim e a Costa de Ouro. (SEIBERT, 2015). Hlibowicka-Weglarz (2011) afirma que, com o tempo, os portugueses perceberam como o tráfico de escravizados era rentável e, a partir de 1500, começaram aos poucos a adquirir os direitos desse mercado, para, em 1515, tornarem-se de intermediários a detentores dos direitos exclusivos. Isso quer dizer que, a partir de então, todo o tráfico de escravizados do Golfo da Guiné passava

obrigatoriamente pelas ilhas, (HAGEMEIJER, 1999). A posição de São Tomé como entreposto de escravizados foi ganhando terreno desde 1500 e cresceu rapidamente até por volta de 1530, quando o tráfico transatlântico de escravizados para as Américas teve início. A partir de então, São Tomé tornou-se o que o autor chama de um grande entreposto atlântico, abastecendo não só o mercado de Lisboa, mas também sociedades coloniais emergentes nas Américas. Tal cenário perdurou até o arquipélago perder sua importância como entreposto em meados do século XVII, devido à emergência de Luanda como principal mercado do tráfico transatlântico (SEIBERT, 2015). Depois de Cabo Verde, São Tomé foi o segundo território onde africanos e europeus conviveram de forma permanente, resultando em uma sociedade profundamente misegenada.

A partir da metade do século XVII, a indústria do açúcar gradualmente entrou em declínio, em consequência da menor qualidade do açúcar de São Tomé em comparação com o produzido no Brasil, a crescente ameaça de invasão de franceses, holandeses e britânicos, além dos constantes ataques dos escravizados fugidos, conhecidos como angolares. Com a extinção das grandes fazendas, a escravatura doméstica dominou a paisagem das ilhas (SEIBERT, 2015). Nesse momento, o mais comum era a posse de um ou dois escravizados, afora para alguns proprietários maiores. A agricultura de monocultura transformou-se em de subsistência e o número de portugueses nas ilhas diminuiu ainda mais.

No fim, a maioria dos fazendeiros se mudou para o Brasil, em busca de melhores oportunidades. Assim, a economia de plantação paulatinamente deixou de existir e as florestas tropicais tomaram muitas das antigas fazendas (cf. SEIBERT, 2006). Se antes a população de brancos nas ilhas já era consideravelmente menor em relação aos escravizados e aos forros, com a perda da relevância econômica do arquipélago, tornou-se insignificante. Representava, em 1758, apenas 0,4% do total, como mostra Araujo (2020). Apesar da prosperidade inicial, a primeira colonização de STP não foi um sucesso econômico. A partir desse momento, STP entrou em um período de quase abandono por parte de Portugal, que terminou com o início da segunda colonização, detalhada a seguir.

2.2.3 A segunda colonização: o ciclo do cacau e do café

O período da segunda colonização, iniciado por volta de 1852, caracteriza-se por nova implantação do sistema de plantação no arquipélago, bem como pela introdução do trabalho nas roças, dos trabalhadores contratados e de suas línguas ao já complexo cenário multilingue das ilhas. Além disso, foi nesse momento que o cenário linguístico do arquipélago sofreu profunda alteração.

O interesse de Portugal retornou a STP na segunda metade do século XIX, em decorrência de uma série de movimentações políticas. Com a mudança da capital do Príncipe para São Tomé, em 1852, houve o início da segunda colonização. Esse ano também marcou o fim de um período de instabilidade em Portugal, que resultou no abandono das colônias à própria sorte (SEIBERT, 2006). A economia de plantação foi reestabelecida por meio da introdução do café e do cacau do Brasil, respectivamente em 1787 e em 1820.

A expansão do cacau deu-se rapidamente, ocupando áreas que tinham ficado incultas na época da produção de açúcar e se estendendo por todas as regiões das ilhas, chegando a ocupar $\frac{3}{4}$ da superfície total em 1913 e logo tornando-se uma monocultura. Apesar das sucessivas quedas que a indústria cacauceira sofreu desde então, sempre representou aproximadamente 90% das exportações agrícolas do arquipélago, até hoje. (cf. SEIBERT, 2015)

Durante poucos anos antes da Primeira Guerra Mundial, São Tomé e Príncipe tornou-se o maior produtor mundial de cacau. Contudo, a partir de 1918, a produção começou a entrar em declínio devido à infestação dos cacauzeiros por pragas, à erosão dos solos e à concorrência crescente dos pequenos produtores no continente africano. Na véspera da independência de São Tomé e Príncipe, em 1975, a área cultivada pelo cacau era de apenas um quarto da área total do país, e a produção não ultrapassava 10.000 toneladas (EYZAGUIRRE, 1986 apud SEIBERT, 2015).

O cenário social e linguístico de São Tomé e Príncipe sofreu outra mudança significativa com a abolição formal da escravatura em 1875, a chegada dos trabalhadores contratados. Enquanto os escravizados nativos foram libertados em 1854, os estrangeiros só o foram 22 anos depois. Neves (1929:59 apud BAXTER, 2002) afirma que, depois da abolição, muitos desses estrangeiros continuaram a trabalhar para seus antigos proprietários. Conforme o autor, de cerca de 6 mil desses estrangeiros, em 1876, pelo menos metade deles continuava trabalhando em 1881 e

um terço em 1895. No entanto, esse número de trabalhadores não era o suficiente para a demanda crescente de trabalho nas plantações.

Assim, a recusa da maioria dos escravizados recém libertos em continuar trabalhando em regime assalariado somada à necessidade de mão de obra para as roças de cacau desencadeou uma crise braçal, logo resolvida quando os portugueses os substituíram por contratados. Esses trabalhadores, chamados de serviçais, foram recrutados inicialmente no Gabão, em Adra (Daomé), na Costa do Ouro e na Libéria, mas depois de 1879, exclusivamente em Angola. Contrataram ainda em colônias inglesas e francesas, nas colônias portuguesas da Guiné, Ajuda (em Benin moderna). Entretanto, até o fim do século XIX, e ainda nas primeiras décadas do século XX, predominaram os angolanos (BAXTER, 2018). O recrutamento de serviçais de Cabo Verde e de Moçambique começou apenas em 1903 e em 1908, respectivamente (SEIBERT, 2006, 2015). Isso continuou até 1974, com Moçambique e Cabo Verde fornecendo a maior parte dos trabalhadores a partir de 1940 (BAXTER, 2002).

O impacto da chegada de grandes contingentes de contratados em STP pode ser facilmente observado por meio dos dados demográficos que, conforme Gonçalves e Hagemeijer (2015), mostram que a partir de 1870, o número de contratados nas ilhas passou a representar cerca de metade da população total, havendo também um aumento substancial do número de portugueses em função do interesse no novo ciclo econômico. Em 1900, os contratados eram 18.033, de um total de 42.103 habitantes. 21 anos depois, esse número tinha aumentado para 38.697, de um total de 59.055 habitantes.

Os contratados ficavam confinados às roças em São Tomé e no Príncipe, sem contato com o resto da população do arquipélago, alijados do convívio social e também de condições mínimas de trabalho. Trabalhavam e viviam em condições análogas à escravidão, além de serem considerados socialmente inferiores (cf. ARAUJO, 2020). Naturalmente, tais condições também influenciaram de forma significativa nas relações das pessoas com e entre as línguas, como destacado na seção que segue.

2.3 AS LÍNGUAS DE STP

Assim como os fatos políticos, econômicos e sociais da história de um país são fundamentais para a compreensão de sua realidade atual e dos caminhos que a

construíram, os fatos linguísticos dessa história também ocupam papel central na discussão e merecem igual atenção. Afinal, as grandes e pequenas questões da sociedade sempre são refletidas no uso pensamento', reconhecendo que a linguagem é tanto a fundação quanto o material de construção da casa social. A arquitetura final da sociedade e as subseqüentes remodelações também são medidas a partir e por meio da linguagem. A língua dá voz à ação humana, de maneiras complexas e sutis." (WARDHAUGH, 1997 apud FISCHER, 2009).

A língua, dessa forma, está profundamente imbricada no tecido político e social da sociedade, ao mesmo tempo influenciando e sendo influenciada nos diferentes momentos de sua história. Essa ideia conecta-se profundamente com a concepção interacionista de língua que embasa esta pesquisa, para a qual a língua é entendida como veículo de significações ideológicas, constituída histórica e socialmente e fundamentalmente dialógica (cf. Bakhtin & Voloshinov, 1992).

Como já mencionado e reforçado por Balduino (2018, p. 30) “[o] arquipélago apresenta grande riqueza de recursos naturais, culturais, étnicos e, também, grande variedade linguística. STP é reconhecido por seu caráter multilíngue, onde diferentes línguas convivem e mantêm-se em contato.” Tal diversidade linguística, pela qual STP inclusive se destaca, é o foco desta seção.

Parte-se do princípio de que a língua estava presente durante todos os períodos descritos acima, de diferentes formas, dado que não existe língua apartada de seu tecido social. Devido a isso, optou-se por separar esta seção, a fim de destacar esses fatos linguísticos quando possível, embora falte muita informação, especialmente sobre o que teria ocorrido no Príncipe, sendo privilegiada a história de São Tomé nos registros. Mesmo que as duas ilhas compunham e ainda compõem um único país, por vezes a realidade pode ser bastante distinta, sem contar a distância física entre elas. Entretanto, cabe salientar que essa separação não significa de maneira alguma que a história social e linguística das ilhas deva ser encarada separadamente, haja vista que isso é impossível para a concepção sociointeracionista de língua que embasa esta pesquisa (Bakhtin e Voloshinov, 1992).

Dito isso, serão destacados alguns pontos importantes na história linguística de STP, assim como empreendidas discussões sobre sua realidade atual e hipóteses relacionadas a o que pode ter levado a ela.

2.3.1 As línguas crioulas

As línguas crioulas autóctones de base portuguesa de STP, *santome*, *lung'le* e *angolar*, emergiram em decorrência do intenso contato linguístico ocorrido sobretudo na primeira colonização, propiciado por condições políticas bastante particulares de violência e de aprisionamento. Essas línguas ainda circulam no arquipélago, ainda que enfraquecidas, junto ao *kaboverdianu*, língua crioula transplantada de Cabo Verde.

De acordo com Myers-Scotton (2002 apud AGOSTINHO, 2015, p. 25), são necessários alguns ingredientes sóciohistóricos básicos para a formação de pidgins e de línguas crioulas, os quais estavam presentes em STP. Conforme a autora, primeiramente, falantes de línguas ininteligíveis entre si devem ser colocados em um sistema plantation isolado. Isso ocorreu, em STP, com as pessoas escravizadas, sequestradas em diferentes lugares da África, e aprisionadas juntas.

A partir da necessidade de se comunicar, prossegue a autora, faz-se necessária uma língua franca, porém nenhuma das línguas dos escravizados conta com falantes o bastante para ser escolhida, ou não há um grupo majoritário com prestígio suficiente para impor sua língua como franca. No caso de STP, ambas as possibilidades podem ter se aplicado, visto que as línguas eram muitas e, ao mesmo tempo, a organização social dos grupos de escravizados era dificultada.

Dessa maneira, como aponta Myers-Scotton (2002 apud AGOSTINHO, 2015, a outra opção seria a língua dos colonizadores, que contava com maior prestígio. Entretanto, os escravizados não passavam muito tempo com os colonizadores e não tinham muitas oportunidades para adquirir essa língua, que era o português, no arquipélago. Ou seja, a transmissão era frequentemente irregular.

Dessa forma, o objetivo era criar uma língua para ampliar a comunicação. Como resume Agostinho (2015):

“Esses ingredientes, somados ao ambiente ‘ilha’ e à violência do sistema escravista, onde havia pouca chance de movimentação dos indivíduos, e às imposições linguísticas e culturais do colonizador, bem como à multiplicidade linguística e criatividade dos falantes, tornaram STP um cenário perfeito para o surgimento de línguas crioulas.” (AGOSTINHO, 2015)

Hagemeijer (2009) assinala que os chamados escravos de quarto, cuja presença na ilha tinha caráter permanente, em decorrência do trabalho para o qual eram destinados, desempenharam papel central no processo de crioulização devido a seu maior contato com os colonizadores. Ademais, Hagemeijer (1999) acrescenta que, como provavelmente havia uma porcentagem relativamente grande de mulheres entre os escravizados do tipo doméstico, é muito sugestivo atribuir-lhes esse papel, ainda mais que a miscigenação foi sempre presente em São Tomé. Enquanto isso, os escravizados de resgate, que deveriam passar pouco tempo nas ilhas à espera de serem enviados a seus destinos, acabavam por ficar longos períodos trabalhando nas roças em razão dos atrasos no embarque e, assim, participavam também de alguma forma do processo de crioulização nas ilhas. Essa transitoriedade, inclusive, adiciona ainda mais camadas a um cenário já complexo.

Em consequência disso, em conformidade com Hagemeijer (2009) e Bandeira (2017), por meio do contato entre falantes de português, em menor número, com falantes de diversas línguas de origem africana, em maior número, a fase de habitação foi um período propício para a crioulização. Os fatores condicionantes do surgimento de tal crioulo, conforme Bandeira (2017), podem ser diretamente relacionados ao intenso contato entre escravizados e portugueses e à necessidade imediata de comunicação, que levou os escravizados a buscar uma aproximação com o código linguístico usado pelos povoadores.

Desse modo, de acordo com Bandeira (2017), surge uma língua emergencial, que, posteriormente, expande-se e é promovida à posição de primeira língua dos descendentes desse contato. Essa língua inicial denomina-se protocrioulo do Golfo da Guiné. (cf. BANDEIRA, 2017)

O processo de ramificação dessa protolíngua, novamente de acordo com a autora, teve início ainda durante o período de habitação, a partir da separação geográfica de seus falantes, uma vez que as ilhas do Príncipe e de Ano Bom passaram a ser povoadas nesse período e que esses falantes, outrora confinados à ilha de São Tomé, foram enviados para outras regiões ou se tornaram foragidos dos engenhos e deram origem à comunidade dos angolares em São Tomé.

A partir dessa conjuntura, surgiram as quatro línguas autóctones e geneticamente relacionadas do Golfo da Guiné: santome (ou forro), lung'le, angolar e fa d'Ambô (cf. Bandeira, 2017). No momento atual, as três primeiras são faladas em STP, dotadas de estatuto de língua nacional, enquanto a última é falada nas ilhas de

Ano Bom e de Bioko, na Guiné Equatorial. Embora aparentadas, essas línguas são ininteligíveis entre si (Bandeira, 2017; Agostinho, 2015).

Gonçalves & Hagemeijer (2015) indicam que as escassas informações sobre a situação linguística do arquipélago anteriores ao século XX mostram que, até a entrada da segunda colonização, as línguas crioulas predominavam. O português, nesse momento, estaria circunscrito aos contextos que requeressem contato direto com o regime colonial, havendo poucos falantes nativos.

2.3.2 As línguas dos contratados

Como já mencionado, outra mudança expressiva transformou radicalmente o cenário social e linguístico das ilhas na metade final do século XIX. A abolição formal da escravatura, ocorrida em 1875, e a consequente necessidade de mão de obra para as plantações de cacau, demandou a chegada de milhares de trabalhadores contratados, vindos de outros países. Essas pessoas e suas línguas adicionaram ainda mais diversidade a um território já multilíngue.

Tais trabalhadores, também conhecidos como serviçais, foram recrutados inicialmente no Gabão, em Adra (Daomé), na Costa do Ouro e na Libéria, mas a partir de 1879, exclusivamente em Angola. Os portugueses contrataram ainda em colônias inglesas e francesas, nas colônias portuguesas da Guiné, Ajuda (em Benin moderna). Contudo, até o fim do século XIX, e ainda nas primeiras décadas do século XX, predominaram os contratados de Angola. (BAXTER, 2018). O recrutamento de serviçais de Cabo Verde e de Moçambique começou apenas em 1903 e em 1908, respectivamente (SEIBERT, 2006, 2015). Isso continuou até 1974, com Moçambique e Cabo Verde fornecendo a maior parte dos trabalhadores a partir de 1940 (BAXTER, 2002).

O impacto da chegada de grandes contingentes de contratados em STP pode ser facilmente observado através dos dados demográficos que, conforme Gonçalves e Hagemeijer (2015), mostram que, a partir de 1870, o número de contratados nas ilhas passou a representar cerca de metade da população total, havendo também um aumento substancial do número de portugueses, em função do interesse no novo ciclo econômico.

Em 1900, os contratados eram 18.033, de um total de 42.103 habitantes. Apenas vinte e um anos depois, esse número tinha aumentado para 38.697, de um total de 59.055 habitantes.

Além do português e das três línguas crioulas autóctones surgidas na primeira colonização, STP passou, então, a acolher também as línguas dos recém-chegados, com destaque para as línguas bantas, como o umbundo e o kabuverdianu. (GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015). Dessas, apenas o kabuverdianu ainda é falado amplamente, em especial na ilha do Príncipe (cf. AGOSTINHO, 2015). Isso se deve a fatores como o baixo índice de repatriamentos de cabo verdianos e a estreita relação entre a identidade cabo verdiana e sua língua (cf. SEIBERT, 2015:2001; GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015). Seibert (2006) menciona que alguns cabo-verdianos frequentemente falavam português. O fato de serem falantes de uma língua crioula de base portuguesa poderia ser uma vantagem no aprendizado da língua.

Assim como ocorreu com os escravizados, os contratados também não falavam o português (cf. GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015), mas é interessante notar que a língua que esses trabalhadores tipicamente começaram a adotar como L2 foi o português, em vez do santome. Isso talvez tenha se devido ao isolamento em que viviam nas roças e, conseqüentemente, ao pouco contato que mantinham com os falantes dessa língua. Todavia, também pode revelar um certo prestígio do português já nesse momento.

Além disso, outro fato linguístico relevante decorreu da entrada dos grupos de contratados em STP, o surgimento, dessa vez não de uma língua, mas sim de uma nova variedade da língua portuguesa. O contato dos contratados, falantes de línguas principalmente bantu, e seus descendentes, com o português dos seus supervisores europeus, no ambiente isolado das roças de cacau, principalmente as maiores como Monte Café e Agostinho Neto, deu origem a uma variedade de português chamada de português dos Tongas (Baxter, 2002).

Conforme o autor, essa denominação refere-se aos trabalhadores contratados nascidos em São Tomé, os filhos da terra, que eram chamados de “Tongas” e que foram obrigados a permanecer nas ilhas, como “propriedades” das roças, enquanto a maioria dos outros puderam ser repatriados em algum momento. Em 1940, eles eram tantos que, em parte por necessidade de espaço para receber mais trabalhadores e em parte por pressão governamental, pequenas moradias foram criadas para eles nas plantações (cf. BAXTER, 2002).

A respeito da formação do português dos Tongas, Baxter (2018) aponta que os angolanos constituíram elemento chave, em virtude de uma complexidade de fatores sócio-históricos, sendo um deles o fato de terem sido os primeiros serviçais contratados após a abolição. Sua presença também foi marcante porque os angolanos, importados para São Tomé em grande número e por um longo tempo, não foram repatriados antes de 1909. Além disso, destaca Baxter (2018) que o contato linguístico, bem como a necessidade de comunicação no contexto das roças, levou à utilização de um koiné baseado na língua umbundo como veículo de comunicação intra-étnica.

Ao chegar às roças, os africanos continentais raramente possuíam algum conhecimento de português (cf. Baxter, 2018:2002). Comunicavam-se em suas línguas, algumas das quais funcionaram como língua franca, até que eles adquirissem o português como L2, uma vez que, confinados no ambiente das roças, estavam restritos a uma situação em que o português era a língua de comunicação entre trabalhadores e supervisores. Eles eram muitas vezes distribuídos nas roças de acordo com a língua que falavam e os supervisores eram europeus, pelo menos até o século XX, quando há registros de que tongas também assumiram essa função.

O constante fluxo de africanos encaminhados para as roças de cacau nas ilhas significou que esse português, adquirido como L2, presumivelmente de forma irregular, tornou-se, com o tempo, a variedade dominante falada pelos trabalhadores nas plantações.

Ainda de acordo com Baxter (2002), a variedade de português falada pelos tongas divergia consideravelmente daquela falada por seus supervisores europeus. Essa variedade foi usada em contextos de trabalho, para a comunicação entre grupos e, gradualmente, também para a comunicação interna dos grupos, juntamente com as línguas ancestrais.

Foi esse português L2, aprendido em razão do trabalho e do contato com os supervisores europeus, somado à necessidade de comunicação e às situações de contato linguístico entre serviçais de diferentes nacionalidades, que deu origem ao português dos Tongas.

As crianças nascidas nesse contexto, além de terem o umbundo L1 e L2 como modelo para aquisição, por exemplo, tiveram, ainda, a variedade L2 de português dos serviçais, predominante, e o português europeu dos administradores da roça. Baxter (2018) assume que o português L1 dos tongas foi fortemente influenciado pelo

português aprendido como L2 pelos serviçais. Assim, “O PT constitui um produto clássico de um processo de transmissão linguística irregular, no qual os dados L2 contribuíram substancialmente para a gramática da L1 emergente.” (BAXTER, 2018). A década de 1950 foi quando as crianças tongas começaram a ser expostas a algum nível de instrução formal em português, restringindo o desenvolvimento do português dos tongas e conduzindo-o para mais próximo de uma variedade do português europeu.

De acordo com Gonçalves & Hagemeijer (2015), hoje não restará muito do português dos Tongas, devido a todas as alterações que vieram com a independência, mas o seu legado linguístico contribuiu para o que é hoje a variedade de português de STP.

Hagemeijer (2018) afirma que, após a independência, os tongas foram gradualmente assimilados pelos forros, o que dependia no início dos concubinatos entre mulheres tongas e homens forros. Contudo, o papel dos descendentes dos tongas na promoção do português tem ainda um outro desdobramento com a declaração de independência política de Portugal, em 1975, a decretação da coletivização das roças pelo regime de matiz socialista implantado em STP e o consequente aumento da migração campo/cidade. O fracasso da reforma agrária e o abandono das propriedades rurais levou às cidades a terceira geração dos tongas, antes ainda confinados nas roças. Por isso, características típicas do português dos Tongas ainda podem ser encontradas no vernáculo urbano atual de STP. (cf. ARAUJO, 2020; BOUCHARD, 2017)

Cabe salientar também, principalmente considerando o tema deste trabalho, que as roças nas quais o português dos Tongas se desenvolveu, ao menos o que foi estudado, localizavam-se em São Tomé. Assim, é preciso maior busca por registros em relação às roças do Príncipe. Entretanto, mesmo que não se saiba, até então, qual poderia ter sido a influência do português dos Tongas no PP, é prudente ter em mente essa possibilidade.

Embora as duas ilhas estivessem separadas por distâncias tanto física quanto social consideráveis, existe, por exemplo, a hipótese de que os tongas de São Tomé, assim como sua variedade de português, tenham entrado em algum tipo de contato com os principenses ou até mesmo migrado para o Príncipe após saírem das roças. Dessa forma, são imprevistas as influências que esse possível contato teria tido no PP, haja vista que este último também estava em desenvolvimento naquele período.

Como ilustrado acima, a escassez de informações, bem como a dificuldade em acessar os registros históricos disponíveis, em especial em relação às línguas, tornam traçar uma espécie de percurso do desenvolvimento das variedades locais de português um desafio de proporções incalculáveis. Contudo, ainda assim considera-se válida a tentativa, feita na próxima subseção, dadas as limitações.

2.3.3 A trajetória do português em STP

Com base nas informações disponíveis, conclui-se que a língua portuguesa teria chegado às ilhas do pacífico juntamente com os primeiros portugueses, no final da década de 1470 (SEIBERT, 2006; HAGEMEIJER, 2009; BANDEIRA, 2017). Nesses primeiros anos, não havia muitos falantes de português no arquipélago, já que as condições insalubres já discutidas desencorajavam mudanças voluntárias para lá.

Em adição a isso, segundo Seibert (2006) os objetivos dos portugueses nesse momento inicial estavam relacionados principalmente à exploração econômica, à cristianização e à criação de uma colônia europeia, sendo que esta última falhou devido à insalubridade já mencionada. Não parece ter havido intenção por parte dos portugueses de difundir a sua língua naquele território, exceto de forma indireta. O foco estava principalmente no aspecto de exploração, ou seja, em povoar as ilhas, sequestrar escravizados e, a partir da primeira colonização, produzir açúcar.

As pessoas escravizadas, como já discutido, tinham contato escasso com a língua do colonizador. Devido à falta de registros sobre o tema, não é possível afirmar o nível de contato que os chamados escravizados de quarto (HAGEMEIJER, 2009) possuíam com o português, já que eles trabalhavam nas casas dos colonizadores e, por esse motivo, tinham mais proximidade com eles. No entanto, é razoável supor que seja maior do que o dos escravizados de resgate ou daqueles que trabalhavam nos engenhos. Seus papéis, dessa forma, seriam diferentes no processo de criouliização.

Cabe salientar também que, diante da já mencionada dificuldade que Portugal encontrou em povoar STP, escassez de migração somada à elevada taxa de mortalidade de europeus nas ilhas, a coroa portuguesa promoveu uniões forçadas entre brancos e mulheres africanas escravizadas como política deliberada de colonização desde o início (cf. SEIBERT, 2006; BANDEIRA, 2017). O rei João II ordenou que uma mulher escravizada fosse atribuída a cada colono branco, a fim de aumentar a população.

Em um decreto de 1515, o rei Manuel I alforriou essas mulheres e seus descendentes para salvaguardar os direitos dos filhos dos brancos. Em 1517, os homens escravizados que chegaram com os primeiros povoadores e seus filhos também foram alforriados. Essa política de alforria procurava garantir o crescimento dos assentamentos no território.

A essa altura, eles já mantinham um estilo de vida quase igual ao dos brancos, muitos deles tornaram-se donos de escravizados, mas seus filhos também adquiriram valores africanos com suas mães. Assim, gradualmente se formou um grupo desses homens livres e seus descendentes, chamados forros, com identidades portuguesas e africanas. Seu poder derivava de seus laços políticos e de sangue. Logo se tornaram a maior parte da população livre (SEIBERT, 2006). Por volta do fim do século XVI, os forros ascenderam socialmente ao se tornar donos de terras e escravizados, em uma época em que Portugal perdia progressivamente o interesse nas ilhas devido ao declínio da exploração da cana sacarina. Nos dois séculos seguintes, tornaram-se o grupo social mais poderoso de São Tomé (BOUCHARD, 2017). No fim do século XVIII, os forros representavam 95% da população livre e cerca de 30% da população total. É provável que houvesse algum nível de bilinguismo entre os forros de maior posição social, assim como entre parte dos escravizados que tinham contato frequente e direto com os portugueses, como os escravizados que trabalhavam nas casas em vez de nas plantações, e as mulheres escravizadas e seus descendentes advindos de concubinatos. (HAGEMEIJER, 2018)

Embora necessite de maior delimitação, é inegável o papel do grupo dos forros nas transformações linguísticas e sociais pelas quais STP passou. Primeiro por sua posição na hierarquia social, depois pelos registros de bilinguismo, mesmo que eles se concentrassem em São Tomé, e não no Príncipe.

Como mostram as informações anteriores ao século XX, referidas por Gonçalves & Hagemeijer (2015), não havia muitos falantes de português como língua materna em STP e a utilização da língua parecia estar restrita aos contextos de relação direta com o regime colonial.

Pelo menos até a segunda colonização, a paisagem linguística das ilhas era dominada pelas línguas locais, situação que perdurou até o português passar a ser aprendido como L1 e ocupar o lugar antes destinado às línguas autóctones. Esse é um momento chave para a discussão aqui proposta, já que culminou, séculos depois, no estatuto atual do português no arquipélago.

Nesse momento, o cenário linguístico das ilhas era composto pelos seguintes atores, como esquematizado por Araujo (2020): O grupo étnico forro, cuja língua era o santome ou forro, sendo o crioulo mais falado no arquipélago; o grupo étnico kabuverdianu, descendentes dos trabalhadores contratados em Cabo Verde que mantiveram sua língua, falada principalmente nas roças até 1975, quando se difundiu pelo restante do território; o grupo étnico principense, falante do lung'le, que já se encontrava bastante reduzido; o grupo étnico angolar, falante da língua angolar, vivendo em áreas relativamente isoladas das principais cidades e com pouco contato com os outros grupos; o grupo étnico tonga, formado pelos trabalhadores contratados e seus descendentes confinados às propriedades rurais até pelo menos os anos 60, falantes da variedade já mencionada do português dos tongas; e o grupo dos portugueses europeus e de uma pequena elite local urbana falantes, respectivamente, do português europeu e de uma variedade europeizada, porém com características típicas de ter sido adquirida como L2 em cenários de multilinguismo.

O acesso dos São-Tomenses ao português no período colonial era limitado, mas quem não sabia a língua era considerado incivilizado. Hagemeijer (2018) aponta que há relatos de que, especialmente durante o Estado Novo (1933 – 1974) – o regime fascista português – houve repressão das línguas crioulas, mas afirma não ter conhecimento de nenhum documento oficial que traga essa proibição. Para o autor, os pais supostamente optavam por falar português L2 em casa com os filhos e exigiam que eles também falassem português, em vez de uma língua crioula. Essa, por sua vez, não estaria totalmente ausente, já que os avós falantes de crioulo, principalmente as avós, muitas vezes assumiam o cuidado das crianças.

No momento da independência de STP, em 12 de julho de 1975, a língua portuguesa foi eleita como língua oficial da nova república, embora até hoje não haja documentos oficiais acessíveis que tragam essa informação. Nem mesmo a constituição do país apresenta qualquer menção à língua. Desde o período colonial, o português já era a língua de maior status nas ilhas, mesmo sendo falada por poucos. Esse prestígio era baseado em sua origem colonial europeia e em sua longa e estável tradição escrita. Além disso, apresentava-se como elemento unificador em um ambiente plurilíngue (BALDUINO, 2018).

Sobre isso, Araujo (2020) aponta que os argumentos que apoiaram essa decisão estariam relacionados principalmente a continuar mantendo boas relações com Portugal, adotar uma língua já internacionalizada e evitar ter que traduzir

materiais e, principalmente, escolher uma língua que não fosse falada por nenhum grupo étnico, evitando assim possíveis conflitos. O mais interessante sobre esse último, como destaca o autor, é que o português não era um elemento neutro no cenário de STP, apesar de não ser falado por nenhum grupo étnico. Era, na verdade, a língua veicular de um grupo social específico, a elite dominante. Ou seja, sob uma falsa ideia de neutralidade, essa pequena elite escolheu a língua que daria uma vantagem inicial considerável a seu próprio grupo e garantiria maior chance de que seu poder e privilégios fossem mantidos no novo momento que viria. Importante lembrar que tanto a elite como seus descendentes tinham acesso privilegiado à educação em Portugal e se julgavam superiores aos demais concidadãos no intrincado tecido social local, porém, eram marginalizados pela verdadeira elite portuguesa pré-independência (BOUCHARD, 2017).

Também é importante pontuar que a elite urbana são-tomense utilizava o português para manter a integração com a estrutura colonial (cf. HAGEMEIJER, 2018; GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015), mas também era bilíngue e não deixava totalmente de falar a sua língua materna.

Nesse cenário complexo, marcado por disputas sociais, políticas e também linguísticas, o português foi ganhando espaço como L2, com um número crescente de falantes bilíngues, até se tornar a língua franca dominante das ilhas no século XX. (HAGEMEIJER, 2018) A transição para L1, por sua vez, foi um fenômeno pós independência.

A partir daí, uma série de fatores, como o início da escolarização como direito em Português, a urbanização e a difusão da mídia, fizeram o número de falantes de português aumentar progressiva e rapidamente. Além disso, o fim da era colonial promoveu mobilidade social, propiciando mais contato entre os grupos, principalmente forros e tongas. (ARAUJO, 2020; HAGEMEIJER, 2018)

Em um relativamente pequeno espaço de tempo, o português deixou de ser a língua da elite e dos contextos formais, para se tornar a língua de todos os contextos de comunicação e a L1 da maioria dos habitantes (HAGEMEIJER, 2018; GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015). A escolha das elites pelo Português criou os mecanismos para sua difusão e, ao mesmo tempo, alimentou o processo de obsolescência das línguas crioulas. (ARAUJO, 2020)

Ainda sobre isso, Balduino (2018) alerta para a necessidade de lembrar que o contexto multilíngue em que São Tomé está imerso também é um cenário em que uma

língua oficial, o português, convive com línguas minoritárias, as línguas autóctones das ilhas. Dessa forma, “a convivência dessas línguas cria um contexto social e ecolinguístico complexo, no qual questões como estandarização interferem de modo direto no emprego linguístico, ocasionando o aumento do português falado como L1 e a paulatina diminuição no processo de aquisição das demais línguas como maternas” (BALDUINO, 2018).

Segundo Trask (2011 apud BALDUINO, 2018), considera-se oficial a língua responsável pela documentação de questões burocráticas de um determinado país. Sua escolha, de forma generalizada, é feita pelo governo e decorre de diversos fatores relacionados ao prestígio, à estabilização da escrita e à unificação nacional que essa língua pode ou não proporcionar.

No caso de São Tomé e Príncipe, a língua portuguesa é empregada em todas as comunicações de Estado, na educação e na mídia (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). Também, conforme Balduino (2018), representa a língua de status social elevado na comunidade santomense, desde o período colonial. Tal prestígio encontra suas bases não só em sua origem colonial europeia herdada, mas também em sua longa e estável tradição escrita (BALDUINO, 2018, p. 31). Além disso, ainda atua como forma de comunicação mais neutra diante da diversidade linguística presente no país e sendo, portanto, elemento unificador em uma sociedade plural (ARAUJO; AGOSTINHO, 2010). Língua minoritária, por sua vez, é toda língua falada como materna por um povo em um país cuja língua oficial ou nacional é outra (TRASKS, 2011 apud BALDUINO, 2018). É nessa categoria que se encaixam as outras línguas faladas em STP.

Ainda de acordo com Balduino (2018), só o fato de existir uma língua responsável por toda burocracia do país, amplamente usada e divulgada como língua comum, já exerce forte pressão sobre as demais línguas.

Em STP, torna-se cada vez mais vantajoso aos falantes aprender o português, já que seu emprego se converte em melhores oportunidades de crescimento econômico e pessoal.

Em resumo, São Tomé e Príncipe foi palco de uma transformação linguística e sociolinguística a partir do último quarto do século XIX, que se traduz atualmente na hegemonia do português em detrimento das línguas crioulas autóctones. Assim “esta transição histórica de português L2 para português L1 reflete-se nas características

que hoje constituem o português de São Tomé.” (GONÇALVES & HAGEMEIJER, 2015, p. 6).

3 CONSOANTE E SÍLABA

Neste capítulo, serão trazidos os conceitos teóricos básicos de consoante e de sílaba, seguidos de uma breve descrição das consoantes e da sílaba no PB e no PE. Considerado o tema deste trabalho, entende-se que este capítulo integra a fundamentação teórica. As descrições de aspectos do PB e do PE são trazidas por, de forma geral, serem essas as variedades mais amplamente descritas de português e por, de forma específica, o PE estar em contato com o PP e o PB ser, também, uma variedade fortemente influenciada por contato linguístico.

Destaca-se que, neste trabalho, todas as transcrições fonéticas são feitas por meio do Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet (SAMPA), em vez do International Phonetic Alphabet (IPA), por razões de acessibilidade, mesmo quando os originais apresentarem IPA.

3.1 AS CONSOANTES

Partindo do princípio de que todas as línguas naturais possuem consoantes e vogais, o segmento consonantal pode ser entendido como um som produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais, de modo que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar, com ou sem fricção. Isso não ocorre no segmento vocálico, no qual a passagem da corrente de ar não é interrompida na linha central, logo não há obstrução ou fricção. Alguns segmentos têm características fonéticas não tão precisas, seja de consoante ou de vogal, e são denominados na literatura de semivogais, semicontóides ou glides (Cristófaró Silva, 2003)

As consoantes, conforme Crystal (2008) são uma das duas categorias gerais usadas na classificação dos sons da fala. Foneticamente, são sons feitos a partir de um fechamento parcial ou total do trato vocal, que restringe ou que bloqueia a passagem de ar e produz uma fricção audível. Além disso, as consoantes podem ser produzidas com ou sem a vibração das cordas vocais e, por isso, serem [+vozeadas] ou [-vozeadas]. Fonologicamente, Câmara Jr. (1985 apud MONARETTO, QUEDNAU E DA HORA 2001) define consoante como o elemento que se combina com a vogal para formar a sílaba, manifestando diferenças articulatórias conforme a posição que ocupa na palavra, que pode ser pré-vocálica, intervocálica ou pós-vocálica.

Conforme Ladefoged e Maddieson (1996), especificar um padrão de movimento articulatorio que gera um som requer saber o que se move, como se move e em que velocidade se move. Isso significa que é preciso caracterizar as partes do trato vocal capazes de se mover, de onde para onde são esses movimentos possíveis e em que velocidade eles ocorrem.

Nesse sentido, Cristóvão Silva (2003) resume como relevantes os seguintes parâmetros para a caracterização articulatória dos sons da fala: o mecanismo e a direção da corrente de ar; a presença ou não de vibração das cordas vocais; se o som é nasal ou oral; quais são os articuladores envolvidos na produção dos sons e qual é a maneira utilizada na obstrução da corrente de ar.

A respeito do primeiro deles, a autora aponta que poucos sons produzidos por seres humanos podem ser descritos desconsiderando o mecanismo da corrente de ar, que pode ser pulmonar, glotálica ou velar, bem como ingressiva ou egressiva. As cordas vocais, por sua vez, são os músculos estriados que podem ou não obstruir a passagem de ar para a faringe no espaço da glote. O estado da glote é vozeado (ou sonoro) quando as cordas vocais estiverem vibrando durante a produção de um determinado som, em oposição ao estado de desvozeado (ou surdo), quando não houver vibração. Não há vibração das cordas vocais nem ocorre ruído durante a produção de um segmento desvozeado. Na verdade, as categorias vozeado e desvozeado podem ser interpretadas como limites de um contínuo que vai de sons vozeados a sons desvozeados, passando por sons que têm características de vozeamento intermediárias.

A oposição entre segmentos orais e nasais, conforme a autora, pode ser observada por meio da posição do véu palatino e, conseqüentemente, da úvula.

Qualquer segmento produzido com o véu palatino levantado, obstruindo a passagem do ar para a cavidade nasal, é chamado de oral, e qualquer segmento produzido com o abaixamento do véu palatino, de maneira que haja ressonância na cavidade nasal, é chamado de nasal.

Os articuladores ativos são assim chamados pois se movimentam em direção aos articuladores passivos, o que modifica a configuração do trato vocal.

Quadro 1 Articuladores ativos

Articulador	Modifica
Lábio inferior	Cavidade oral
língua	cavidade oral
Véu palatino	Cavidade nasal
Cordas vocais	Cavidade faringal

Fonte: Cristófarro Silva (2003)

Os articuladores passivos são o lábio superior, os dentes superiores e o céu da boca, dividido em: alvéolos, palato duro, véu palatino (ou palato mole) e úvula. O véu palatino pode atuar como articulador ativo (na produção de segmentos nasais) ou como articulador passivo (na articulação de segmentos velares).

A partir da posição do articulador ativo em relação ao articulador passivo, com ou sem contato, é possível definir o lugar (ou ponto) de articulação dos segmentos consonantais. Nesse sentido, uma consoante pode ser bilabial, lábio dental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar, uvular ou glotal. (cf. Cristófarro Silva, 2003; Ladefoged e Madiesson, 1995)

Além disso, os segmentos consonantais são classificados também por meio do seu modo de articulação, parâmetro relacionado ao tipo de obstrução da corrente de ar provocada pelos articuladores durante a produção, que pode ser total ou parcial.

Em relação ao modo de articulação, as consoantes dividem-se em oclusivas, nasais, fricativas, africadas, laterais e róticos, grupo que inclui tepes, vibrantes simples e múltiplas e retroflexas.

Os róticos compreendem uma classe de segmentos que representam os sons de “r”, sejam eles fricativos, vibrantes, tepes ou aproximantes.

Oclusivas (ou plosivas): produzidas com uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino levantado. O ar vem dos pulmões e encaminha-se para a cavidade oral.

Nasais: produzidas com uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino abaixado, o que permite que o ar que vem dos pulmões dirija-se às cavidades nasal e oral. Nasais são consoantes idênticas às oclusivas diferencando-se apenas quanto ao abaixamento do véu palatino para as nasais.

Fricativas: produzidas com um estreitamento do canal bucal, ou seja, uma oclusão parcial causada pela aproximação dos articuladores, que gera fricção quando ocorre a passagem central da corrente de ar.

Africadas: produzidas com uma obstrução inicial completa na passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino levantado, seguida de um estreitamento bucal, que gera fricção logo após o relaxamento da oclusão.

Tepes (ou vibrantes simples): produzidas com uma oclusão total gerada quando o articulador ativo toca o passivo rapidamente, resultando em uma breve obstrução da passagem da corrente de ar através da boca.

Vibrantes (múltiplas): produzidas quando o articulador ativo toca algumas vezes o articulador passivo, provocando uma série de oclusões totais muito breves, seguidas por segmentos vocálicos extremamente curtos, causando vibração.

Retroflexas: produzidas com o levantamento e o encurvamento da ponta da língua em direção ao palato duro.

Laterais: produzidas quando o articulador ativo toca o articulador passivo e a corrente de ar é obstruída na linha central do trato vocal. O ar será então expelido por ambos os lados dessa obstrução, ou seja, pelas laterais.

As aproximantes são articuladas com uma constrição que é maior do que a requerida para uma vogal, mas não radical o suficiente para produzir turbulência da corrente de ar. As laterais, por fim, são produzidas com uma oclusão central, que deixa o ar escapar pelas laterais do trato oral.

O quadro abaixo resume cada um desses pontos e oferece exemplos do PB.

Quadro 2 Pontos de articulação das consoantes

Ponto de articulação	Explicação	Exemplo
Bilabial	Lábio inferior toca no lábio superior	Mamãe, papai
Lábio dental	Lábio inferior vai em direção aos dentes incisivos superiores	Farofa, fava
Dental	ápice ou lâmina da língua toca ou vai na direção dos dentes incisivos superiores	Tato, dados
Alveolar	Ponta ou lâmina da língua toca ou vai em direção aos alvéolos	Tato, dados
Alveopalatal	Parte anterior da língua toca ou se dirige para a região medial do palato	Chata, já
Palatal	Parte média da língua toca ou se encaminha para a parte final do palato duro	Ganho, telha
Velar	Dorso da língua toca ou vai na direção do véu do palato (palato mole)	Casa, gato

Uvular	Dorso da língua vai em direção à úvula	Algumas pronúncias de r
Glotal	Músculos da glote são os articuladores	Pronúncia de “r” no dialeto de Belo Horizonte

Fonte: adaptado de Seara, Nunes E Volcão (2011)

Por fim, segmentos consonantais podem ser produzidos com uma propriedade articulatória secundária em relação às SUAS propriedades articulatórias fundamentais, a qual geralmente ocorre a partir de efeitos de segmentos adjacentes. A seguir, algumas dessas propriedades.

Quadro 3 Propriedades articulatórias secundárias

Labialização	arredondamento dos lábios.
Palatalização	levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro.
Velarização	levantamento da parte posterior da língua em direção ao véu palatino

Fonte: adaptada de Cristófarro Silva (2003)

Na próxima seção, será discutido o sistema consonantal da língua portuguesa.

3.1.1 As consoantes no português brasileiro e europeu

A partir de um ponto de vista fonológico, novamente de acordo com Crystal (2008), consoantes são aquelas unidades que funcionam nas margens da sílaba, sozinhas ou em pares. Uma das ferramentas bastante utilizadas na área para a identificação dos fonemas, tanto vocálicos quanto consonantais, de uma língua é o estabelecimento de pares mínimos e análogos. Cagliari, Cagliari e Redenbarger (2016), demonstram, no quadro a seguir, os pares mínimos e análogos da língua portuguesa.

Quadro 4 Pares mínimos do português

<i>pato</i>	["patU]	<i>fato</i>	["fatU]
<i>bato</i>	["batU]	<i>vasto</i>	["vastU]
<i>tato</i>	["tatU]	<i>sapo</i>	["sapU]
<i>dato</i>	["datU]	<i>zaga</i>	["zag6]
<i>cato</i>	["katU]	<i>chato</i>	["SatU]

<i>gato</i>	[ˈgatU]	<i>jato</i>	[ˈZatU]
<i>mato</i>	[ˈmatU]	<i>lato</i>	[ˈlatU]
<i>nato</i>	[ˈnatU]	<i>palha</i>	[ˈpaL6]
<i>Banho</i>	[ˈb~aJU]	<i>rato</i>	[ˈhatU]
		<i>caro</i>	[ˈka4U]

Fonte: adaptado de Cagliari, Cagliari & Redenbarger (2016, p. 69)

Como verificado no quadro acima, os pares mínimos e análogos para os segmentos consonantais do português são: /p, b/, /t, d/, /k, g/, /m, n/, /f, v/, /s, z/, /S, Z/, /l/, /L/ e /h, 4/.

Em relação ao sistema consonantal do PB, Câmara Jr. (1985 apud MONARETTO, QUEDNAU E DA HORA 2001) postula que, na posição mais favorável ao aparecimento de consoantes, a intervocálica, existem 19 tipos com oposições significativas, divididas, fonologicamente, em laterais, anteriores e posteriores. Esse entendimento é compartilhado por diversos autores e é demonstrado no quadro que segue.

Quadro 5 Consoantes PB

	Labial	Coronal		Dorsal
		+ anterior	- anterior	
Oclusivas	p b	t d		k g
Fricativas	f v	s z	S Z	
Róticos		r, 4		
Laterais		L	L	
Nasais	m	N	J	

Fonte: adaptado de da Hora e Battisti (2022)

O quadro acima mostra que o sistema consonantal do PB é composto por 6 oclusivas: /p, b, t, d, k, g/; 7 fricativas: /f, v, s, z, S, Z/; 3 nasais: /m, n, J/; 2 laterais: /l, L/; e 2 róticos: /r, 4/.

No tocante ao PE, o quadro consonantal pode ser conferido no quadro seguinte.

Quadro 6 Consoantes PE

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Palatal	Velar	Uvular
Oclusiva	p b		t d			k g	
Fricativa		f v		S z	S Z		
Lateral				l			
Vibrante				r			
Nasal	m			n	J		R\

Fonte: adaptado de Mateus, Falé e Freitas (2016)

Conforme mostra o quadro, PE e PB apresentam os mesmos fonemas consonantais. As diferenças entre essas duas variedades concentram-se no âmbito fonético, conforme discutido a seguir.

De acordo com Noll (2022) são dois os principais pontos capazes de explicar as atuais diferenças fonético-fonológicas entre PE e PB atualmente observadas: as mudanças ocorridas no PE., mediante as quais os traços brasileiros são considerados arcaísmos, que dizem respeito principalmente ao vocalismo brasileiro, que preservou traços importantes do vocalismo português até o século XVIII, enquanto o PE enfraqueceu as vogais átonas durante esse século; e as mudanças decorrentes da evolução linguística do lado brasileiro, relacionadas principalmente às consoantes e à formação de vogais epentéticas no PB.

Os próximos dois quadros detalham as consoantes fonéticas do PB e do PE, respectivamente, possibilitando uma comparação.

Quadro 7 Consoantes PB com [alofones] e algumas *variantes regionais

	Labial	dental	alveolar	Palatal	velar	uvular	glottal
Oclusiva	p	t			k		
(vozeada)	b	d			g		
Fricativa	f		s z	S Z	[x]		[h]
(vozeada)	v						
Affricada							
(vozeada)							
Nasal	m		n	J	[N]		
Lateral			l	L	[5]		
vibrante (múltipla)			r				
			[4]				
Aproximante		w	r\				

Fonte: adaptado de Noll (2022)

Quadro 8 Consoantes PE com [alofones] e algumas *variantes regionais

	bilabial	labiodental	dental	Alveolar	Pré-palatal/palatal	velar	uvular ^{glottal}
Oclusiva	pb		t			k	
(vozeada)			d			g	
Fricativa	f			s z	S Z	[x]	[h]
(vozeada)	v						
affricada		tʃ					
(vozeada)		dʒ					
Nasal	m			N	J	[ŋ]	
Lateral				l	L	[ʎ]	
vibrante				R			
(múltipla)		*ʀ					

Fonte: adaptado de Noll (2022)

Em contexto de final de sílaba e de palavra, o /l/ é pronunciado como a semivogal /w/ na maior parte das regiões do Brasil, exceto em regiões interioranas de SC e RS (cf. PINHO e MARGOTTI, 2010), ao passo que no PE velariza-se, conforme Mateus (2003).

Em PE, as fricativas coronais [s] e [z] palatalizam para [ʃ] e [ʒ] em posição de coda silábica (cf. MATEUS, 2003), enquanto no PB a palatalização da coda /s/ é variável. Nas variedades do PB caracterizadas pelo processo, o palatal surdo [ʃ] ocorre antes das consoantes surdas e na posição final da palavra, como em “faz frio”, “vista” e “atrás”. O palatal sonoro [ʒ] ocorre antes da consoante sonora, como em “mesmo” e “depois dele”. No PB, a realização generalizada de /s/ é a alveolar, ao passo que a palato-alveolar é característica de certas comunidades de fala (cf. Noll, 2017).

3.1.1.1 *As consoantes nas variedades africanas de português*

Como é sabido, a difusão da língua portuguesa pelo continente africano está intimamente ligada à exploração e à colonização dos territórios desse continente empreendida por Portugal, bem como ao sequestro, ao aprisionamento e à escravização de populações africanas promovidos pela coroa portuguesa a partir do século XV.

Para além dos pidgins e das línguas crioulas que surgiram por meio das abundantes situações de contato linguístico entre o português do colonizador e as várias línguas africanas ocorridas durante esse período, tal contexto também propiciou o desenvolvimento das variedades africanas de português (VAPs). Essas variedades, de acordo com Agostinho (2024), têm demonstrado apresentar variação e mudança internas, induzidas por contato, em suas gramáticas, o que as estabelece como variedades autônomas e diferentes do PB e do PE. Além do que, o contato dessas variedades com uma gama de outras línguas tipologicamente diferentes e as taxas de falantes de português, seja como L1 ou L2, em cada contexto específico também impactam enormemente seus resultados linguísticos.

Embora seja crescente o número de trabalhos acerca das VAPs nos últimos anos, a saber as de Cabo Verde, de Guiné-Bissau, de Moçambique, de Angola e de STP, a maioria deles tem se concentrado em áreas como política linguística, sociolinguística e linguística aplicada, especialmente ensino de português. Em relação à linguística considerada mais formal, nota-se que ainda não há muitas descrições de aspectos básicos dessas variedades, ainda mais na área da fonética e da fonologia, a exemplo das consoantes. Há, no entanto, trabalhos sobre aspectos específicos, mas não uma descrição geral. Esse fato pode ser constatado ao consultar a bibliografia produzida pela Cátedra de português língua segunda da Universidade Eduardo Mondlane.

Agostinho (2024) resume que, no nível fonológico, o inventário consonantal das variedades de português faladas na África se assemelha ao PE e ao PB, exceto pela natureza não contrastiva dos róticos, verificada na maior parte das variedades africanas, além da proposta de um fonema pré-nasalizado em português angolano (PA). Variação fonética, por seu turno, ocorre devido a diferentes processos em todas as VAPs, segundo a autora.

A respeito dos róticos, há uma falta generalizada de contraste entre os róticos intervocálicos nas VAPs. Esse fenômeno foi verificado para o PSTP, português moçambicano (PM), português de Guiné Bissal (PGB), PA e português de Cabo Verde (PCB), conforme os estudos reunidos por Agostinho (2024).

3.2 A SÍLABA

Para Crystal (2008), a noção de sílaba é bastante real para falantes nativos e usada muitas vezes em conversas cotidianas. No entanto, prover uma definição precisa para esse conceito não é uma tarefa fácil e muitas teorias, fonéticas e fonológicas, tentaram. A fonologia, especificamente, foca em como os sons se combinam em cada língua para produzir sequências típicas.

Câmara Jr. (2004) entende que a sílaba é uma divisão espontânea e profundamente sentida na segunda articulação, a fonológica. Os seus tipos de estrutura marcam caracteristicamente as línguas.

Embora a noção geral de sílaba já seja bem aceita na fonologia, não há consenso em relação à sua estrutura interna. Sobre o assunto, Câmara Jr. (2004) afirma que o denominador comum nas discussões sobre a estrutura da sílaba é a existência de um movimento crescente ou de Ascensão, que culmina em um ápice ou centro silábico, seguido de um movimento decrescente. É por esse motivo que o centro é normalmente ocupado por uma vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, na maioria das línguas, ainda que consoantes, especialmente as mais soantes, não estejam necessariamente excluídas dessa posição.

Para o autor, a estrutura da sílaba depende desse ápice e do possível aparecimento das fases crescente e decrescente ou de uma e outra em volta dele, ou seja, nas suas margens. Considerando “V” como o centro da sílaba e “C” como um elemento marginal, o autor define os seguintes tipos silábicos: V (sílabas simples), CV (sílabas complexas crescentes), CVC (sílabas complexas crescentes-decrescentes). Conforme a ausência ou a presença (isto é, V e CV, de um lado, e, de outro lado, VC e CVC), temos a sílaba aberta, ou melhor, livre, e a sílaba fechada, ou melhor, travada (CÂMARA JR. 2004). Collischon (2001) aponta duas teorias que mais se destacam na discussão a respeito da estrutura interna da sílaba: a teoria autosegmental e a teoria métrica da sílaba. A primeira inspira-se na notação autosegmental e, em sua origem,

pressupunha camadas independentes, sendo que uma delas representaria a sílaba, à qual estariam ligados diretamente os segmentos. Enquanto isso, a segunda defende que uma sílaba consiste em um ataque e uma rima. Esta última consiste em um núcleo e uma coda. Qualquer dessas categorias pode ser vazia, exceto o núcleo. Assim, conforme essa mesma autora, essas duas teorias lidam de forma diferente com o relacionamento entre os elementos no interior da sílaba. Para a teoria autossegmental, o relacionamento entre os três elementos é igual, ao passo que para a teoria métrica há um relacionamento muito mais estreito entre núcleo e coda do que entre núcleo e ataque. Ademais, a primeira teoria considera que apenas a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas. Na fonologia métrica, ainda conforme Krystal (2008) o núcleo e a coda são considerados como um único constituinte da estrutura da sílaba, chamado de rima, e as sílabas se distinguem fonologicamente em termos de seu peso.

Ainda nesse sentido, Mateus (2003) defende que a sílaba tem uma estrutura interna organizada hierarquicamente. Assim, qualquer que seja o número de segmentos que a constituem (um ou mais), eles ocupam um nível autônomo dentro dessa organização e estão relacionados por dependências. Caso se trate apenas de um segmento, ele é simultaneamente o núcleo da sílaba e a própria sílaba, dependendo da perspectiva que for tomada. Se a sílaba for constituída por mais do que um segmento, todos eles se encontram organizados de modo a criar uma hierarquia. A análise desta estrutura implica, portanto, a utilização de uma teoria multilinear como a teoria autossegmental que propõe que cada estrutura fonológica, e cada um dos seus constituintes, ocupe um nível autônomo em interrelação com os outros constituintes. Dessa forma, conforme a autora, da unidade 'sílabas' dependem o ataque e a rima, e desta última dependem o núcleo e a coda.

O molde silábico, um conceito pertinente ao tema, é uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua, tendo em vista que as línguas diferem quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Algumas línguas permitem apenas um segmento no ataque e outro na rima, outras permitem um segmento no ataque e dois na rima. Outras ainda permitem dois segmentos no ataque, um no núcleo e até três segmentos na coda. Assim, o molde é utilizado para expressar essas diferenças. (cf. COLLISCHONN, 2005)

Outra noção importante que se relaciona à sílaba é a de escala de sonoridade ou princípio de sonoridade. Collischonn (2005) explica que sua relevância se deve ao fato de que, a partir dela, é possível correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Assim, segundo esse princípio, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo de qualquer sílaba, à medida que os elementos menos sonoros gradativamente ocuparão as posições periféricas, ataque e coda. Em segundo lugar, quando há sequências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo.

Em suma, a sonoridade dos segmentos que constituem a sílaba aumenta a partir do início até o núcleo e diminui desde o núcleo até o fim. Tal sonoridade intrínseca dos segmentos permite a elaboração de uma escala individual para cada língua, conforme abaixo.

consoantes oclusivas (não-vozeadas, vozeadas) < fricativas (não-vozeadas, vozeadas) < nasais < líquidas (vibrantes, laterais) < glides < vogais (altas, médias, baixas).

Adaptado de Mateus (2003)

A escala de sonoridade na estrutura silábica do português será discutida com mais detalhes na próxima seção, que se ocupa da sílaba nessa língua.

3.2.1 A sílaba em português

Bisol (1999) resume que a sílaba do português é representada por uma estrutura binária, constituída por rima e ataque, das quais apenas a rima é obrigatória. A rima, por sua vez, também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal e a coda, uma soante ou /S/. Já o ataque compreende no máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal. A seguir, discute-se mais detidamente essa estrutura e seus constituintes.

Em relação ao molde silábico do português, Collischon (2005) assinala que não há consenso entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba pode conter, em decorrência das diferentes análises fonológicas empreendidas por eles.

Contudo, Collischon e Wetzels (2016) apontam que a sílaba CV é de longe a mais frequente no português, bem como em todas as línguas do mundo. Também apontam que são 9 os moldes silábicos permitidos no português. No quadro a seguir, são apresentadas as possibilidades de sílaba permitidas no português, organizadas a partir da mais para a menos frequente, conforme Collischon e Wetzels (2016, p. 100).

Quadro 9 Templates silábicos no português

Tipo de sílaba	Exemplo
CV	sa.po
CVC	fes.ta
V	a.gua
VC	es.pelho
CCV	pra.to
CCVC	flor
CVCC	mons.tro
VCC	ins.trumento
CCVCC	trans.porte

Fonte: Adaptado de Collischon e Wetzels (2016, p. 100).

Assim, as sílabas permitidas no português, segundo verificado no quadro, podem ser constituídas de uma vogal, uma vogal e uma consoante (V, CV, VC); uma vogal e duas consoantes (CVC, CCV, VCC); uma vogal e três consoantes (CCVC, CVCC) e, por fim, a menos frequente, uma vogal e quatro consoantes (CCVCC).

Já no que diz respeito ao princípio de sonoridade no português, Clements (2009 apud Collischonn e Wetzels, 2016) propôs a seguinte escala.

Quadro 10 Escala de sonoridade do português

Obstruintes	Consoantes nasais	Líquidas	Glides
p, t, k, b, d, g, f, s,	m, n, J	l, L, R	j, w
S, v, z, Z			

Fonte: Adaptado de Collischon e Wetzels (2016, p. 101)

De acordo com essa classificação, as vogais são os segmentos mais sonorantes (=4), seguidas pelos glides (= 3), líquidas (= 2), nasais (= 1) e obstruintes (= 0), os segmentos menos sonorantes da escala do português. O princípio de sonoridade interage com as restrições específicas das línguas para definir sua estrutura fonotática, como discutido anteriormente.

Como na maioria das línguas, no português, não são permitidas sequências de segmentos com o mesmo valor de sonoridade. Em outras palavras, platôs de sonoridade não são permitidos na mesma sílaba.

Considerando novamente os constituintes da sílaba, a rima, como já mencionado, é constituída obrigatoriamente por um núcleo e, opcionalmente, por uma coda, em português. A seguir, são discutidas as partes da sílaba separadamente, no caso do português, a começar pela rima e por seus constituintes.

Como resumem Collischonn e Wetzels (2016), a estrutura da rima silábica em português conta com não mais do que dois segmentos, exceto pelo /S/, que pode ser adicionado como um terceiro elemento.

Conforme Collischonn e Wetzels (2016); Bisol (1999); Mateus (2003) o núcleo da sílaba em português é obrigatoriamente ocupado por uma vogal. Todas as vogais, orais e nasais, podem preencher essa posição. Os exemplos trazidos por Mateus (2003) comprovam isso: *vi, lê, pé, má, da, de, avó, avô, tu, fim, pente, irmã, ponte, fundo*.

A posição de coda silábica, assim como na maioria das línguas do mundo, só pode ser ocupada por um número reduzido de consoantes em português. São elas //, /r/ e /s/, com diferentes realizações fonéticas.

Em se tratando da posição de ataque silábico, em português, a maioria dos segmentos consonantais e glides podem ocupar a posição de onset simples, com algumas restrições. Por exemplo, o contraste entre “R forte” [h] e “r fraco” [ʀ] ocorre apenas em posição intervocálica, sendo que apenas o “R forte” é encontrado em início de palavra. Além disso, as palatais lateral e nasal [l] e [ʎ] são extremamente raras.

No entanto, há restrições severas na formação de onsets complexos, que consistem em no máximo dois segmentos com uma líquida [l] ou [ʎ] ocupando a segunda posição. Essas restrições estão ligadas à escala de sonoridade, que restringe a formação de ataques complexos, mas também à Condição de Dissimilaridade, à qual as duas consoantes em sequência devem obedecer, que impõe uma certa distância na escala de sonoridade entre os dois elementos. Em português, a distância deve ser a máxima possível, razão pela qual uma oclusiva seguida de uma líquida é aceitável, mas uma oclusiva seguida de uma fricativa ou de uma nasal não.

Em consequência da condição de dissimilaridade, uma fricativa seguida de uma líquida é pouco frequente em português, embora se encontrem algumas sílabas com esse tipo de ataque.

Em relação às VAPs, Agostinho (2024) explica que vários fenômenos referentes à sílaba têm sido discutidos na literatura. Alguns dos processos comuns encontrados nas VAPs são inserção e apagamento de onset complexo e de coda, sândi, haplogogia, metátese e apagamento e perda do traço sonoro de vogais.

4 PORTUGUÊS PRINCIPENSE

Como tem sido discutido até este ponto do trabalho, o PP é uma variedade da língua portuguesa cujas circunstâncias de desenvolvimento e de emergência envolvem fatores históricos e políticos complexos. A ilha do Príncipe, local onde a variedade surgiu e é falada, apresenta particularidades que se somam ao cenário multifacetado do arquipélago que integra.

Neste capítulo, discutem-se alguns desses fatores sociais e históricos, bem como as características linguísticas do PP já atestadas por outros estudos em relação às consoantes e à sílaba, objetos da presente investigação.

4.1 CONTEXTO SOCIAL

STP é um território reconhecidamente multilingue, no qual diferentes línguas e identidades linguísticas coexistem, circulam e se relacionam. Entretanto, ao longo dos séculos, uma confluência de aspectos produziu hierarquias entre essas línguas e identidades linguísticas, de modo que o português assumiu, paulatinamente, o lugar de língua materna e majoritária, antes compartilhado pelas línguas crioulas autóctones, surgidas durante a colonização. Essa conjuntura, constituída por interesses políticos diversos e pautada em uma forte herança colonial, conduz o país em direção ao monolinguísmo.

O estabelecimento do português como alvo linguístico em STP, conforme discutem Santiago e Balduino (2023), remonta fortemente ao processo de colonização do arquipélago, visto que compunha parte do projeto colonial da coroa portuguesa, cujo objetivo era o domínio e a assimilação cultural de povos não europeus, por meio de uma série de políticas e de práticas assimilatórias e de dominação. Dentre essas práticas, a língua ocupou papel importante na dominação portuguesa, tal qual ocorreu nas outras ex-colônias (cf. MATA, 2019).

Apontam Santiago e Balduino (2023) que o português, seguindo essa lógica intrinsecamente colonizadora, foi introduzido nas ilhas, também, por meio do ensino, desde o início sob um viés civilizatório e sobretudo catequizador, com a finalidade central de propagar a fé e a doutrina cristã, a fim de “converter” os africanos em “cidadãos europeizados”. A própria história da educação no país entrelaça-se com as

políticas coloniais. Inclusive, é possível falar até mesmo em uma colonização baseada na língua (Santiago e Balduino, 2023; Bouchard, 2019; Mata, 2019).

A decisão de eleger o português como língua oficial no momento da proclamação da república, quando a paisagem linguística das ilhas não era homogênea, escancara sobretudo as motivações de manutenção do poder da elite são-tomense (cf. Araujo, 2020), por meio da escolha de uma língua que seu próprio grupo já dominava. Tal decisão também pavimentou o caminho para o estatuto atual dessa língua no país, uma vez que, como a língua oficial, foi adotada pelo governo, pela imprensa e pelas instituições de ensino, bem como assumiu, ainda mais, o lugar de alvo linguístico, social e oficialmente, para os falantes (cf. Balduino, 2022:2018; Araujo, 2020; Araujo e Agostinho, 2010).

Após obter o status de oficial, a língua portuguesa passou a ser ainda mais beneficiada institucionalmente, amparada pelo poder institucional e pelo reforço legal de sua autoridade política e social sobre as demais.

Empregar as línguas africanas, no arquipélago pós-colonial, foi apresentado como um problema em diversas frentes: por um lado, argumentava-se que manter diferentes línguas dificultaria a criação de uma nação são-tomense unificada, concepção que se apoiava nas ideologias linguísticas que associavam o português à unidade nacional, bem como à modernidade e ao europeísmo; enquanto isso, por outro, a ascensão social do indivíduo encontrava obstáculos inegáveis se ele optasse por empregar apenas sua língua, dado que o domínio do português ainda era requisito imprescindível para a mobilidade social. Ou seja, ainda que não fosse proibido usar as línguas autóctones, tampouco transmití-las às novas gerações, todas essas pressões tornavam fazê-lo cada vez menos interessante para os falantes. Coibida de usar suas línguas a nível individual e coletivo, a população também não recebeu nenhum suporte no sentido de preservá-las ou de difundí-las (cf. ARAUJO, 2020).

Conforme pontuam Santiago e Balduino (2023), as políticas de assimilação e de controle linguístico, instituídas já no início da colonização portuguesa em STP, não foram profundamente alteradas no período pós-colonial, em que, inclusive, foram reforçadas. Nesse cenário, estabeleceu-se uma dicotomia na qual, de um lado, o português representava progresso, oportunidades e prestígio, em oposição às línguas africanas, que, do outro, eram pintadas como sinônimo de atraso e de problemas variados.

O favorecimento do português em detrimento das línguas crioulas locais, seja em razão do intrincado contexto social ou das ações deliberadamente adotadas pelas elites nesse sentido, teve um impacto evidente na atitude dos falantes, que, aos poucos, aderiram ao português e abandonaram as demais línguas.

A respeito disso, Bouchard (2019) demonstra que essa escolha está diretamente relacionada às ideologias linguísticas construídas em STP, que atribuíram conotação pejorativa às línguas africanas desde o período colonial. Para Balduino(2022), em STP, era (e ainda é) evidente que o português corresponde à língua relacionada às melhores perspectivas de lucro simbólico e material. Conseqüentemente, essa crença forjou a valoração subjetiva e coletiva conferida às línguas nacionais, gerando um impacto na atitude dos falantes. A incorporação do português como a língua mais falada em STP, DESSE MODO, não é fortuita, mas tem raízes profundamente fincadas em políticas coloniais de assimilação que, até hoje, escancaram problemas de ordem política do português como língua pluricêntrica (cf. Santiago e Balduino, 2023).

Para além disso, à medida que o português passou a se tornar a língua materna e mais falada no arquipélago, variedades autóctones desse idioma emergiram, constituindo a macrovariedade do PSTP. Balduino (2022) elenca 4 fatos distintos e inter-relacionados como relevantes nessa constituição: (i) a transmissão linguística do português que partiu, inicialmente, de uma segunda língua (L2) (Lucchesi; Baxter,2009) (ii) o contato com as línguas crioulas locais no processo de disseminação do português como L1; (iii) a atitude dos falantes perante o cenário multilíngue do arquipélago; e, sobretudo, (iv) o valor simbólico social atribuído ao português naquela sociedade.

Além disso, a variedade utilizada pelo governo, pela imprensa e pelo sistema escolar segue sendo europeia, e não as variedades locais, o que produz uma série de distorções e de problemas, à medida em que o falante não vê sua variedade legitimada nesses espaços.

A esse respeito, em relação à percepção dos falantes, parece arraigada no imaginário coletivo do povo santomense a ideia de que a variedade de português por eles veiculada é “uma língua “cheia de erros”, um falar “à toa”, chegando mesmo a admitir-se que “a língua não presta” ou reflita um “português de casa” (Pegado, 2018; Balduino, 2022).

Para Balduino (2022), a ascensão do português em STP, assim como a adoção do português do eixo Coimbra-Lisboa como norma linguística escolar, revela a reprodução moderna de um ato ideológico colonial de assimilação cultural.

Para Santiago e Balduino (2023), o não reconhecimento da existência das variedades locais de português em STP pode ser atribuído a um contexto muito mais amplo, ligado a um apagamento sistemático das línguas locais. A promoção do português como opção única, nesse contexto, exerce papel relevante na perpetuação da estrutura que mantém os falantes presos a dicotomias linguísticas entre o português e as línguas locais, bem como entre a sua variedade linguística de uso cotidiano e uma variedade alvo que não faz mais sentido para a realidade local. Essas dicotomias, conforme as autoras, são mutiladoras e monocêntricas, uma vez que partem de um ideal de homogeneização linguística que, muitas vezes, atravessa o falante enquanto sujeito inserido nesse cenário. Entende-se, além do mais, que a valoração negativa com a qual as línguas autóctones foram revestidas desde a colonização foi estendida às variedades locais de português, relacionadas também às línguas crioulas. As ideologias construídas socialmente, já no período colonial, funcionam como condutores poderosos e efetivos das atitudes linguísticas dos indivíduos e são fonte de atitudes negativas e discriminatórias em relação às variedades autóctones do português, que se afastam à norma portuguesa difundida na escolarização (Santiago e Balduino, 2023). Nesse sentido, conforme as autoras, o preconceito linguístico é ensejado por uma abordagem monoglóssica e monocêntrica da língua, acentuado pelo ensino formal e por outros canais oficiais de comunicação, como a mídia, espaços institucionais negados às variedades de português de STP.

A partir disso, defende-se, neste trabalho, a perspectiva de que descrições linguísticas como esta contribuem de forma relevante para o respeito à diversidade linguística e para a garantia da legitimidade de variedades minorizadas como o PP.

4.2 AS CONSOANTES DO PP

O PP, como parte da macrovariedade do PSTP (cf. BALDUINO, 2022), detém um conjunto de características sociais e linguísticas únicas, que têm começado a ser estudadas apenas recentemente. A seguir, destacam-se aspectos já explorados em trabalhos anteriores a respeito das consoantes em tal variedade.

Ao propor uma fonologia para as variedades do PSTP, Balduino (2022) afirma que os sistemas consonantais do PST e do PP estão divididos de acordo com cinco modos de articulação: oclusivo, fricativo, vibrante, nasal e lateral; e com quatro pontos de articulação: labial, alveolar, palatal e velar (cf. BALDUINO, 2022), como pode ser visto no quadro a seguir.

Quadro 11 Consoantes PSTP

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar
Oclusiva	p, b	t, d		k, g
Fricativa	f, v	s, z	S, Z	
Vibrante		r		
Nasal	m	n	J	
Lateral		l	L	

Fonte: adaptado de Balduino (2022)

O quadro acima apresenta as 18 consoantes fonológicas do PSTP, conforme verificadas pela autora, que são: /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, S, Z, m, n, J, l, L, r/. Contudo, além dos segmentos discriminados no quadro em questão, Balduino (2022) também ressalta que as relações de alofonia são esperadas, bem como a variação de formas fonéticas em decorrência da implementação de processos fonológicos. Nesse sentido, o quadro a seguir apresenta as consoantes fonéticas identificadas pela autora.

Quadro 12 Consoantes fonéticas em PP

	Labial	Alveolar	Alveolopalatal	Velar	Uvular	Glotal
Oclusiva	p b	t, ts d, dz	tS dZ	k g		
Fricativa	f v	s z	S Z	x G	X R	h h\
Tepe		4				
Vibrante		r			R\	
Nasal	m	n	J			
Lateral		l, ë	L			
Aproximantes	w		j			

Fonte: adaptado de Balduino (2022)

Como demonstrado pela autora no quadro, são 33 as consoantes fonéticas encontradas no PSTP, resultantes de fenômenos como africatação, vocalização e posteriorização. São 10 oclusivas: [p, b, t, tS, ts, d, dZ, dz, k, g]; 6 fricativas [f, v, s, z, S, Z]; 3 nasais [m, n, J]; 3 laterais [l, L, 5]; 9 róticos [4, r, x, G, h, h\, R\, R, X] e 2 aproximantes [w, j]. Os fenômenos que atingem os segmentos consonantais foram sumarizados no quadro a seguir.

Quadro 13 Fenômenos consonantais PP

/t, d/	→	[tS, dZ]	diante de [i, l]
/t, d/	→	[ts, dz]	diante de [i, l]
/s, z/	→	[S, Z]	em coda e em alguns onsets
	→	[nj, j]	
			o onset
	→	[w, ë]	em coda
/r/	→	[l]	em coda
/r/	→	[R, r, K] [G, X, h, H]	em todos os constituintes silábicos

Fonte: adaptado de Balduino (2022)

Destaca-se, do quadro, o fenômeno da africatação de /t/ e de /d/ quando diante de [i, I], a variação do rótico e os fenômenos encontrados na coda. Em relação ao primeiro, Balduino (2022) pontua a alternância, em algumas palavras, entre oclusivas coronais e africadas diante de [i], que resulta em africadas alveolares [ts] e [dz] e em africadas palatais [tʃ] e [dʒ]. A realização das oclusivas africadas é condicionada pelo contexto segmental seguinte, conforme a autora, uma vez que a variação entre as oclusivas coronais e as africadas ocorre apenas quando tal consoante é seguida por [i]. Contudo, ainda que o segmento [i] opere como gatilho do fenômeno, a relação de alofonia estabelecida pela oclusiva coronal não foi constatada em todos os dados em contexto propício de africatação. Balduino (2022) observou, inclusive, a oscilação entre coronais e africadas na fala de um mesmo falante, que ora produz a oclusiva palatalizada diante de [i], ora a não palatalizada, ora uma africada alveolar, (cf. BALDUINO, 2022).

4.2.1 O rótico em PP

Em que pese ainda não serem muitos os trabalhos sobre as consoantes do PP, a realização do rótico nessa variedade têm despertado interesse, uma vez que suas características fonético-fonológicas singulares notadamente se destacam e representam, inclusive, uma marca distintiva do PP em relação às outras variedades (cf. BALDUINO, 2022; AGOSTINHO e MENDES, 2020; MENDES, 2021). Isso porque o comportamento do segmento rótico é o que diferencia o PP do PB e do PE, como já demonstrado por outros trabalhos, uma vez que os falantes de PP não distinguem fonologicamente “r fraco” e “R forte”, revelando um sistema linguístico distinto, que sofre influência de contato (AGOSTINHO, 2016a, 2016b; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b/ AGOSTINHO; MENDES, 2020).

Os róticos, também chamados informalmente de “sons de r”, são uma classe de sons presente em grande parte das línguas naturais conhecidas. Caracterizam-se por sua ampla heterogeneidade fonética (cf. LADEFOGED e MADDIESON, 1996) e podem estar presentes em apenas um fonema, como na maioria das línguas, ou em mais de um.

Em geral, as classes sonoras tradicionais são definidas, foneticamente, em relação a um conjunto de propriedades acústicas e sonoras. Contudo, isso não ocorre com os róticos, cuja classificação parece estar muito mais associada ao seu

comportamento fonológico sincrônico e diacrônico. Ademais, os sons róticos podem ser produzidos de diferentes modos: tepe, vibrante, fricativa e aproximante; e em diferentes pontos de articulação: alveolar, velar, uvular e glotal. Maddieson (1984) afirma que os sons vibrantes são os mais comuns, seguidos de taps e flaps, que, juntos, correspondem a 86% dos róticos nas línguas do mundo. Para o autor, esses sons estão intimamente relacionados, uma vez que apresentam uma interrupção do fluxo de ar na cavidade nasal e que, frequentemente, são alofones de um mesmo fonema.

O rótico, na macrovariedade do PSTP, pode ser realizado como [4], [R], [r], [R\], [x], [X], [h], e, por isso, é referido, por Balduino (2022), como um grupo sonoro. Em tais variedades, segundo a autora, os róticos são, de modo mais frequente, ainda que não exclusivamente, produzidos como um tepe [4] ou como uma fricativa uvular [R]. Ademais, distintamente do que ocorre no PB e no PE, alternam não somente em coda, mas também em onsets complexos, quando o rótico ocupa a posição de C2, e em contexto intervocálico, variação que produz homófonos como caro ["kaRU] e carro ["kaRU]. Balduino (no prelo) argumenta que o PSTP é um exemplo da variabilidade dos róticos, e que essa alternância entre o “r fraco” [4], e o “R forte” [R, x, G, h, h\, R, R\] é justamente um dos traços mais característicos a essa variedade.

A discussão desse tema em PP foi iniciada por Agostinho (2016a, 2016b, 2017) que, ao examinar os desvios ortográficos dos róticos no português da Ilha do Príncipe, chamou a atenção para aspectos desse segmento na fonologia da variedade em questão. A partir dessa análise, a autora argumentou que o sistema fonológico da variedade é diferente do PE e do PB, o que se reflete no fato de, conforme Serra (inédito), a escolha de <r> ou <rr> feita pelos alunos do Príncipe ser aleatória. Isso, para a autora, está relacionado ao PP não fazer distinção entre “R forte” e “r fraco”, o que pode ser uma influência da língua crioula da região, que só possui um fonema rótico (AGOSTINHO, 2015).

Adicionalmente, Agostinho (2016, 2017), argumentou que a variação dos róticos em PSTP se deve ao processo de fusão de “r fraco” e de “R forte” do português, em consequência do contato linguístico na região. Conforme a autora, tap [4], fricativa uvular [R\] e vibrante alveolar [r] estão em variação livre na posição de onset, de modo que o significado das palavras é apreendido apenas pelo contexto de fala. A autora aponta, ainda, para uma maior proporção de [4] na fala dos principenses, o que marca, ainda, uma diferença dialetal entre o PP e o PST.

Essa hipótese é corroborada pelos outros trabalhos relacionados, Agostinho, Soares e Mendes (2020a, 2020b), Agostinho e Mendes (2020) e Mendes e Agostinho (2022), que acrescentam que fonemas com baixa carga funcional, ou seja, com baixa capacidade de distinguir palavras, tendem a se fundir em situações de longo contato com línguas com apenas um rótico, como é o caso do PSTP, que está em contato com as línguas crioulas. Em palavras isoladas, esses autores identificaram 69% de desvio ortográfico para <rr> e 19% de desvio para <r>. Em sentenças, houve 70% de desvios ortográficos para <rr> e 30% para <r>. Dessa forma, os dados revelam que o conhecimento do significado das palavras pelo contexto nas sentenças não influenciou na precisão da ortografia conforme a norma de PE padrão (AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b).

Os autores ressaltam, ainda, que o mesmo processo ocorre no espanhol de Ano Bom, na Guiné Equatorial, por estar em contato com o fa d'Ambô, que não possui fonema rótico, bem como no PM, por estar em contato com línguas bantu. Essa proposta é endossada por Agostinho e Mendes (2020), que afirmam que variedades de PB que estão em contato com línguas que têm apenas um fonema rótico apresentam o mesmo processo de fusão fonológica, como o português em contato com variedades germânicas e italianas. As autoras destacam, adicionalmente, a importância da adoção de uma postura de ensino vinculada às perspectivas da variação linguística, de maneira que os professores compreendam e expliquem a origem dos desvios ortográficos, dado que a distinção entre róticos não se aplica às variedades com apenas um fonema dessa classe.

Agostinho, Mendes e Soares (2020), realizaram um estudo composto por dados de fala coletados com 12 falantes adultos de PP, com faixas etárias entre 18 e 80 anos. Nele, foi apresentado um conjunto de 11 pares mínimos que contrastam róticos em PB (caro x carro, por exemplo), e solicitado aos informantes que declarassem seu significado durante a gravação.

Em adição a isso, os autores também trouxeram dados de produção escrita, coletados com 145 crianças entre 10 e 12 anos em uma escola no Príncipe, por meio de um ditado com 48 palavras contendo róticos intervocálicos (41 palavras com 9 pares mínimos) e 13 sentenças (com 7 pares mínimos) enunciadas por um falante de português brasileiro.

Os resultados demonstraram, conforme Agostinho, Mendes e Soares (2020), que os falantes de PP de fato não diferenciaram os pares mínimos “R forte” e “r fraco”

isoladamente nos dados de fala. Já em relação aos dados de escrita, os resultados mostraram que houve 69% de erros de ortografia de <rr> e 19% de <r> para palavras. Nas frases, houve 70% de desvios ortográficos para <rr> e 30% para <r>. A média de desvios ortográficos nos róticos intervocálicos foi de 41%. Segundo os autores, esses resultados demonstraram que o PP perdeu a distinção fonológica entre “R forte” e “r fraco”, encontrada em PB e em PE, fato que sugerem resultar do contato linguístico com o lung’le.

Mendes (2021); Mendes e Agostinho (2022) verificaram, em PP, 3 diferentes realizações para o rótico em posição intervocálica, que são: tap [4], fricativa uvular vozeada [R] e vibrante alveolar [r]. Dessas realizações, 53,6% eram esperadas e 46,4% eram não esperadas em relação ao sistema fonológico do PB e do PE padrão. Adicionalmente, a posição de PB e de PE padrão que mais obteve realizações não esperadas foi a de “R forte”, com 58% de ocorrências de realizações equivalentes a “r fraco”, em contraste com a posição de “r fraco” de PB e de PE padrão, que obteve 34,6% de realizações.

As taxas de realização de “R forte” e de “r fraco” revelaram que a realização fonética mais frequente em PP, de acordo com os dados da pesquisa, foi o tap [4], que corresponde ao “r fraco”, independente se na posição de “r fraco” ou de “R forte”, representando quase 2/3 do total das realizações. Em relação às realizações não esperadas nesse caso, as autoras encontraram 34,6% para a posição fonológica de “r fraco” e 58% para a de “R forte”. No geral, houve 61,7% de ocorrências de tap [4], 34,6% de fricativa uvular [R] e 3,7% de vibrante alveolar [r].

Outro dado relevante foi que, enquanto as quatro informantes abaixo de 28 anos empregaram majoritariamente tanto tap quanto fricativa uvular, as duas informantes de faixa etária mais alta, com mais de 40 anos, informantes 1 e 2, empregaram com maior frequência tap. A Informante 2 apresentou a taxa mais expressiva de tap (100%). A taxa de tap pela Informante 1, porém, foi 63%, mas ao mesmo tempo observou-se na sua produção a maior taxa de vibrante alveolar entre todas as informantes (16,6%). A proposta das autoras é que tais resultados estariam associados ao contato com o lung’le, uma vez que as informantes 1 e 2 são falantes dessa língua, que tem apenas um fonema rótico em seu inventário fonológico (cf. AGOSTINHO, 2015), o qual pode ser realizado como tap ou como vibrante alveolar. Ademais, as duas informantes, 1 e 2, também apresentam o mesmo nível de escolaridade (fundamental completo e incompleto).

Esses dados assinalam, conforme as autoras, a variação linguística já discutida em relação ao PP e ao PE no que tange ao uso dos róticos, demonstrando que o PP apresenta um sistema linguístico diferente de outros sistemas de língua portuguesa. Ademais, corroboram a hipótese de que falantes de PP não distinguem fonologicamente “R forte” e “r fraco”, a exemplo de falantes de PB e de PE padrão.

Em PSTP, tem sido constatada variação entre as realizações [4, r, X, R\, h, x, G] não somente em coda, como mostram Balduino (2022); Vieira e Balduino (2021), mas também em onset, como mostram Mendes (2021); Mendes e Agostinho (2022), alternando nessa posição os sons correspondentes aos róticos dos contextos fonológicos de “r fraco” e de “R forte” de PB e de PE padrão.

Mendes (2021), ao analisar os róticos intervocálicos na fala de 6 falantes de PP do gênero feminino, com idades e níveis de escolaridade variados, verificou, nessa posição, realizações de tap [4], fricativa uvular (vozeada) de [R] e de vibrante alveolar [r]. Também constatou 46,4% de realizações não esperadas em relação ao PB e ao PE padrão. Adicionalmente, as taxas de realização de “r fraco” e de “R forte” revelam que a realização fonética mais frequente em PP é o “r fraco”, independente se na posição de “r fraco” ou de R forte’, representando quase 2/3 do total das realizações. Em relação às realizações não esperadas nesse caso, a autora encontrou 34,6% para a posição fonológica de “r fraco” e 58% para a de “R forte”. A partir disso, a autora corrobora a hipótese da ausência de distinção fonológica em PP, devido ao contato linguístico, por fusão fonológica dos róticos do PE. As variáveis extralinguísticas (idade e escolaridade), conforme a autora, não forneceram parâmetros para categorização do emprego de [4], de [R\] ou de [r].

Houve, ainda, variação intra e interindividual nas realizações fonéticas róticas, a saber 61,7% de [4], 34,6% de [R] e 3,7% de [r]. Diante disso, a autora sugere a influência do lung’le no PP, devido à fusão fonológica e à maior presença de [R] nos resultados.

Balduino (2022), por meio de análise de fala espontânea de 10 informantes, verificou, em contexto intervocálico, 48% de ocorrências de [4] e 47% de [R\]. No tocante às produções distintas de PB e de PE padrão, constatou 53%, índices que se aproximam dos apresentados por Mendes (2021) para o PP, que foram de 46,4%.

Com base nisso, Balduino (2022) reforça a proposta de que o PSTP é uma variedade distinta de PB e de PE padrão. A autora nota, ainda, uma diferença nas realizações de onset inicial para cada variedade, de modo que, para [ʁ], o PST

apresentou 67% e o PP 45% e para [r] PST apresentou 37% e PP 55%. Diante disso, propõe a posição de onset inicial como diferenciadora das microvariedades quanto ao uso de [4] e de [R\].

4.3 A SÍLABA EM PP

Ao longo dos anos, têm sido empreendidas muitas discussões sobre a sílaba das variedades do PB e do PE, filiadas às diferentes teorias fonéticas e fonológicas existentes. Entretanto, a mesma atenção não tem sido dedicada às VAPs, especialmente às variedades de STP. Mesmo que os trabalhos a respeito dessa macrovariedade estejam aumentando, as investigações nesse campo, ainda mais em se tratando do PP, são ainda poucas e recentes. Não obstante, esses trabalhos já oferecem resultados bastante relevantes, que serão discutidos a seguir.

A começar pelo molde silábico, Balduino (2020) verificou que os padrões silábicos do PP são diversos, a semelhança do PB e do PE. Os templates silábicos permitidos nessa variedade, apontados pela autora, são apresentados no quadro abaixo.

Quadro 14 Moldes silábicos do PP

Templat e	Descrição fonética	Item
V	["A]	há
VG	["o]	oi
GV	[jogu4"Ti]	iogurte
CV	["pa]	pá
CVG	["paj]	pai
CGV	[disjo"na4jU]	dicionário
CVGC	["majS]	mais
CGVC	[kawI"KE4]	qualquer
CVC	["ma5]	mal
CVCC	["bo~s]	bons
CCV	["p4OspehU]	próspero
CCVG	["t4aj]	traí
CCVC	["t4as]	traz
CCVCC	[t4a~s"pO4tl]	transporte

Fonte: Balduino (2020, p. 6)

De acordo com o quadro acima, são 14 os padrões silábicos do PP (cf. BALDUINO, 2020). Nessa variedade, há sílabas abertas e fechadas, findas por vogais e glides e findas por consoantes. Podem ser sem onsets (V, VG, GV, VC); com onsets simples (CV, CVC, CVCC) ou complexos (CCV, CCVG, CCVC e CCVCC). Esses templates comportam diferentes segmentos, uma vez que a estrutura silábica possui restrições internas, conforme a autora.

A respeito da silabificação no pstp, Balduino (2022) atestou grande variação de templates, em virtude dos diferentes fenômenos sincrônicos que não apenas têm a sílaba como domínio, mas que também promovem ressilabificação. A tipologia silábica dessas variedades apresenta diferentes estruturas possíveis e conflitantes.

A partir da análise das variações que atingem a sílaba no PSTP, Balduino (2022) observou a atuação de duas trajetórias gramaticais: a prevalência de sílabas abertas, fomentada por apagamentos e por lenições, em que sílabas fechadas são produzidas como sílabas abertas, e a emergência de estruturas complexas, promovida, sobretudo, pela ressilabificação de sibilantes e pelo apagamento vocálico. Essas trajetórias refletem, para a autora, a dificuldade de propostas tradicionais em explicar a variação observada no pst e no pp, evidenciando a necessidade de abordar a questão por modelos que melhor acomodem a variação, e, assim, possam contemplar de maneira mais efetiva a complexidade dos sistemas linguísticos.

Ademais, a autora argumenta que, no PST e no PP, a mudança natural a que os sistemas linguísticos estão sujeitos é ainda reforçada pelo contato linguístico na região, e mesmo pelas pressões exercidas pelo PE no uso vernacular de tais variedades. Assim, é possível, como hipótese, que forças extralinguísticas atuem em conjunto com o próprio dinamismo gramatical do português para a emergência desses padrões silábicos (cf. Balduino, 2022).

No tocante à estrutura interna da sílaba no PP, Balduino, Vieira e Freitas (2020); Balduino (2022) verificam a seguinte estrutura hierárquica: Onset (O) e rima R, a qual se subdivide em núcleo (Nu) e coda (Co). O preenchimento de cada posição será discutido abaixo.

O núcleo da sílaba, para começar, é composto por uma vogal definida no momento da silabificação e pode ser preenchido por qualquer uma das 7 vogais licenciadas no PSTP /i, e, E, a, o, O, u/, bem como por qualquer uma das 5 vogais nasalizadas, /i~, e~, a~, o~, u~/ . Pode, ainda, ser ramificado em dois segmentos, como ocorre nos ditongos. Nesses casos, é composto por uma vogal nucléica que porta

acento lexical e por uma vogal alta silábica que se comporta como glide, ou seja, uma unidade fonética vocálica que se distingue da vogal nuclear por não receber acento, porém ainda mantém seus traços vocálicos (cf. BALDUINO, 2022).

Em relação ao sistema vocálico do PP, Santiago (2019) e Santiago et al (2023) atestaram, a partir de dados de fala controlada, 7 vogais fonológicas na posição tônica /E, e, a, i, u, o O/, 5 na pretônica e na postônica medial [e, a, i, u, o/ e 3 vogais reduzidas na postônica final /l, U, 6/.

Além de corroborar esses resultados, Balduino (2022) pontuou a possibilidade de ampliação do sistema da pretônica de 5 para 8 vogais [@, E, e, a, i, u, o, O]. A semelhança disso, no sistema da pós-tônica medial, a possibilidade de ampliação [i, e, @, a, O, o, u], ou de redução [i, a, u]. Em relação às átonas finais, Balduino (2022) apontou, além das 3 vogais reduzidas, a possibilidade de 5 realizações fonéticas na pós-tônica final, [l, @, 6, a, U].

Balduino (2022) também verificou, em posição tônica, 5 vogais nasalizadas, [i~, e~, 6~, o~, u~], além de oito ditongos crescentes, [je, jE, ja, jo, we, wE, wa, ju] e onze decrescentes [ej, Ej, aj, Oj, oj, uj, ew, Ew, aw, Ow, ow]. Ademais, constatou que o glide pode ser nasalizado, resultando em ditongos como [ẽĩ, õĩ, ẽũ, õũ]

O preenchimento do núcleo é obrigatório nessa variedade, mas são atestados apagamentos vocálicos responsáveis por alterar algumas estruturas silábicas que perdem o núcleo e fazem com que os demais constituintes sejam ressilabificados. O resultado é que novas estruturas são criadas. Nesse sentido, Santiago et al (2023) e Santiago (2019) atestaram o ensurdecimento da vogal /i/ quando diante de /t/.

Já as consoantes, ainda conforme as autoras, ocupam posições periféricas na sílaba, de onsets e de codas. Também são observadas restrições internas que determinam quais consoantes são licenciadas em determinados constituintes.

Quanto ao onset simples, essa posição pode ser ocupada por todos os segmentos consonantais licenciados no PST, /p, b, t, d, k, g, m, n, J, L, r, l, f, v, s, z, S, Z/. Na posição tônica e postônica, C1 pode corresponder a qualquer uma dessas 18 consoantes, enquanto na posição pretônica, /p, b, t, d, k, g, m, n, r, l, f, v, s, z, S, Z/

/J, L/ em tal contexto (cf. BALDUINO, 2022; BALDUINO, VIEIRA e FREITAS, 2020).

No tocante ao onset complexo, a autora atesta /r/ e // como consoantes possíveis na posição C2 de uma estrutura C1C2V. A estrutura C1 C2 foi identificada quando C1 correspondia a uma oclusiva /p, b, t, d, k, g/ ou a uma fricativa /f, v/ e C2 a

uma líquida //, ou a um rótico, que pode corresponder, foneticamente, a uma líquida [4], ou a uma obstruinte [R\].

Balduino (2022) aponta, ainda, que os traços licenciados em C1 e em C2 estão, em geral, de acordo com o princípio de sonoridade, dado que C1 é, necessariamente, uma obstruinte e C2 uma líquida. Portanto, a seguinte sequência sonora crescente é licenciada em direção ao núcleo de uma estrutura CCV: obstruinte [p, b, t, d, k, g, f, v] > líquida [l, 4] > vogal [i, e, E, a, O, o, u]. Entretanto, sequências assinaladas pela presença de [R\] como C2 foneticamente não se encaixam, necessariamente, nesse contínuo, uma vez que correspondem ao encontro de duas obstruintes com o mesmo grau de sonoridade, especialmente em sequências de fricativas como [fR\]. Conclui a autora, assim, que o pstp permite a produção de uma sequência de obstruintes como onset complexo caso uma das consoantes envolvidas seja, obrigatoriamente, um rótico.

Ainda sobre isso, Balduino (2022) verificou a ocorrência de outros encontros consonantais, nos quais C1 e C2, geralmente, corresponderam a uma obstruinte [p, b, t, d, k, g, s, z, S, f], com variação entre oclusivas e fricativas surdas e sonoras, bem como a uma soante [n, m] para a posição de C2. Essas combinações geram sequências como [bS], [tm], [kn], [pt], [ps], [bd], [Sk], entre outras. No pstp, conforme a autora, a ocorrência desses encontros consonantais alterna com a produção de sílabas CV, formadas por uma oclusiva e por um [i] ou [u].

As consoantes licenciadas na coda, por sua vez, são quatro segmentos fonológicos distintos, todos soantes, exceto a sibilante. São eles: (i) uma nasal /N/ (BALDUINO, 2018); (ii) uma sibilante /S/, realizada como [s], [S], [z]; (iii) um rótico /r/, realizado de modo mais comum como [4], [R\], mas também como [h], [x], [R\], [r], e (iv) uma lateral //, comumente produzida como [ë], [w] (cf. BALDUINO, 2022; BALDUINO, VIEIRA E FREITAS, 2020; BALDUINO, 2020; BALDUINO, 2019)

Esses fonemas apresentam diferentes realizações fonéticas e podem sofrer apagamento em proporções distintas. Balduino (2020) considera /n/ e /s/ nesse contexto como arquifonemas, devido ao fato de que o ponto de articulação ou vozeamento dessas consoantes é estabelecido em decorrência da consoante seguinte. A fricativa /S/, por exemplo, pode ser produzida como [s] ~ [S] e [z] ~ [Z], a depender do vozeamento da consoante seguinte: ca[S]ca X ra[Z]ga. Já a nasal /N/, além de poder ser apagada da coda, solução mais comum, pode ser produzida como

[n], [m] ou [J], concordando com a consoante heterossilábica à direita: ca[n]to, ca[m]po, sa[N].

Os segmentos licenciados na coda também podem ocorrer no onset, de acordo com Balduino, Vieira, Freitas (2020), com a ressalva de que a nasal e a sibilante quando em coda não possuem o ponto de articulação especificado. Observa-se, então, que a coda é um subconjunto do onset, como anteriormente atestado por Balduino (2019).

Quanto ao apagamento na coda, Balduino, Vieira e Freitas (2020) constataram, em dados de fala espontânea, 23,2% de apagamento na lateral, 17,4% na sibilante e 57,9% no rótico. Índices próximos aos de Balduino (2019), que constatou 55,2% de apagamento no rótico e 12,3% na sibilante; e de Vieira e Balduino (2021), cuja por/centagem de apagamento no rótico foi de 55,9%.

Embora todas as posições devam ser investigadas, a posição da coda já tem levantado uma série de questões de interesse nos trabalhos já publicados. Em termos fonéticos, Balduino (2019) constatou diferentes realizações nesse contexto, havendo variação em relação ao ponto de articulação e ao vozeamento de tais consoantes. A sibilante e especialmente os róticos tendem a apresentar maior variação e apagamento nessa posição. O fenômeno do apagamento é recorrente no PP, mas a autora aponta que não é possível afirmar que a debilidade da coda é uniforme em todos os segmentos licenciados nessa posição, já que róticos e sibilantes apresentam índices de produtividade diferentes. Ademais, também observa que o cancelamento de /R/ e /S/ possui motivação prosódica, sendo sensível a fronteira de sílaba ou palavra, assim como a posição interna de palavra é tendencialmente resistente à concretização dos apagamentos. A autora ainda destaca a necessidade de maiores investigações sobre o tema.

A respeito dos processos de vocalização e de apagamento da lateral em coda no PP, Balduino, Vieira e Agostinho (2023), a partir de uma discussão tanto linguística quanto histórica, concluem que tal fenômeno deve ser avaliado de acordo com uma confluência de fatores, dado que, ao mesmo tempo que reúne aspectos distintivos da estrutura gramatical do português, também reflete o cenário de contato linguístico em que essa variedade está inserida. As autoras argumentam que o apagamento e a vocalização da lateral talvez sejam resultados do contato com o *lung'le*, que atua como catalizador nesses processos no PP, evitando a coda, como ocorre em *lung'le*.

Já a sibilante, nesse contexto, pode ser produzida como uma fricativa pós-alveolar [S], por meio do preenchimento de [coronal, -anterior], ou como uma fricativa alveolar [s], em decorrência do preenchimento de [coronal, +anterior], ambas possuindo suas contrapartes sonoras [Z] e [z]. Também pode ser apagada e, assim como a lateral, ser ressilabificada. As consoantes [s, z] também foram verificadas em posição de coda, embora ocorram de forma menos recorrente.

O rótico /r/ no PP, quando em coda, pode ser foneticamente realizado como um tepe [4], uma vibrante [r], uma fricativa glotal surda [h] ou sonora [h\], uma fricativa uvular sonora [R] ou mesmo uma vibrante uvular sonora [R\]. Ademais, o rótico pode, ainda, sofrer processos como lambdacismo e vocalização, sendo produzido, de modo menos frequente, como uma lateral velar [5] ou um glide [w]. Também pode sofrer apagamento e ser ressilabificado (BALDUINO, 2022; BALDUINO, 2020; BALDUINO, VIEIRA E FREITAS, 2020).

Quadro 15 Fenômenos na coda PP

Coda	Fenômeno	Exemplo
/N/	A pagamento Nasalização	órfã ["O4f6] santo ["s~6tU]
/l/	A pagamento Velarização Vocalização	palmeira [pa"me46] sal ["sa5] mal ["maw]
/r/	A pagamento Posteriorização Lambdacismo Metátese	parte ["patl] barco ["baR\kU] amargar [ama5."ga] termômetro [t4e"mometU]
/S/	A pagamento	vezes ["vezl]

Fonte: adaptado de Balduino (2022)

Esses fenômenos, além de atestarem a existência da coda enquanto constituinte silábico, também demonstram que muitos dos processos que atingem a coda, no pst p, resultam em uma sílaba CV. Em adição a isso, /r/, /l/ e /S/ são sujeitos a fenômenos de ressilabificação em fronteira de palavra, e, por isso, passam a ocupar a posição de onset (cf. BALDUINO, 2022).

Por fim, o quadro abaixo detalha, resumidamente, os segmentos licenciados em cada posição da estrutura silábica do PP.

Quadro 16 Moldes silábicos do PP: segmentos licenciados

Núcleo	Onset Simples	Coda	Clusters
/i/ [“i̇.L6]	/p/	[“pa.s6]	/N/ [“ke.ĩ u] /pr/ [“pR̥e.tU]
/e/ [“se.dU]	/b/	[“bo.k6]	/r/ [“laŋ] /pl/ [pla.”nE.t6]
/E/ [“pE]	/t/	[“te.m6]	/S/ [“maŋ] /br/ [bR̥a.”zi5]
/a/ [“pa]	/d/	[“da.m6]	// [“ma5] /bl/ [“bIQ.kU]
/o/ [“pO]	/k/	[“ka.s6]	/tr/ [“tR̥a.tU]
/o/ [“o.vU]	/g/	[“za.ke]	/tl/ [a.”tIE.ti.kU]
/u/ [“u.v6]	/f/	[“fa.tU]	/dr/ [“kwa.dRU]
	/v/	[“va.zU]	/kr/ [kR̥i.”6~.s6]
	/s/	[“sa.k6]	/kl/ [“si.kIU]
	/z/	[“zo.n6]	/gl/ [“glo.bU]

/S/	["Sa.tU]	/gr/ ["gR\̩a.tU]
/Z/	["Za.k6]	/fr/ ["fR\̩a.kU]
/r/	["r̩a.tU]	/fl/ ["f\̩lO.R\̩6]
/m/	["m̩a.tU]	/vr/ ["li.vR\̩]
/n/	["n̩a.dU]	/vl/
/J/	['bẽ.̩v]	
/l/	["l̩a.dU]	
/L/	["i.L6]	

Fonte: Balduino (2020, p. 7)

Conforme o exposto no quadro acima, resumidamente, todas as consoantes do PP podem ocorrer em posição de onset simples, /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, S, Z, r, m, n, J, l, L/. Assim como todas as vogais podem ocupar o núcleo silábico, /i, E, e, a, O, o, u/. As posições de onset complexo e coda, por sua vez, são bem mais restritivas. Em relação ao primeiro, podem ocorrer /pr, pl, br, bl, tr, tl, dr, kr, kl, gl, gr, fr, fl, vr, vl/ e em relação à segunda, apenas /N*, r, S*, l/ são verificados.

Adicionalmente, chama atenção no quadro as diferentes realizações para os segmentos que, conforme a autora, representam apenas uma forma de transcrição para os dados. Isso atesta, mais uma vez, a diversidade de variação dessa variedade. Como já mencionado, esses trabalhos demonstram a relevância da coda e do núcleo no PP, assim como ressaltam seu caráter particular, porém também

evidenciam a necessidade e a importância de realizar mais trabalhos de descrição e análise como este, até mesmo para que possa haver comparação dos resultados.

4.4 A PRESENÇA DO LUNG'IE

O lung'le é uma das línguas-filhas do PGG (HAGEMEIJER, 2009; AGOSTINHO, 2015; BANDEIRA, 2017), surgido a partir da sua especiação no tempo e no espaço. Bandeira (2017) explica que o PGG, já constituído, foi levado da ilha de São Tomé para o Príncipe no início do século XVI. Com a separação e o posterior isolamento, somado ao aporte de novo material linguístico proveniente dos grupos de escravizados enviados diretamente à ilha, houve condições para o desenvolvimento independente dessa língua.

Atualmente, conforme Agostinho (2015, p. 28), o lung'le, como língua materna, possui uso muito restrito e está limitado à população da Ilha do Príncipe. Não há falantes monolíngues e é falado por apenas cerca de 200 pessoas, com níveis de competência variados, e geralmente com mais de 60 anos. Ademais, a autora constatou que a língua também não é mais transmitida intergeracionalmente.

Desse modo, mesmo que nesse momento o lung'le esteja em contato com o português de alguma forma, tal contato é pouco significativo devido ao baixo número de falantes e à pressão exercida pelo português. Entretanto, o contato com o lung'le no momento da formação dessa variedade do português não pode ser ignorado. Estudos como o de Agostinho, Vieira e Balduino (no prelo) e Mendes e Agostinho (2020), por exemplo, já argumentam sobre a influência desse contato nas características encontradas no PP.

Apesar dos poucos registros, Gonçalves e Hagemeijer(2015) argumentam que, ao que tudo indica, a paisagem das ilhas era dominada pelas línguas autóctones antes da segunda colonização, quando a mudança em direção ao português teria começado. Araujo (2020) aponta fatores como a urbanização, escolarização e imprensa como fundamentais para o processo de substituição das línguas crioulas pelo português, como discutido no capítulo anterior. No entanto, as informações sobre a história do Príncipe são ainda mais escassas do que as de São Tomé, porém é razoável e necessário assumir que o processo tenha sido ao menos parecido, haja vista que as duas ilhas, embora distantes e distintas, estavam sob o mesmo governo e contexto geral de colonização.

Contudo, há uma diferença importante entre os dois cenários que precisa ser pontuada. No começo do século XX, a Ilha do Príncipe foi acometida por uma epidemia de doença do sono, que teria sido responsável por dizimar a maior parte da sua população nativa e pela necessidade de uma grande quantidade de trabalhadores assalariados de outras regiões ser levada às roças de cacau.

A esse respeito, Günther (1973) afirma que a doença dizimou a maior parte da população nativa do Príncipe, de modo que apenas cerca de 300 pessoas teriam restado. Em consequência disso, ainda conforme o autor, foi levada para as roças uma grande quantidade de trabalhadores assalariados de outras regiões, especialmente de Cabo Verde, a fim de suprir a falta de mão-de-obra.

Entretanto, de acordo com os dados oficiais disponíveis, a tripanossomíase vitimou 2.525 indivíduos no Príncipe entre 1902 e 1913, o que correspondeu a 37% de todos os óbitos registrados para o período. (Costa et al, 1915; SILVA, 2021, 2013) Tais dados encontram apoio em Mendes et al (1909 apud SILVA, 2021), que registrou que a tripanossomíase humana foi a causa da morte de 251 pessoas em um total de 471 registros entre 1902 e 1907; e de 682 pessoas nas roças da ilha entre 1908 e 1911. (cf. SILVA, 2021)

Diante disso, o número trazido por Günther (1975) parece inexato ou, no mínimo, pouco coerente em relação aos registros oficiais. Além disso, o autor especifica que essas 300 pessoas que sobreviveram à epidemia seriam pertencentes à população nativa do Príncipe, mas não oferece quaisquer explicações sobre o que considera como “nativa” ou informa como teria obtido tal dado. Ainda, tampouco esclarece como teria sido possível, naquele momento histórico, classificar os indivíduos em nativos e em não nativos, dado que os trabalhadores contratados já estavam em atividade na ilha há alguns anos quando a doença do sono se alastrou pela região. A maioria esmagadora da população do Príncipe, naquela altura, de fato, era formada por serviçais – que, em 1913, somavam 3.438 indivíduos frente à população total, de 4.938 habitantes (cf. Costa, 1913 apud SILVA, 2021). Os serviçais eram empregados em ofícios domésticos ou agrícolas nas roças, onde a mortalidade pela doença do sono era bastante elevada, em virtude das condições sanitárias insalubres, sendo a principal causa dos óbitos nesses locais.

Portanto, mesmo contando com uma possível, ou talvez provável, subnotificação de mortes, seria tarefa bastante complexa determinar quais pessoas teriam morrido por consequência da doença do sono e, principalmente, se elas eram

nativas do Príncipe ou não. Isso somado às lacunas de documentação desse período, sobretudo no Príncipe, torna ainda mais delicada essa discussão.

Por outro lado, uma série de estudos tem comprovado influências do contato linguístico e das estruturas da língua crioula no PP, como os de Mendes (no prelo), Balduino (2022), Balduino, Vieira e Agostinho (2023). Ante isso, surgem questionamentos em relação ao fato de que caso realmente houvesse restado apenas 300 pessoas da população nativa do Príncipe, como essa influência seria tão presente com apenas essas pessoas para transmitir a língua.

Feita essa discussão, entende-se que, apesar da pouca documentação, o *lung'le* não só esteve presente no momento da formação da variedade do PP, mas também a influenciou.

Considerando que as variedades do PSTP são fruto de um português aprendido como L2, por meio de processos de transmissão irregular, como já argumentam alguns autores, é cabível pensar que pelo menos um número de falantes que aprenderam esse português L2 no Príncipe, embora haja lacunas enormes nos registros históricos, falassem *lung'le* como primeira língua. Esses falantes, então, teriam ensinado a seus filhos um português, aprendido de forma irregular devido às condições sociais e políticas, o qual teria, em si, influência da sua língua primeira, o *lung'le*.

Mesmo que este não seja o espaço para seguir por esses caminhos de análise e que nem haja ainda muito aporte teórico e histórico para continuar, cabe justificar que, em decorrência dessa relevância, que embora careça de maior aprofundamento não pode ser ignorada, serão apresentadas em seguida as consoantes e a sílaba do *lung'le*. As informações das seções abaixo são baseadas em Agostinho (2015), cuja descrição dessa língua é a mais recente e completa.

4.4.1 Consoantes do *lung'le*

Agostinho (2015 p. 47), ao descrever a fonologia do *lung'le*, atestou o seguinte sistema consonantal para essa língua, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 17 Segmentos consonantais lung'le

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Labio-velar
Oclusiva	p/b		t/d			k/g	kp/gb
Nasal	m		n		N		
Aproximante	w		J		j		
Vibrante				R			
Lateral			l	L			
Fricativa			f/v	s/z	S/Z		

Fonte: Adaptado de Agostinho (2015 p. 47)

Assim como demonstrado no quadro, o sistema consonantal do lung'le é composto por vinte e dois fonemas consonantais, sendo oito oclusivos, três nasais, dois aproximantes, um vibrante, dois laterais e seis fricativos. De forma mais detalhada, a autora atestou a ocorrência de 2 oclusivas bilabiais, /p, b/, 2 oclusivas alveolares, /t, d/, 2 oclusivas velares, /k, g/ e 2 oclusivas labio-velares, /kp, gb/; 1 nasal bilabial, /m/, 1 nasal alveolar /n/ e 1 nasal palatal /N/; 1 aproximante bilabial sonora ou semiconsoante aproximante /w/ e 1 aproximante palatal sonora ou semiconsoante aproximante /j/; 1 vibrante alveolar /r/; 1 lateral alveolar /l/ e 1 lateral palatal /L/; 2 fricativas labiodentais /f, v/, 2 fricativas alveolares /s, z/ e 2 fricativas pós-alveolares /S, Z/.

4.4.2 Sílabas em lung'le

Segundo Agostinho (2015 p. 77, 78), a estrutura interna da sílaba em lung'le está dividida em onset e rima, esta última, por sua vez, dividida em núcleo e coda, em consonância com a teoria que postula uma estrutura binária com rima, como a proposta por Pike and Pike (1947 apud Agostinho, 2015), Kurylowicz (1948 apud Agostinho, 2015), entre outros. Como em lung'le há uma relação entre o núcleo e a coda da sílaba, a autora entende que a estrutura binária com rima parece ser mais adequada do que uma estrutura trinária, por exemplo. Ademais, o processo de nasalização é um argumento para a existência da rima em lung'le, já que só ocorre dentro dela.

O quadro abaixo mostra as possibilidades de preenchimento das posições na sílaba em lung'le.

Quadro 18 Sílabas lung'le

Onset (C(C)), ((C(C))G)	Rima – Núcleo V (V)	Rima - Coda (C), (G)
-------------------------------	---------------------------	----------------------------

Fonte: Adaptado de Agostinho (2015, p. 79)

Como demonstrado pelo quadro acima, o onset do lung'le pode não ser preenchido, ser preenchido por uma consoante, duas consoantes, um glide ou uma consoante e glide. O núcleo deve ser obrigatoriamente preenchido por uma vogal e permite ainda outra mora vocálica, constituindo uma vogal longa. Por fim, a coda pode não ser preenchida e, quando o é, admite apenas um segmento, que pode ser uma consoante ou um glide.

A respeito do molde silábico no lung'le, Agostinho (2015 p. 80) constatou que a sílaba mais comum é a CV. As possibilidades de templates silábicos para a sílaba fonológica estão discriminadas no quadro abaixo.

Quadro 19 Sílabas fonológicas possíveis em lung'le

V	C	CV	CVC	VC	CCV	CCVC	CVCC	VCC	CCVCC	CCCV
✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-
VV	CC	CVV	CVVC	VVC	CCVV	CCVVC	CVVCC	VVCC	CCVVCC	CCCVV
✓	-	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-	-

Fonte: Agostinho (2015, p. 80)

Em consonância com o quadro acima, são 12 os templates silábicos do lung'le. A língua permite sílabas com uma vogal, uma vogal longa, uma consoante (V, VV e C); com uma consoante e uma vogal (CV, V); duas consoantes e uma vogal e duas vogais e uma consoante (CVC, CCV, VVC, CVV); duas consoantes e duas vogais (CVVC, CCVV) e três consoantes e uma vogal (CCVC).

Dito isso, o preenchimento de cada uma das posições na sílaba será discutido com mais detalhes a seguir.

Em lung'le, o núcleo deve ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou consoante nasal no início de palavra, que constituirá uma nasal silábica. Assim, a sílaba mínima é uma vogal ou nasal. O núcleo ainda pode ser simples ou ramificado, preenchido por uma ou duas vogais. As vogais no núcleo são fonologicamente orais, mas podem ser foneticamente nasalizadas.

Todas as consoantes e glides descritos acima, a saber, /p, b, t, d, k, g, kp, gb, f, v, m, n, J, w, j, r, l, L, v, s, S, z, Z/, podem ocorrer em onset no meio de palavra. Apenas /L/ não foi encontrada em início de palavra. No entanto, palavras iniciadas em /kp/, /gp/, /Z/ e /J/ são menos comuns. O segundo elemento do onset pode ser uma consoante líquida /r, l/ ou um glide /w, j/. As combinações possíveis para o onset complexo com líquida são /pr, pl, br, bl, tr, dr, kr, kl, gr, gl, fr, vr/. Os onsets complexos /tl, dl, fl, vl/ não apareceram no corpus do trabalho, porém Agostinho (2015) afirma que são possíveis, já que essas consoantes aparecem com /r/, e poderiam aparecer em novos empréstimos. Todas as consoantes oclusivas e fricativas labiodentais formam onsets complexos C/r/, ao passo que apenas as oclusivas bilabiais e velares formam onsets complexos C//. Os onsets complexos iniciados com /s, z/ não foram atestados na língua.

Por fim, a autora atestou que a coda é menos permissiva e, conseqüentemente, mais restrita do que o onset. Essa posição pode ser preenchida por apenas um único elemento, que deve ser um glide /w, j/, uma consoante nasal /N^{*}/², que assimila o ponto de articulação do elemento seguinte e pode ou não ser realizada foneticamente, ou uma consoante fricativa /S^{*}/, realizada como [S]. Não é possível haver mais de um elemento na coda fonológica, mas a coda ramificada pode ocorrer na sílaba fonética.

A sílaba fonética em lung'le, conforme Agostinho (2015, p. 104), pode ser observada nas formas resultantes de processos fonológicos sincrônicos e se distingue da fonológica por ser mais permissiva. A diferença, em síntese, é que a sílaba fonética aceita que o onset seja preenchido por três elementos e a coda por dois.

Assim sendo, é possível haver onsets complexos em início de palavra com as sequências [[p], [t], [k], que violam o princípio da sonoridade na sílaba fonológica. Ademais, a sílaba fonética também permite onsets com três elementos, como é o caso da palavra [Stri~kl] 'nos trinques', que também pode ser pronunciada como [Sti~:kl].

² O * foi adotado como sinal de consoante subespecificada neste trabalho, devido a possíveis confusões com a transcrição em SAMPA.

Já a coda da sílaba fonética, por sua vez, pode ser preenchida por [r, ʃ] e pode ser foneticamente ramificada, podendo ser preenchida por um glide e uma nasal, ou por uma nasal e um [S].

Por fim, o núcleo da sílaba fonética pode ser ocupado por uma vogal; uma vogal bimoraica realizada como [V:], ou uma vogal breve que se torna bimoraica em decorrência de um processo fonológico como o sândi, ou uma nasal silábica. (cf. AGOSTINHO, 2015, p. 104)

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentam-se a metodologia a partir da qual foi realizada esta pesquisa, bem como as informações sobre o corpus utilizado e o tratamento e a análise dos dados.

5.1 CORPUS

As gravações que compõem o corpus desta pesquisa são um recorte de um conjunto maior de dados, coletados durante um trabalho de campo realizado em 2016. A coleta foi conduzida pela Prof. Dra. Ana Livia Agostinho (UFSC) e pela Prof. Dra. Amanda Macedo Balduino (Unicamp), *in loco*, em STP (AGOSTINHO, BALDUINO, 2016). Esse material de áudio e as suas transcrições, juntamente com os outros dados, coletados em momentos diferentes no arquipélago, compõe o futuro Corpus do Português de São Tomé e Príncipe. Esse projeto pretende disponibilizar os áudios e as transcrições correspondentes em uma plataforma on-line, a fim de contribuir com a ainda esparsa documentação das variedades do PST e do PP, disponibilizando dados para as pesquisas futuras e aumentando o alcance dos estudos que contemplam as variedades de português faladas em STP, segundo uma das idealizadoras, Balduino (2022).

Para Balduino (2022), a descrição e a documentação linguística do PST e do PP, promovidas pela pesquisa de campo, para além de trazerem resultados eminentes no meio científico, podem, a longo prazo, retornar frutos às comunidades em questão, especialmente no meio escolar, propiciando o desenvolvimento de material linguístico, de gramáticas próprias e, posteriormente, de material didático em língua portuguesa adequado à realidade linguística de STP. A autora conclui que a descrição e a documentação linguística, realizadas por meio de trabalhos de campo, agem como suporte documental e científico para que variedades como o PST e o PP, que, mesmo sem estar em risco de extinção, são subjugadas, sejam consolidadas como norma local, nesse caso o PSTP. Essa norma, então, poderia ser utilizada no contexto escolar de STP e desvinculada da concepção de ser uma versão mal falada do PE. Essa concepção é basilar no desenvolvimento deste trabalho, cujos futuros impactos esperados vão além do âmbito acadêmico e científico.

A respeito do trabalho de campo em STP, Balduino (2022) afirma que a coleta *in situ*, por propiciar a observação de como tanto o PST quanto o PP são empregados dentro de sua comunidade de fala original, reduz a possibilidade de alterações e acomodações linguísticas que poderiam ocorrer, por exemplo, na fala de santomenses e principenses inseridos em outra comunidade de fala. Logo, um dos propósitos do trabalho de campo foi coletar dados em seu ambiente natural, considerando as variedades estudadas e seus falantes não só como integrantes da comunidade de fala, mas também como indivíduos, de fato, inseridos nela.

5.1.1 Falantes

Participaram dos testes que compõem este corpus 17 falantes, todos moradores da cidade de Santo Antônio, capital do Príncipe. A seleção dos informantes considerou principalmente a disponibilidade e a vontade de participar das gravações dos próprios indivíduos e respeitou apenas dois critérios: ser falante nativo de português e nunca ter saído da Ilha do Príncipe.

Ainda que não tenha havido a preocupação ou mesmo a possibilidade de estabelecer variantes sociolinguísticas de quaisquer tipos para os dados de fala controlada naquele momento, sobretudo em virtude da natureza do trabalho de campo na Ilha do Príncipe, seguem informações sobre alguns marcadores sociais dos participantes, a começar pela distribuição dos falantes por gênero.

Tabela 1 Distribuição de falantes por gênero

Falante	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Feminino	X		X	X	X			X		X					X		X
Masculino		X				X	X		X		X	X	X	X		X	

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como demonstrado, o grupo de informantes desta pesquisa é composto por 8 mulheres e por 9 homens. Quanto à faixa etária, não foi possível estabelecer uma amostra minimamente homogênea, pois participaram falantes de faixas etárias variadas, compreendidas entre 9 e 81 anos. Tal fato tornou difícil agrupar faixas etárias próximas, já que, além de variadas, as idades eram por vezes distantes. Entretanto,

isso não interfere nos propósitos desta investigação que é, sobretudo, fonológica e de caráter geral. Contudo, também acena para a possibilidade de pesquisas futuras, que considerem tal recorte em suas análises.

Algo parecido ocorreu com os dados sobre escolaridade. Já em relação à naturalidade dos pais dos informantes, também houve certa variedade, com a participação de descendentes de principenses, de são-tomenses e de caboverdianos.

Por fim, é importante destacar que, embora não haja dados adequados ou mesmo espaço para discutir variantes sociolinguísticas neste trabalho, até mesmo por esta não ser uma pesquisa da área, considera-se que tal influência não deva ser ignorada e, sempre que possível, são trazidas discussões sociais ao longo das análises aqui empreendidas.

5.1.2 Testes

Como base para esta investigação, foram utilizados 3 testes de fala controlada, elaborados por Agostinho e Balduino (2016), dos quais participaram os 17 falantes supracitados, 8 mulheres e 9 homens, necessariamente moradores da Ilha do Príncipe e falantes de português como língua materna, como explicado anteriormente.

Os testes são de produção, constituídos por listas de palavras e, a princípio, foram desenvolvidos para verificar aspectos específicos das consoantes e da sílaba do PP, como detalhado a seguir.

5.1.2.1 Procedimentos de coleta e descartes

A escolha dos itens lexicais para a composição dos testes baseou-se nos itens dicionarizados do PB e do PE, haja vista que as variedades de STP ainda não foram suficientemente investigadas e carecem de pesquisas linguísticas e literárias para a documentação adequada de seu léxico. Isso pode gerar um problema metodológico, na medida em que algumas das palavras escolhidas acabaram por não ser conhecidas pelos informantes ou por não compor parte de seu cotidiano. Contudo, cabe salientar também que, como se trata de variedades de uma mesma língua, a grande maioria dos itens lexicais são correntes nos diferentes países e compartilhados entre as variedades.

As gravações feitas por Agostinho e Balduino (2016) foram realizadas em pequenas salas individuais de ambientes públicos, cedidos por instituições locais, em razão da ausência de laboratórios ou de quaisquer outros ambientes acústicos no local. No caso dos dados desta pesquisa, foram gravados no espaço onde funciona a Rádio Regional do Príncipe. Esse local era, em geral, silencioso e permitiu que estivessem presentes na sala apenas a pesquisadora e o falante, o que ofereceu privacidade e ajudou a evitar ao máximo interferências externas.

Os áudios foram gravados por meio de um gravador digital e resultaram em um total de 22 arquivos de áudio, visto que alguns dos testes ficaram divididos em dois arquivos. A duração de cada um varia entre 3 e 22 minutos, aproximadamente. Algumas das gravações foram conduzidas por uma das pesquisadoras e outras pela outra.

A dinâmica utilizada para a condução dos testes foi a seguinte: após enunciar cada palavra, a pesquisadora solicitou ao falante que repetisse cada uma delas 3 vezes, encaixada na frase veículo “eu falo x baixinho”. O recurso da frase-veículo possibilita controlar os contextos segmentais adjacentes e a ocorrência do fenômeno dentro da palavra, assim como garantir uma uniformidade razoável na prosódia.

Embora ouvir a pronúncia da palavra por parte da aplicadora do teste pudesse interferir na resposta do informante, esse método foi escolhido porque alguns dos informantes não eram alfabetizados, não se sentiam à vontade para ler as palavras ou tinham pouca familiaridade com leitura e escrita, impossibilitando, assim, a opção pela leitura dos dados. Em alguns casos, ao ouvir a gravação, é possível notar que o falante não entende muito bem a palavra e pede esclarecimentos ou a repete de modo a descaracterizá-la devido a isso.

Portanto, algumas palavras esperadas não foram enunciadas pelos falantes ou não foram solicitadas pelas pesquisadoras, enquanto outras foram desconsideradas, porque o falante não conhecia seu significado ou enunciou a palavra de forma irreconhecível. Também houve um caso de problema com a gravação. Sendo essas situações muito particulares de cada falante e de sua relação com a língua, assim como com outras línguas que possa falar, além da influência de condições externas e de limitações típicas do trabalho de campo, o número de dados de cada informante varia. Nove itens lexicais que originalmente faziam parte dos testes foram excluídos, são eles:

desjejum;

deszelar;
 dessalgar;
 deszincar;
 deschatear;
 roldana;
 enciclopédia;
 cloro;
 canal;

Os motivos que levaram à decisão de excluir esses itens do corpus podem ser divididos em dois grupos, quais sejam:

exclusão da palavra pelas pesquisadoras: situação em que as pesquisadoras decidiram excluir a palavra e não a enunciaram aos falantes ou enunciaram a apenas um falante, como foi o caso de cloro, canal, deszincar, deszelar, desjejum, deschatear e dessalgar.

alto índice de desconhecimento da palavra pelo falante: situação em que uma palavra não é reconhecida por grande parte dos falantes, caso de “roldana” e de “enciclopédia”.

Além disso, a escolha dos itens lexicais para a composição dos testes naturalmente levou em conta a presença dos segmentos que se pretendia analisar e também as suas posições na palavra. Segue, na tabela 4, o número de itens lexicais originalmente selecionados para compor cada um dos testes. O conteúdo completo dos testes se encontra disponível na seção de anexos, ao final deste trabalho, e as especificidades são discutidas a seguir.

5.1.2.2 *Teste 1*

O primeiro teste é o mais extenso dos três, com 133 itens lexicais e a participação de 9 falantes. O objetivo foi verificar /r/ e // em coda e em onsets complexos, e contém palavras com coda /r/ e // em meio e em final de palavra, como carbono, mar, sol e calda, além de onsets complexos formados por /gr/, /br/, /pr/, /tr/, /cr/, /dr/, /vr/, /fr/, /pl/, /tl/, /cl/, /bl/, /gl/ e /fl/, como prato, livro e Brasil.

Originalmente, esse teste resultaria em 3591 itens para análise, porém, com descartes e outras questões, resultou em 3284.

5.1.2.3 Teste 2

Já o teste 2 é o menor em quantidade de itens lexicais, com somente 29, e objetivou verificar apenas a produção de /l/ na posição de onset, com palavras com /l/ em onset em início, meio e fim de palavra, tais como “lata”, “cola” e “aleluia”. Dele, participaram 6 falantes.

Considerando todos os falantes e todas as repetições, o total esperado era de 522 itens a serem analisados. Na realidade, foram 514.

5.1.2.4 Teste 3

O terceiro e último teste, do qual também participaram 6 falantes, contou com 48 itens lexicais e investigou /r/, /l/ e /s/ em coda, sobretudo quando na primeira sílaba da palavra, com itens como “casco”, “vulnerável” e “marcha”.

Os itens, multiplicados pelo número de falantes e de repetições, totalizariam 864 itens para análise nesse teste. Contudo, foram analisados 768.

5.1.2.5 Síntese de testes e falantes

O quadro a seguir sumariza os testes e seus objetivos.

Quadro 20 Testes do corpus

	Teste 1	Teste 2	Teste 3
Objetivo	/r/, /l/ em coda e onset complexo	Onset /l/	/r/, /l/, /s/ em coda
Contém	codas /r/ e /l/ em meio e em final de palavra e onsets complexos	/l/ em onset, nas diferentes posições da palavra	Codas /l/, /r/ e /s/, sobretudo na primeira sílaba da palavra
Exemplos	Carbono, mar e sol	Lata, cola e aleluia	Casco, vulnerável e marcha
Número de itens	133	29	48

Fonte: elaborado pela autora (2024), a partir de Agostinho e Balduino (2016),

Como a distribuição de falantes por teste foi variável, a tabela que segue apresenta quais dos 17 falantes participaram de qual dos testes.

Quadro 21 Falantes por teste

Falante	Teste 1	Teste 2	Teste 3
1	X	X	
2		X	
3		X	
4	X	X	
5	X	X	
6		X	
7	X		
8	X		
9		X	X
10	X		
11	X		
12			X
13			X
14			X
15			X
16			X
17	X		

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Segue uma tabela com o resumo dos números, para melhor visualização.

Tabela 2 Número de falantes por teste

Teste	Número de falantes
1	9
2	6
3	6
Total	17

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Dada a distribuição variável de falantes por teste, a tabela que segue reúne o número de dados de cada falante, em cada teste, já considerando as 3 repetições e os descartes.

Tabela 3 Distribuição dos dados por falante e teste

Falante	Teste 1	Teste 2	Teste 3	Total
1	386	82		468
2		87		87
3		87		87
4	384	84		468
5	387	87		474
6		87		87
7	375			375
8	369			369
9	357		141	498
10	381			381
11	387			387
12			126	126
13			126	126
14			123	123
15			126	126
16			126	126
17	258			258
3284	Total por teste	514	768	4566

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Por fim, segue uma tabela com o total de dados que foram de fato analisados nesta pesquisa, somando todos os testes e todos os falantes, já considerando as repetições e os descartes.

Tabela 4 Dados analisados

	Teste 1	Teste 2	Teste 3	Total
Número de dados	3284	514	768	4566

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A forma pela qual foram tratados e analisados os dados segue detalhada na próxima seção.

5.2 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Antes de detalhar os procedimentos do tratamento e da análise dos dados, cabe salientar que, embora o corpus seja composto por testes desenvolvidos com objetivos específicos, como já dito, serão observadas também outras realizações possíveis disponíveis, tais como os segmentos que ocupam a posição de onset simples, por exemplo.

A primeira etapa da análise, então, foi separar e ouvir os áudios, a fim de se familiarizar com seu conteúdo e de verificar possíveis problemas. Foram feitas, concomitantemente, planilhas para conferir se todos os dados necessários estavam disponíveis nas gravações, a saber todas as consoantes em onset simples, em onset complexo e em coda, além de diante de todas as vogais. Constatou-se, assim, lacunas importantes em algumas posições, uma vez que, novamente, os testes tinham objetivos específicos. Essas lacunas, entretanto, não justificavam a não realização deste estudo.

Ressalta-se, ainda, que optou-se por considerar todas as 3 repetições dos itens lexicais.

Para a transcrição fonética, foi utilizado o alfabeto fonético X-SAMPA3, versão estendida do SAMPA (Speech Assessment Methods Phonetic Alphabet), em detrimento do International Phonetic Alphabet (IPA), comumente utilizado em pesquisas da área. A explicação para isso é que os caracteres especiais do IPA ainda não são suportados pelos softwares leitores de tela como o NVDA4, o que inviabiliza sua utilização por pessoas cegas ou com baixa visão. O mesmo acontece com o Praat, software conhecido dos fonólogos e foneticistas, que não oferece nenhuma acessibilidade aos leitores de tela. Em consequência disso, os arquivos das gravações precisaram ser recortados separadamente, por meio do programa de edição de áudio Audacity, e transcritos também separadamente, em planilhas do Microsoft Excel.

Os arquivos de áudio, em formato “wav”, de cada falante, foram recortados a cada vez que uma palavra era enunciada. Esses trechos, então, foram salvos em arquivos individuais com o nome do falante, a palavra e o número correspondente à repetição. Para maior organização, pastas para cada falante foram criadas, nas quais

³ <https://www.phon.ucl.ac.uk/home/sampa/x-sampa.htm>

⁴ <https://www.nvaccess.org/>

esses arquivos foram adicionados. Caso um falante tenha participado de mais de um teste, o nome da pasta recebeu também o número em questão.

Feito isso, procedeu-se o preenchimento das planilhas, que foram pensadas e organizadas para registrar os dados, mas também para facilitar a posterior análise e também o acesso às informações. Foram criadas planilhas para cada teste, subdivididas de acordo com o falante em abas separadas. Além da palavra e da transcrição fonética, foram criadas colunas para serem preenchidas com as posições na sílaba, a saber onset simples, onset complexo e coda. Também há uma coluna para registrar observações. Abaixo, seguem imagens⁵ de uma das planilhas, já preenchidas, de cada um dos 3 testes.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
Palavra	Transcrição	Comentário	Onset s	Onset s	Onset s	Onset s	Onset c	Onset c	Coda	Coda				
Falante_4_Carbono1	[ka4"bonU]		[k]	[b]	[n]				[4]					
Falante_4_Carbono2	[kah"bonU]		[k]	[b]	[n]				[h]					
Falante_4_carbono3	[kah"bonU]		[k]	[b]	[n]				[h]					
Falante_4_parte1	["paht]	Checar	[p]	[t]					[h]					
Falante_4_parte2	["paht]		[p]	[t]					[h]					
Falante_4_parte3	["paht]		[p]	[t]					[h]					
Falante_4_perdedor1	[pehde"do4]	Checar	[p]	[d]	[d]				[h]	[4]				
Falante_4_perdedor2	[pehde"do4]		[p]	[d]	[d]				[h]	[4]				
Falante_4_perdedor3	[pehde"doh]		[p]	[d]	[d]				[h]	[h]				
Falante_4_perdido1	[peh"dZidU]	checar	[p]	[d]	[d]				[h]					
Falante_4_perdido2	[peh"dZidU]	possível apagamento	[p]	[d]	[d]				[h]					
Falante_4_perdido3	[peh"dZidU]		[p]	[d]	[d]				[h]					
Falante_4_perto1	["pE4tU]	Checar	[p]	[t]					[4]					
Falante_4_perto2	["pEhtU]		[p]	[t]					[h]					
Falante_4_perto3	["pE4tU]		[p]	[t]					[4]					
Falante_4_certo1	["sE4tU]		[s]	[t]					[4]					
Falante_4_certo2	["sE4tU]		[s]	[t]					[4]					
Falante_4_certo3	["sE4tU]		[s]	[t]					[4]					
Falante_4_afirmativo1	[af4ma"tsivU]	checar t	[f]	[ts]	[v]				[4]					
Falante_4_afirmativo2	[af4ma"tsivU]		[f]	[ts]	[v]				[4]					
Falante_4_afirmativo3	[af4ma"tsivU]		[f]	[ts]	[v]				[4]					

Figura 1 Planilha teste 1

Exemplo de uma das planilhas do teste 1, preenchida com dados da falante 4.

⁵ Todas as imagens neste trabalho contêm uma descrição em texto alternativo, de modo a garantir acessibilidade informacional às pessoas cegas e com baixa visão.

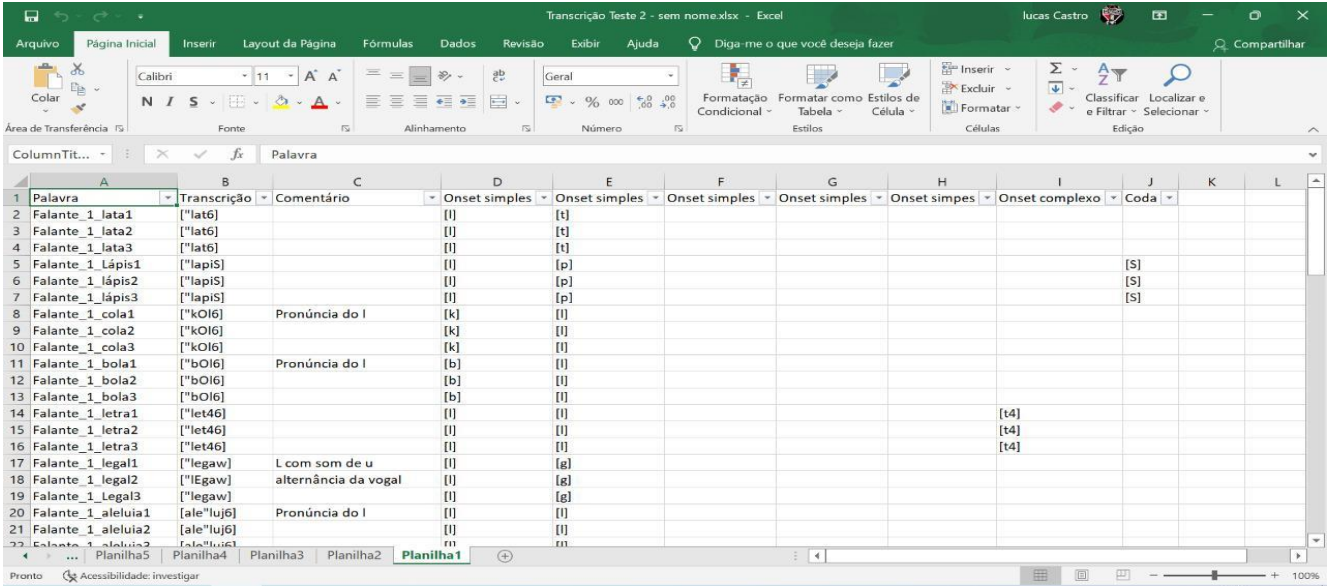


Figura 2 Planilha teste 2

Exemplo de uma das planilhas elaboradas para o teste 2, com dados preenchidos da falante 1.

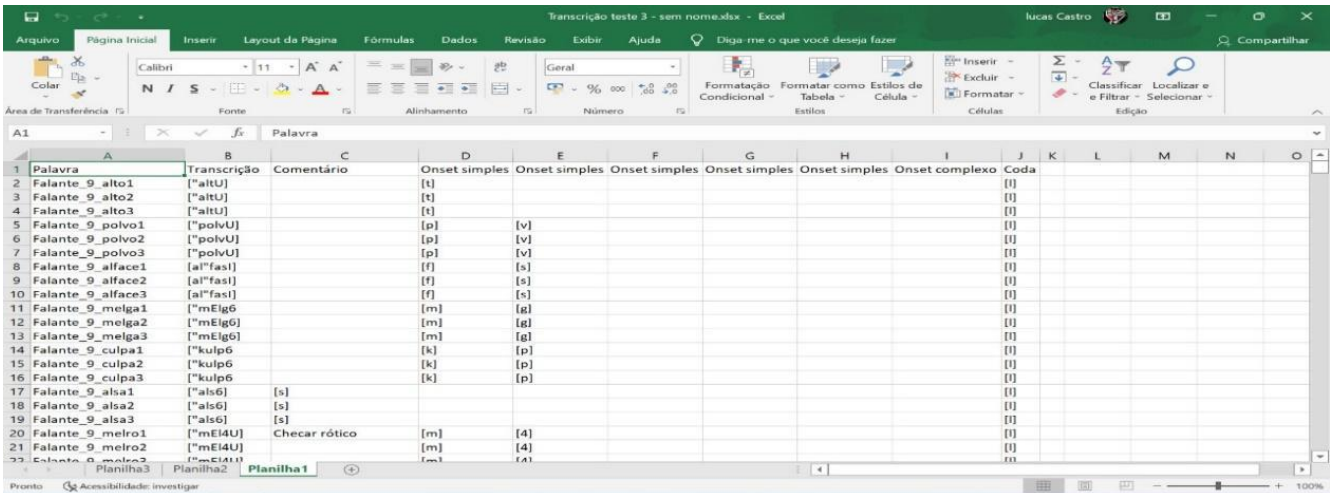


Figura 3 Planilha teste 3

Por fim, exemplo de uma das planilhas do teste 3, elaborada com os dados do falante 9.

As planilhas foram preenchidas conforme a ordem em que as palavras aparecem nos áudios, assim como conforme a ordem estabelecida nas colunas. Em seguida da transcrição, as colunas correspondentes às posições na sílaba foram preenchidas com cada segmento. A última coluna, intitulada “comentários”, foi utilizada para pontuar uma série de questões típicas do processo de transcrição

fonética e de análise, tais como anotações sobre a possibilidade da ocorrência de algum processo fonológico ou de variação e até mesmo lembretes para checar a transcrição, seja por dúvidas sobre símbolos do alfabeto, seja por inseguranças em relação ao próprio conteúdo do áudio. Antes de iniciar a análise, essa coluna foi revisada e os comentários sobre a necessidade de checar algo novamente foram filtrados e resolvidos, com as devidas checagens. Para a análise, foram conferidas as colunas preenchidas e separados os resultados.

Após feitas todas as transcrições e preenchidas todas as planilhas, a próxima etapa foi a construção de um banco de dados, que unificou todas as transcrições em uma única planilha, que facilitou o trabalho com um volume de dados maior, bem como possibilitou a realização de comparações entre os dados de forma mais fácil.

Por tratar-se de uma descrição fonológica, o estatuto de fonema das consoantes foi primariamente estabelecido mediante análise perceptual dos dados, por meio de oitiva. A análise acústica, como previsto no planejamento desta pesquisa, foi um recurso utilizado apenas caso algo específico precise ser confirmado, gere dúvida ou curiosidade, levando em conta também as questões de acessibilidade já mencionadas.

Confirmados os fonemas, as consoantes foram examinadas em relação a sua posição na sílaba, conforme considerada na teoria métrica da sílaba, especialmente a que postula a sílaba como uma estrutura dividida em ataque e rima, essa última subdividida em núcleo e coda. Como as vogais já foram descritas anteriormente (cf. SANTIAGO et al, 2022; SANTIAGO 2019, foram observadas as posições de ataque e de coda. Foram observadas, também, possíveis ocorrências de quaisquer processos que interfiram na formação da sílaba, bem como que promovam a variação segmental, ainda que a intenção não tenha sido se aprofundar neles.

Em suma, a partir dos dados disponíveis, as consoantes foram analisadas em posição de onset simples e complexo, assim como de coda, conforme detalhado na próxima seção.

5.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Os dados aqui analisados integram o futuro Corpus do PSTP e foram coletados in loco, no Príncipe, em 2016. São de fala controlada, no formato lista de palavras, divididos em 3 testes de produção, que objetivaram averiguar aspectos sobre as

consoantes e a sílaba. O total de ocorrências analisadas, considerando todos os descartes, foi de 4566.

Quanto ao número de falantes, participaram das gravações 8 mulheres e 9 homens, totalizando 17 informantes. Os critérios de participação foram apenas dois: ser falante de português como língua materna e nunca ter saído da Ilha do Príncipe. Na aplicação dos testes, a pesquisadora orientou o falante a repetir a palavra 3 vezes, inserida na frase-veículo “eu falo X baixinho”.

A análise foi fonológica, realizada por meio sobretudo de oitiva, e objetivou discriminar os segmentos consonantais que compõe o sistema consonantal do PP e os que ocupam cada posição da sílaba, tendo como base a Teoria Métrica da Sílaba

6 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão detalhados os resultados da pesquisa, bem como a análise dos dados que a compõe. Para tanto, o capítulo divide-se em seções sobre as consoantes e a sílaba, as quais se subdividem conforme cada um dos temas, abrangendo a descrição dos segmentos e também a variação encontrada.

6.1 SISTEMA CONSONANTAL DO PP

Conforme atestado pelos dados, esta análise corrobora Balduino (2022), ao apontar que o sistema consonantal do PP é composto por 18 fonemas consonantais, os quais subdividem-se em 5 modos de articulação: oclusivo, fricativo, nasal, lateral e rótico; e em 4 pontos de articulação: labial, alveolar, palatal e velar. Discute-se, abaixo, cada uma dessas categorias separadamente.

Salienta-se, ainda, que algumas das combinações de segmentos não foram encontradas nos dados, em decorrência das características e dos objetivos do corpus analisado, que não foi idealizado com o objetivo de abarcar todas as consoantes, mas sim contextos específicos. Será sinalizado quando isso ocorrer. Nesse sentido, também é importante pontuar que esta seção se refere às ocorrências encontradas nos dados analisados e não representa a totalidade da variedade.

Quadro 22 Fonemas consonantais do PP

	Oclusivas	Fricativas	Nasais	Laterais	Rótico
Labial	p/b	f/v	m		
Alveolar	t/d	s/z	n	l	r
Alveopalatal			S/Z		
Palatal			J	L	
Velar	k/g				

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro mostra os fonemas que compõe o sistema consonantal do PP, que são: 6 oclusivas, /p, b, t, d, k, g/; 6 fricativas, /f, v, s, z, S, Z/; 3 nasais /m, n, N/; 2 laterais /l, L/ e 1 rótico /r/.

Como esperado, considerando que o PP, apesar de possuir características únicas, ainda corresponde a uma variedade de português, seus fonemas

consonantais não apresentam diferenças significativas em relação às outras variedades da língua, afora o fonema rótico, que se distingue nessa variedade por não possuir distinção fonológica entre dois fonemas róticos, como será discutido nas seções seguintes. Ademais, conforme Balduino (2022), além dos segmentos discriminados no quadro, relações de alofonia são esperadas, bem como a variação de formas fonéticas em decorrência da implementação de processos fonológicos.

Cabe também salientar que, novamente, devido a ser uma variedade de português, inclusive já estudada por outros autores, como Balduino (2022, 2020), considera-se neste trabalho que não haja a necessidade de uma abordagem de identificação de pares mínimos para o PP, a não ser pela discussão em relação aos róticos.

A seguir, as consoantes são discutidas individualmente, com exemplos retirados do corpus.

6.1.1 As oclusivas

O sistema consonantal do PP conta com 6 consoantes oclusivas, sendo elas: /p, b, t, d, k, g/. Quanto ao ponto de articulação, as oclusivas dividem-se em 3 grupos: as labiais, /p b/, as coronais, /t d/, e as dorsais, /k g/, os quais podem se distinguir em decorrência da marcação de vozeamento, conforme Balduino (2022). A seguir, discute-se cada um desses grupos.

6.1.1.1 Oclusivas labiais

Em PP, são duas as consoantes oclusivas labiais, a surda /p/ e a sonora /b/, atestadas nos dados, conforme os exemplos abaixo.

Quadro 23 Oclusivas labiais em PP

/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/p/	/p/apel	/p/erdedor	/p/erto	/p/ior	/p/orco	/p/orta
	po/p/uloso					
/b/	/b/ar	li/b/eral	al/b/ino	car/b/ono	/b/ola	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme o quadro, a ocorrência de /p/ e de /b/ foi atestada quase categoricamente, sendo que não foram encontrados nos dados apenas itens lexicais

com as combinações [be] e [bu] por conta do corpus, uma vez que não foi possível coletar um corpus específico para esta pesquisa. Como aponta Balduino (2022), as oclusivas labiais distinguem-se, essencialmente, pela sonoridade, já que, enquanto /b/ é [+vozeado], /p/ é [-vozeado], o que indica que o vozeamento, no caso das oclusivas labiais, pode produzir contraste nessa variedade, como esperado.

6.1.1.2 Oclusivas alveolares

As consoantes oclusivas alveolares, em PP, também se dividem em uma surda /t/ e uma sonora /d/, contrapostas entre si pelo vozeamento (cf. Balduino, 2022), e foram atestadas nos dados, como mostra o quadro abaixo.

Quadro 24 Oclusivas alveolares em PP

	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/d/	blin/d/ado	fi/d/elidade	cor/d/el	per/d/ido	/d/or		a/d/ulto
/t/	pra/t/a	elefan/t/e	fra/t/erno	plás/t/ico	/t/orto		/t/urco

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado, a ocorrência de /t/ e de /d/ foi atestada diante de todas as vogais, exceto /O/, em ambos os casos. A não ocorrência diante de /O/ é uma consequência do corpus analisado.

A exemplo do que ocorre no PB, embora não no PE (cf. Noll, 2022), verifica-se, em PP, a africatação de /t/ e de /d/ quando diante de /i/, fenômeno que será discutido em detalhes na seção .

6.1.1.3 Oclusivas velares

As oclusivas velares surda /k/ e sonora /g/, as quais geram oposições em sílabas átonas e tônicas (cf. BALDUINO, 2022), foram atestadas no PP, por meio das seguintes ocorrências nos dados.

Quadro 25 Oclusivas velares em PP

	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/k/	/k/alor	cra/k/e			/k/or	/k/ola	/k/ulpa
/g/	lu/g/ar					lo/g/o	/g/uloso

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como mostrado acima, quanto a /k/, faltaram itens lexicais com as combinações [ke] e [ki] nos dados, devido ao corpus. Essa falta se amplia ainda mais com o fonema /g/, com o qual foram encontradas apenas combinações com [ga], [go] e [gu], deixando uma lacuna de itens com [ge], [gE], [gi] e [go].

6.1.2 As fricativas

O grupo das fricativas, em PP, é composto por 6 segmentos consonantais: /f, v, s, z, S e Z/. Observa-se dois pontos de articulação na produção das fricativas, labial e coronal

6.1.2.1 *Fricativas labiais*

As fricativas labiais surda [f] e sonora [v] foram atestadas nos dados, conforme demonstrado no quadro que segue.

Quadro 26 Fricativas labiais em PP

/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/f/	/f/alta blas/f/ema	/f/esta	/f/idelidade	/f/olgado	/f/orma	/f/unil
/v/	er/v/a amá/v/el		des/v/io	e/v/olUÇÃO	re/v/ólver	/v/ulnerável

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como visto acima, foi possível comprovar a ocorrência dos fonemas /f/ e /v/ em todos os contextos de combinação com vogais, exceto em /v/ diante de /e/, uma vez que não estava presente no corpus, em decorrência de duas características.

6.1.2.2 *Fricativas alveolares*

As fricativas alveolares surda /s/ e sonora /z/ foram atestadas nos dados, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 27 Fricativas alveolares em PP

	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/s/	atrave/s/ar	li/s/eu	/s/erto	po/s/ível	ur/s/o	/s/ol	/s/ul
/z/	blu/z/a	glico/z/e		Bra/z/il	filó/z/ofó	an/z/ol	re/z/ultado

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A ocorrência de /s/ foi atestada de forma categórica nos dados, diante de todas as vogais. Da mesma forma que a ocorrência de /z/, que não foi encontrada, nos itens presentes no corpus, apenas diante de /E/.

6.1.2.3 Fricativas palatais

As fricativas palatais surda /S/ e sonora /Z/ foram atestadas por meio das seguintes ocorrências nos dados.

Quadro 28 Fricativas palatais em PP

	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/S/	mar/Sa						
/Z/	lo/Z/a	filma/Z/em		ar/Z/ila			/Z/úpter

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como exposto no quadro, há uma lacuna significativa nos dados em relação às ocorrências de /S/ e de /Z/, principalmente de /S/, que aparece apenas diante de [a]. No caso de /Z/, faltaram itens com ocorrências diante de /E/, de /O/ e de /o/. Isso ocorreu por consequência da construção do corpus, feito privilegiando itens que se encaixavam em seus objetivos.

6.1.3 As nasais

As nasais labial /m/, alveolar /n/ e palatal /J/ foram atestadas nos dados, conforme demonstrado pelos exemplos a seguir.

Quadro 29 Nasais em PP

	/a/	/E/	/e/	/i/	/o/	/O/	/u/
/m/	/m/ar	/m/elga	/m/elhor	alu/m/ínio	cla/m/or	for/m/ol	/m/ulher

/n/	/n/adar	/n/ervo	fu/n/il	as/n/o	i/n/útil
/J/				se/J/or	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro 29 atesta categoricamente a ocorrência de /m/, que aparece diante de todas as vogais. No caso de /n/, em razão do corpus, faltaram apenas ocorrências diante de /e/ e /o/. A ocorrência de [J] foi atestada em apenas um item lexical, de todo o corpus.

6.1.4 As laterais

As laterais, em PP, são um grupo constituído por apenas dois segmentos consonantais, com dois pontos de articulação, alveolar // e palatal /L/. Ambas foram verificadas nos dados, conforme ilustrado no quadro 30 abaixo.

Quadro 30 Laterais em PP

/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
//	//ata	//egal	//eve	//iberdade	//ogo	//obo
/L/	atrapa/L/ado	co/L/er			me/L/or	traba/L/o

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado no quadro, a ocorrência de // foi atestada de forma categórica nos dados, a partir de exemplos diante de todas as vogais. Enquanto isso, faltaram dados para /L/ diante de /e/, de /i/ e de /u/, uma vez que o corpus foi pensado com foco nos itens que eram seus objetivos.

6.1.5 O rótico

O grupo sonoro dos róticos, assim denominado por esse segmento apresentar muitas possibilidades de realização em PP, demarca, ainda, um dos processos de mudança desse sistema linguístico (cf. BALDUINO, 2022).

Apesar da variedade de realizações fonéticas do rótico encontradas, Balduino (2022), assim como Agostinho (2016), Agostinho, Soares e Mendes (2020) e Mendes

(2021), assumem a existência de apenas um fonema rótico em PSTP, /r/, o qual deriva [4], [R] e outros alofones, posição corroborada pelos dados desta pesquisa.

Desse modo, a ocorrência do fonema rótico /r/, em PP, foi atestada nos dados, como mostrado no quadro que segue.

Quadro 31 Rótico em PP

	/a/	/E/	/e/	/i/	/O/	/o/	/u/
Posição intervocálica	ge/r/al		ca[r]egador	dolo/r/ido	glamu/r/osa	cla/r/o	
Início de palavra		/r/esultado					
Coda	ma[r]	ce[r]to	ne[r]vo	afi[r]mativo	po[r]ta	to[r]to	u[r]na

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado no quadro, os dados aqui analisados não apresentaram tanta variedade de ocorrências do fonema /r/ quando em onset simples, em virtude dos objetivos do corpus serem outros, especialmente em posição de início de palavra, na qual foram encontradas ocorrências de /r/ apenas diante de /e/. Em posição intervocálica, por sua vez, faltaram ocorrências apenas diante de /E/ e de /u/. A posição da coda, investigada no corpus, apareceu com ocorrência diante de todas as vogais.

Embora os dados aqui analisados não tenham trazido um grande número de ocorrências de /r/, ainda são suficientes para observações importantes, em especial quanto à variação, já observada por autores como Mendes (no prelo), Balduino (2022), Mendes (2021), Agostinho e Mendes (2020). As diferentes realizações do fonema /r/, em PP, serão discutidas na seção 6.

Outras investigações já atestaram que o comportamento do segmento rótico é o que diferencia o PP do PB e do PE, pois os falantes de PP não distinguem fonologicamente “r fraco” e “R forte” (AGOSTINHO, 2016, 2016; AGOSTINHO; SOARES; MENDES, 2020a, 2020b/ AGOSTINHO; MENDES, 2020).

Assim sendo, o comportamento do rótico é comprovadamente uma marca distintiva da singularidade da variedade principense do português, bem como o destaque no sistema consonantal dessa variedade.

6.2 A SÍLABA

Como discutido brevemente no capítulo 3, diferentes teorias se ocuparam de discutir a sílaba e sua estrutura interna. Neste trabalho, utiliza-se a proposta representacional ligada à teoria métrica da sílaba (SELKIRK, 1982; BLEVINS, 1995) que postula uma estrutura hierárquica interna para a sílaba, formada por Onset (consoante(s) à esquerda do núcleo); Núcleo (pico sonoro da sílaba que corresponde, em geral, a vogais); Coda (consoante à direita) (SELKIRK, 1992; BISOL, 1999).

Tal escolha de alinhamento teórico deve-se, principalmente, ao fato de que essa proposta já é utilizada para o português por outros autores, como Bisol (1999) e, especificamente para o português de São Tomé e Príncipe, português de São Tomé (VIEIRA, BALDUINO, 2020) e português principense (BALDUINO, 2022; 2020).

Dito isso, a sílaba no PP é formada, hierarquicamente, pelos seguintes constituintes: onset (O) e rima (R), esta subdividida em núcleo (Nu) e coda (Co) (SELKIRK, 1982; BLEVINS, 1995). Cada posição pode ser preenchida conforme o quadro que segue.

Quadro 32 Preenchimento da sílaba em PP

Onset	Rima – Núcleo	Rima – Coda
(C(C))	V	(C)

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Assim sendo, enquanto o núcleo deve ser obrigatoriamente preenchido por uma vogal, o onset pode não ser preenchido ou ser preenchido por uma ou duas consoantes. A coda, por sua vez, pode não ser preenchida ou ser preenchida por uma consoante. Essa estrutura está em consonância com a descrita por Balduino (2022; 2020) e será discutida em detalhes nas próximas seções.

No que diz respeito ao molde silábico do PP, os templates identificados nos dados estão expostos no quadro a seguir.

Quadro 33 Templates silábicos do PP

Template	Exemplo
V	e.lefante
CV	lu.ta

VC	as.no
CVC	cas.co
CCV	li.vro

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como apresentado, o PP pode ter sílabas formadas por uma vogal (V), uma vogal e uma consoante (CV, VC), duas consoantes e uma vogal (CVC, CCV).

Contudo, cabe lembrar que esses templates representam apenas o que pode ser encontrado nos dados utilizados nesta pesquisa e não a totalidade do molde silábico do PP. Balduino (2022; 2020) atestou, além do já mencionado, sílabas com 3 consoantes e uma vogal (CVCC, CCVC) e 4 consoantes e uma vogal (CCVCC).

Em seguida, são discutidas as partes da sílaba conforme a relação hierárquica, onset e rima.

6.2.1 Onset simples

Todas as consoantes citadas na seção anterior podem ocupar a posição de onset simples em PP, conforme atestado pelos dados, no quadro abaixo.

Quadro 34 Onset simples em PP

Onset simples	Exemplos	Onset simples	Exemplos
/p/	/p/erto, cul/p/a	/b/	[b]ar, car[b]ono
/t/	/t/únel, inú/t/il	/d/	carrega/d/or, na/d/ar
/k/	/k/or, cra/k/e	/g/	/g/uloso, tra/g/ar
/f/	/f/esta, ele/f/ante	/v/	/v/ulnerável, e/v/olUÇÃO
/s/	/s/ol,atrave/s/ar	/z/	blu/z/a, re/z/ultado
/S/	mar/S/a	/Z/	/Z/úpter, lo/Z/a
/m/	/m/elhor, alu/m/ínio	/n/	/n/adar, rolda/n/a
/l/	/l/ugar, ca/l/or	/L/	traba/L/o
/r/	dolo/r/ido		
/J/	se/J/or		

Fonte: elaborado pela autora (2024)

No quadro acima, há exemplos de onset simples em início e meio de palavra com quase todas as consoantes, exceto [S] e [J], ausentes nos dados.

Assim, como possibilidade de preenchimento do onset simples em PP, estão as consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, S, Z, m, n, J, l, L, 4 e h/. Tal resultado corrobora o trabalho de Balduino (2020).

6.2.1.1 *Variação em onset simples*

A seguir, discutem-se as ocorrências de variação nos segmentos em posição de onset simples, que, neste trabalho, abarcam africatação e variação do rótico.

6.2.1.1.1 *Africatação de /t/ e de /d/*

No que diz respeito à variação em onset simples, constatou-se a ocorrência de africatação, cujo alvo foram as oclusivas /t/ e /d/ em contexto específico. Esse fenômeno consiste na alternância entre oclusivas coronais e africadas diante de [i], e resulta em africadas alveolares [ts] e [dz] e em africadas palatais [tS] e [dZ], como já reportado para o PSTP por Balduino (2022). Exemplos da ocorrência de africatação nos dados desta pesquisa podem ser conferidos a seguir, a começar pela ocorrência com /t/.

Quadro 35 Africatação de /t/ em PP

Realização	Exemplo
[ts]	prá[ts]ica
[tS]	plás[tS]ico

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Nos dados, nos contextos diante de /i/, foram encontradas ocorrências da coronal /t/, da africada alveolar [ts] e da africada palatal [tS].

Quadro 36 Africatação de /d/ em PP

Realização	Exemplo
[d]	fidelida[d]e
[dZ]	cláu[dZ]io

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Já em relação à coronal /d/, foram encontradas ocorrências apenas de [d] e da africada palatal [dZ].

Observou-se que a africatização não ocorreu em todos os contextos que a propiciavam, ou seja, quando diante de /i/, bem como a oscilação entre africadas e coronais na produção de um mesmo falante, como também atestado por Balduino (2022).

A tabela que segue reúne o número de ocorrências de cada realização, no contexto propício à africatização, iniciando com /t/.

Tabela 5 Distribuição da africatização de /t/ em PP

	[t]	[ts]	[tS]	Total
Ocorrências	170	98	76	344
Porcentagem	49%	28%	23%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

De acordo com o mostrado na tabela, a realização mais frequente identificada nesse contexto, com quase a metade das ocorrências, 49%, foi a coronal [t], seguida pelas africadas palatal e alveolar, que dividem o restante das ocorrências quase por igual, com 23% e 28%, respectivamente.

Esse resultado mostra-se bastante equilibrado, considerando o tamanho da amostra analisada, uma vez que, apesar de a forma coronal ter sido, comparativamente, a mais empregada pelos falantes em relação às outras duas, as africadas apresentaram número expressivo de ocorrências, competindo pelo segundo lugar e, juntas, representando até mais que a coronal.

Interessante pontuar, ainda, que as alveolares [ts] e [dz] são reportadas para microvariedades brasileiras específicas, como, por exemplo, as que ocorrem em algumas regiões de Santa Catarina, segundo trabalhos como o de Pagotto, 2004.

A seguir, é apresentada a distribuição das ocorrências envolvendo a oclusiva /d/.

Tabela 6 Distribuição da africização de /d/ em PP

Realização	[d]	[dZ]	Total
Ocorrências	198	39	237
Porcentagem	86%	16%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A africização que atinge a coronal /d/, conforme dados da tabela, revelou-se bem menos significativa numericamente que a em /t/, de modo que a africada apareceu com apenas 16% das ocorrências em relação ao total dentro do contexto possível. Contudo, os itens lexicais em que poderia ocorrer estão também consideravelmente em menor número no corpus.

Por fim, cabe destacar que tais resultados aproximam o PP do PB, variedade em que a africização é uma característica notória (cf. Noll, 2017)

Na próxima subseção, discute-se a variação que atinge o segmento rótico em PP.

6.2.1.2 *Variação na realização do rótico*

A realização do fonema rótico em PP, como já mencionado, é um tema interessante e profícuo, devido às suas particularidades e também à variedade de sons que compõe esse grupo no PSTP. Balduino (2022) aponta que, nas variedades do PSTP, o rótico pode ser realizado como [4], [K], [r], [R\], [x], [X], [h].

Partindo de pressupostos gerativistas, Balduino (2022) sugere /r/ como fonema subjacente do PSTP (cf. ABAURRE; SANDALO, 2003), resultando em [4] pelo desligamento do traço [contínuo] e em [R\] pela posteriorização de /r/.

Dada a natureza geral deste trabalho e a considerável dificuldade de identificar as diversas realizações róticas que ocorrem no PP, já atestada por outros autores, sobretudo, mas não só, por meio de oitiva, optou-se, aqui, por congrega as realizações do rótico em grupos, como resume o quadro a seguir.

Quadro 37 Realizações do rótico neste trabalho

Realização	Símbolo
------------	---------

Fricativa	[R]
Tap	[4]
Aproximante	[r\]
Vibrante múltipla	[r]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Dessa forma, os grupos determinados são: fricativa posterior, representada por [R], que abarca as realizações fricativas posteriores, como [x] e [R\]; tep [4], correspondente à vibrante alveolar simples; aproximante [r\], que abrange realizações aproximantes tanto alveolares quanto retroflexas; e vibrante múltipla [r]. A seguir, um quadro com alguns exemplos de ocorrências retirados dos dados.

Quadro 38 Ocorrências do rótico

Realização	Exemplo	Exemplo
[R]	ls[R]ael, cla[R]o	luga[R], calo[R]
[4]	ls[4]ael, cla[4]o	a[4]de, calo[4]
r\]	mel[r\]o, dolo[r\]ido	luga[r\], libe[r]dade
[r]	dolo[r]ido	luga[r], calo[r]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A variabilidade do rótico é demonstrada no quadro, com exemplos de ocorrências em todas as posições. Um mesmo item lexical foi realizado de diferentes formas. Destaca-se a realização aproximante que ocorreu, inclusive, em posição de onset.

Para situar a discussão, na tabela que segue, é apresentado o número de ocorrências de cada uma dessas realizações róticas nos dados, de forma geral, sem distinção de posição.

Tabela 7 Distribuição das realizações do rótico

Realização	Número de ocorrências	Porcentagem
[R]	877	53%
[4]	508	30%

[r\]	243	15%
[r]	36	2%
Total	1664	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como demonstrado, a realização mais encontrada para o rótico, independentemente de onde estava licenciado, foi a fricativa, com 53% das ocorrências, seguida do tap, com 22%, da aproximante, com 15% e, em última posição, da vibrante múltipla, com apenas 2%. A tabela que segue mostra a distribuição das ocorrências do rótico nos dados segundo a posição, se onset ou coda.

Tabela 8 Rótico segundo a posição

Posição	Ocorrências	Porcentagem
Onset	370	22%
Coda	1294	78%
Total	1664	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

De acordo com o exibido na tabela, o corpus, em virtude dos objetivos para os quais foi pensado, privilegiou a posição de coda, o que fez com que o rótico nessa posição aparecesse significativamente em mais ocorrências do que em onset. A seguir, discute-se a variação do rótico em posição de onset.

Quadro 39 Variação do rótico em posição de onset

Realização	[R]	[4]	[r\]	[r]
Exemplo	dolo[R]ido Ge[R]al	dolo[4]ido Ge[4]al	dolo[r\]ido	dolo[ri]ido

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Conforme o quadro, em onset, foram encontradas ocorrências de todas as realizações já mencionadas, [R, 4, r\, r], embora essas últimas duas com considerável menos frequência, como apresentado na tabela seguinte.

Destaca-se, dessa posição, a palavra “dolorido”, para a qual houve ocorrências de todas as realizações.

Tabela 9 Distribuição do rótico em onset

Realização	[4]	[R]	[r\]	[r]	Total
Ocorrências	88	274	6	3	370
Porcentagem	24%	74%	2%	1%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como verificado na tabela, a realização mais empregada pelos falantes para o contexto de rótico em onset simples foi a fricativa, com 74% das ocorrências. Em segundo, estava o tap, com 24% e, por último, as realizações aproximante e vibrante, com 2 e 1%, respectivamente.

Esse resultado coaduna com Mendes (no prelo), que constatou as realizações [4, X, R\, R, r] nesse contexto, dado que [R\], [X] e [R] estão no grupo das fricativas. A diferença é que neste trabalho não houve apagamento nem lateral no onset simples, possibilidades constatadas pela autora.

Além disso, o número de realizações atestado por Mendes (no prelo) diferiu, com o tap [4] como a mais frequente, com 67% das ocorrências, enquanto as fricativas, se somadas, corresponderam a 22%.

Ainda em relação à posição de onset simples, mas agora apenas em início de palavra, o quadro a seguir apresenta exemplos do rótico nesse contexto.

Quadro 40 Variação no rótico em início de palavra

Realização [R]	Realização [4]
[R\]esultado	[4]esultado
[R\]efletir	[4]efletir

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Quanto à variação do rótico em contexto de início de palavra, verificou-se as realizações [R] e [4]. Embora a amostra para esse contexto nos dados seja bastante reduzida, composta por apenas 3 itens lexicais, cabe apontar que apenas um falante, em um dos itens, produziu tap inicial, como mostrado na tabela a seguir.

Tabela 10 Distribuição da variação do rótico em início de palavra

Realização	[4]	[R]	Total
Ocorrências	3	72	75
Porcentagem	4%	96%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Assim sendo, a realização fricativa para o rótico novamente predominou, com 96% das ocorrências. Esse resultado contrasta com Balduino (2022), que atestou [R\] com 45% (48/106) das realizações, contra [4] com 55% (58/106). Além disso, a autora constatou uma diferença nas realizações de onset inicial ao comparar as duas variedades do PSTP, pois, em PST houve mais realizações da fricativa, 67% (63/106), em relação à 37% (39/106) de tap [4]. Diante disso, a autora propõe a posição de onset inicial como diferenciadora das microvariedades quanto ao uso de [4] e de [R\].

Mendes (no prelo) observou, ainda, uma gradiência no uso das variantes posteriores conforme a elevação da idade dos informantes. Essa característica converge com o que os estudos tem apontado no sentido de que [4] vem sendo suplantado pelas variantes posteriores (Balduino, 2022; Bouchard, 2017; Mendes, 2021). De certa forma, converge também com as análises aqui empreendidas.

O rótico também pode ser apagado em PP na posição de onset, conforme verificado por Mendes (no prelo), que relatou 3% de ocorrências de apagamento. No entanto, não foram encontrados dados de apagamento nessa posição nesta pesquisa. As raras ocorrências de apagamento encontradas foram creditadas ao desconhecimento da palavra pelo falante, como no item “roldana”, descartado por esse motivo, como detalhado na metodologia.

Na próxima subseção, discute-se a composição do onset complexo.

6.2.2 Onset complexo

A posição de onset complexo no PP, com base nos dados desta pesquisa, pode ser preenchida por dois elementos, conforme ilustrado abaixo, no quadro 40.

Quadro 41 Preenchimento do onset complexo em PP

C1 C2

p, b r, l
 t, d r, l
 k, g r, l
 f, v r, l

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O onset complexo em PP, então, pode ser constituído da seguinte forma: na primeira posição, podem estar uma oclusiva /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ ou /g/ ou uma fricativa /f/ ou /v/, ao passo que na segunda posição, muito mais restritiva, podem estar apenas um rótico /r/ ou uma líquida //.

A seguir, são discutidas separadamente as combinações possíveis no onset complexo em PP com exemplos dos dados, começando com as oclusivas /p/ e /b/.

Quadro 42 Onset complexo com /p/ e /b/

Onset complexo	Exemplos	Onset complexo	Exemplos
/pl/	/pl/aca, /pl/ástico	/bl/	/bl/indado, /bl/usa
/pr/	/pr/ata, /pr/ato	/br/	/br/asil, a/br/il

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Como verificado acima, foram atestadas nos dados ocorrências de todas as combinações possíveis com /p/ e /b/, ou seja, /pl/, /pr/, /bl/ e /br/. A seguir, quadro com exemplos de onset complexo com /t/ e /d/ como c1.

Quadro 43 Onset complexo com /t/ e /d/

Onset complexo	Exemplos	Onset complexo	Exemplos
/tl/	a/t/as, a/t/ético		
/tr/	/tr/abalho, a/tr/apalhado	/dr/	/dr/amático, /dr/agão

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As combinações possíveis com /t/ e /d/ atestadas nos dados foram /tl/, /tr/ e /dr/. A combinação /dl/ não foi encontrada, mas também não aparece no português em geral. O quadro que segue mostra as sequências com /k/ e /g/.

Quadro 44 Onset complexo com /k/ e /g/

Onset complexo	Exemplos	Onset complexo	Exemplos
/kl/	/kl/oro, /kl/aro	/gl/	/gl/icose, /gl/úten

/kr/ /kr/atera, /kr/avo /gr/ /gr/aça, a/gr/edir

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As combinações com /k/ e /g/ atestadas nos dados são /kl/, /kr/, /gr/, e /gl/. Em seguida, são trazidas as sequências com /f/ e /v/.

Quadro 45 Onset complexo com /f/ e /v/

Onset complexo	Exemplos	Onset complexo	Exemplos
/fl/	/fl/ocos, re/fl/etir	/vl/	/vl/admir
/fr/	/fr/atura, /fr/aco	/vr/	li/vr/o, la/vr/ar

Fonte: elaborado pela autora (2024)

As combinações com /f/ e /v/ encontradas nos dados são /fl/, /fr/, /vr/ e /vl/. As últimas duas, contudo, só foram encontradas em dois e um item lexical, respectivamente. Entende-se que essas combinações são de fato mais incomuns na língua portuguesa.

Além desses encontros de duas consoantes pré-vocálicas, em que C2 corresponde, necessariamente, a um rótico ou a uma lateral ([l]), Balduino (2023) destaca que outros encontros consonantais também são verificados em nível fonético. Nesses casos, C1 e C2, geralmente, correspondem a uma obstruinte [p, b, t, d, k, g, s, z, S, f], variando entre oclusivas e fricativas surdas e sonoras, sendo que C2 pode, ainda, ser uma soante [n, m]. Tais combinações resultam em sequências do tipo [bS], [tm], [kn], [pt], [ps], [bd], [Sk], entre outras.

A seguir, discute-se ocorrências de variação no contexto do onset complexo.

6.2.2.1 *Variação em onset complexo*

As ocorrências de variação no onset complexo aqui analisadas concentram-se no segundo elemento, ocupado por uma líquida /l/ ou por um rótico, que pode corresponder, foneticamente, a uma líquida [l] ou a uma obstruinte [R] (cf. Balduino, 2022).

Em relação ao rótico, como já pontuado acima, pode ser realizado como [R], [4] ou [r\] em posição intervocálica, porém, apenas como as duas primeiras quando segundo elemento de um onset complexo. Segue exemplos retirados dos dados.

Quadro 46 Variação no onset complexo em PP

Realização [R]	Realização [4]	Realização [r\]
[fR]acasso	[f4]acasso	[br\]asil
[gR]aça	[g4]aça	
[kR]avo	[k4]avo	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A variação no onset complexo com // na segunda posição ainda precisa ser verificada nos dados, com o auxílio de análise acústica.

Tabela 11 Variação no rótico em onset complexo – /f/

Realização	[fR]	[f4]	[fr\]	Total
Ocorrências	94	26	3	123
Porcentagem	76%	21%	2%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A tabela mostra que, em contexto com /f/ na primeira posição de um onset complexo, a realização mais frequente para o rótico foi a fricativa, com 76%, seguida de tap, com 21%, e de aproximante, com apenas 2%.

Tabela 12 Variação no rótico em onset complexo – /t/

Realização	[tR]	[t4]	[tr\]	Total
Ocorrências	93	50	5	148
Porcentagem	63%	34%	3%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Conforme a tabela, no contexto em que o primeiro elemento do onset complexo era um /t/, a diferença é ainda maior entre fricativa e tap no segundo elemento, com a

fricativa com 91% das ocorrências e o tap com 7%. A aproximante, nesse contexto, apresentou menos de 1%.

Tabela 13 Variação no rótico em onset complexo – /g/

Realização	[gR]	[g4]	[GR\]	Total
Ocorrências	71	27	3	101
Porcentagem	70%	27%	3%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Quando se tratava de itens em que o /g/ era o primeiro elemento do onset complexo, em consonância com a tabela, a realização fricativa para o rótico foi a mais empregada, com 70% das ocorrências, frente a 27% de realizações de tap e 3% de aproximante.

Tabela 14 Variação no rótico em onset complexo – /d/

Realização	[dR]	[d4]	[dr\]	Total
Ocorrências	25	16	7	48
Porcentagem	52%	33%	15%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Quanto ao contexto com /d/ como primeiro elemento de onset complexo, como mostrado na tabela, a realização mais frequente foi, novamente, a fricativa, com 52% das ocorrências, seguida pelo tap, com 33% e pela aproximante, com 15%.

Tabela 15 Variação no rótico em onset complexo – /p/

Realização	[pR]	[p4]	[pr\]	Total
Ocorrências	54	21	6	81
Porcentagem	67%	26%	7%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Nos itens em que o primeiro elemento do onset complexo era um /p/, a realização fricativa do rótico também foi a mais frequente, com 66% das ocorrências, frente a 25% de tap e 7% de aproximante.

Tabela 16 Variação no rótico em onset complexo – /k/

Realização	[kR]	[k4]	[kr\]	Total
Ocorrências	54	26	1	81
Porcentagem	67%	32%	1%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como ilustrado pela tabela, algo parecido ocorreu nos itens em que um /k/ era o primeiro elemento do onset complexo, com a realização fricativa do rótico sendo a mais frequente, correspondendo a 66% das realizações, frente a 33% de tap e apenas 1% de aproximante.

Tabela 17 Variação no rótico em onset complexo – /b/

Realização	[bR]	[b4]	[br\]	Total
Ocorrências	14	52	55	121
Porcentagem	11%	43%	45%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Em itens em que um /b/ era o primeiro elemento do onset complexo, no entanto, o cenário de predominância da realização fricativa para o rótico se altera de forma bastante interessante, conforme tabela. Nesse contexto, a aproximante foi a realização mais empregada pelos informantes, com 44% das ocorrências, seguida de perto pelo tap, com 43%, e, em último, pela fricativa, com apenas 11%.

Tabela 18 Variação no rótico em onset complexo – /v/

Realização	[vR]	[v4]	[vr\]	Total
Ocorrências	12	18	4	34
Porcentagem	35%	53%	12%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Por fim, também um pouco diferente dos outros casos, quando um /v/ ocupava o primeiro elemento do onset complexo, a realização mais frequente do rótico, como segundo elemento, foi o tap, com 52% das ocorrências, seguida pela fricativa, com 35% e pela aproximante, com 11%.

A seguir, os dados de variação do rótico como segundo elemento de um onset complexo foram reunidos em uma tabela única, para melhor visualização.

Tabela 19 Variação do rótico como C2

Realização	[R]	[4]	[r\]	Total
Ocorrências	417	236	84	737
Porcentagem	56%	32%	11%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como esperado, a tabela mostra que a realização mais empregada para o rótico como segundo elemento de um onset complexo, nos dados desta pesquisa, foi a fricativa, com 56% das ocorrências. De forma não tão desequilibrada, o tap aparece com 32% e a aproximante com 11%.

Mendes (no prelo) verificou 86% de ocorrências com a realização de tap, 2% de vibrante múltipla e 12% de apagamento, sem nenhuma ocorrência de fricativa. Balduino (2022) também verificou uma preferência significativa por tap como C2 no PP, 76% das ocorrências, diante de 24% de fricativa.

6.2.2.1.1 Apagamento em onset complexo

Em relação ao apagamento em onset simples, tal qual já mencionado, as poucas ocorrências verificadas foram atribuídas ao desconhecimento da palavra pelo falante, uma vez que ocorreram apenas em palavras que foram até mesmo descartadas. Quanto ao apagamento em onset complexo, por sua vez, segue ilustrado no quadro, por meio de exemplos retirados dos dados.

Quadro 47 Apagamento no onset complexo

Item	Livro	Refletir
Realização	liv[o]	lef[e]tir

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os onsets complexos que foram apagados foram /tr/, /kl/, /kr/, /gr/, /gl/, /vr/ e /fl/. Assim, em suma, sofreram apagamento os onsets complexos com /k, g, f, t, v/ como C1 e com ambas as possibilidades de C2, o rótico e a lateral.

A seguir, uma tabela com a distribuição do número de ocorrências em que houve apagamento em relação ao total dos itens com onset complexo.

Tabela 20 Distribuição do apagamento em onset complexo

	Apagamento	Não apagamento	Total
Ocorrências	45	737	782
Porcentagem	6%	94%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como demonstrado na tabela 22, as ocorrências de apagamento em onset complexo verificadas nos dados representaram apenas 4% do total dos itens.

Contudo, cabe um pequeno recorte para comentar uma ocorrência notável de apagamento nesse contexto. Em “livro”, item lexical que se supõe ser conhecido por todos os falantes, houve apagamento do segundo elemento, gerando [“livU]. O que chama a atenção é que 7 dos 9 informantes produziram esse apagamento, em uma ou em todas as repetições, totalizando 17 ocorrências de um total de 27.

Para Mendes (no prelo), é possível relacionar o apagamento do rótico em onset complexo em PP, o qual apareceu em 14% de seus dados, com o contato do lung’le com o português, de modo que a não realização do rótico nesse contexto seria um processo comum. A autora ressalta que a posição de C2, diacronicamente, não era preenchida por rótico nessa língua e que a língua passou a apresentar o segmento por influência do português. Os dados de lung’le da pesquisa da autora também apontaram para a regularidade desse processo.

Balduino (2022) também aponta percentual próximo ao de Mendes (no prelo) de apagamento do rótico na posição C2, fenômeno que foi implementado em, aproximadamente, 15% dos dados da autora para o pst e o pp.

6.2.3 Síntese da seção

Conforme discutido, a variação no onset complexo concentrou-se no segundo elemento quando preenchido por um rótico. A tabela a seguir sumariza as ocorrências das diferentes realizações.

Tabela 21 Síntese da variação em onset complexo

	[R]	[4]	[r]	total
/p/	54/67%	21/26%	6/7%	81
/b/	14/12%	52/43%	55/45%	121
/t/	93/63%	50/34%	5/3%	148
/d/	25/52%	16/33%	7/15%	48
/k/	54/67%	26/32%	1/1%	81
/g/	71/70%	27/27%	3/3%	101
/f/	94/76%	26/21%	3/2%	123
/v/	12/35%	18/53%	4/12%	34
total	417/57%%	236/32%	84/11%	737

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A seguir, discute-se a composição do núcleo silábico.

6.3 NÚCLEO

Em PP, tal qual nas outras variedades de português, o núcleo silábico deve ser obrigatoriamente preenchido por uma vogal, que pode corresponder a qualquer uma das sete vogais ou mesmo ser ramificado em dois segmentos, como configuram os ditongos decrescentes (cf. Balduino, 2022).

O quadro abaixo traz alguns dos exemplos encontrados nos dados, em posição tônica.

Quadro 48 Núcleo em PP

Vogal	/a/	/E/	/e/	/i/	/O/	/o/	/u/
Exemplos	f/a/ta, am/a/vel	/E/ve, col[E]ga	/e/tra, perd/e/r	/i/vro, reflet/i/r	c/O/la, pi/O/r	/o/bo, carregad/o/r	/u/ta, abaj/u/r

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O quadro reúne exemplos de todas as 7 vogais atestadas nos dados, mas apenas na posição tônica, visto que este trabalho dedica-se à descrição das consoantes e que o corpus utilizado não foi pensado com esse objetivo, então não comporta tal análise. Adicionalmente, fundamental considerar que as vogais dessa variedade já foram descritas e discutidas anteriormente (cf. Balduino, 2022; Santiago et al, 2023; Santiago, 2019). De qualquer forma, as ocorrências encontradas corroboram o que já foi dito.

Santiago (2019), Santiago et al (2023) e Balduino (2022) atestaram que o sistema vocálico do PP é composto por 7 vogais orais em posição tônica, /a, E, e, i, O, o, u/.

Esse número se reduz para 5 em contexto pretônico. Contudo, em face da possibilidade de perda de oposição entre as vogais médias baixas e altas, cujo resultado são as vogais [E] e [O], o quadro pretônico pode ser ampliado para sete vogais (cf. Santiago et al, 2023; Balduino, 2022).

O quadro vocálico postônico, à semelhança do pretônico, é composto por cinco vogais orais /í, e, a, o, u/, com a possibilidade de ampliação para [i, e, @, a, O, o, u], ou de redução para [i, a, u] (cf. Balduino, 2022)

O subsistema das postônicas finais, por sua vez, admite apenas 3 vogais, /í, a, u/, com possibilidade de cinco realizações fonéticas [i, @, 6, a, U], apontadas por Balduino (2022).

A seguir, exemplos de vogais dos dados desta pesquisa nas diferentes posições.

Quadro 49 Vogais segundo a posição

	Tônica	Pretônica	Postônica medial	Postônica final
[a]	m[a]r	l[a]vrrar		
[e]	entend[e]r	perd[e]r		
[E]	m[E]lga			
[i]	afirmat[i]vo	bl[i]ndado		
[o]	d[o]r	c[o]rdel	fósf[o]ro	

[O]	p[O]rta			
[u]	calul[u]	f[u]nil		
[6]				col[6]
[l]				mold[l]
[U]				clar[U]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Os objetivos do corpus utilizado neste trabalho, tal qual explanado na metodologia, eram todos ligados à consoantes, dessa forma, as vogais expostas no quadro foram as disponíveis nos itens.

Além da já referida possibilidade de ampliação do sistema da pretônica do PP, Balduino (2022) também verificou a possibilidade de ocorrência de harmonia vocálica nesse contexto. Harmonia é um termo que, em fonologia, refere-se à forma como a articulação de uma unidade fonológica é influenciada por (está “em harmonia” com) outra unidade, dentro de uma mesma palavra ou frase (cf. Crystal, 2008).

Santiago et al (2022), atestaram a realização de médias altas [e] e [o] em itens com os sufixos -íssim e -(z)inh, o que não é documentado para outras variedades de português. A variação das vogais médias nesse contexto, assim, certifica propriedades estruturais sonoras particulares ao PP em contraste com PB e com PE, bem como constitui um processo específico do PP, sendo um fenômeno que pode caracterizar tal variedade em relação às demais.

As vogais licenciadas em sílabas pretônicas e postônicas também podem ser alvo de neutralização, termo usado, em fonologia, para descrever a perda de distinção entre dois fonemas que ocorre em um certo contexto (cf. Crystal, 2008), em especial, alçamento e abaixamento vocálicos, de acordo com Balduino (2022).

O alçamento é um fenômeno fonológico caracterizado por uma alternância sonora motivada pela elevação da língua, que resulta em uma vogal cujo ponto de articulação está mais elevado em relação à altura do segmento-alvo (cf. Balduino, 2022). No sentido contrário está o abaixamento, em que a posição da língua no momento da articulação está mais baixa, o que gera uma vogal também mais baixa.

Por fim, no tocante à nasalidade vocálica, ainda de acordo com Balduino (2018; 2022), o PST e o PP apresentam, em sílaba tônica, cinco vogais nasalizadas: [e~, i~, ɤ~, o~, u~], as quais são observadas em início, meio e fim de palavra, e não correspondem à vogais nasais fonológicas, mas sim ao resultado de processos

distintos de nasalização vocálica. Esses processos são a nasalização tautossilábica e a nasalização heterossilábica. A primeira é promovida por uma coda nasal e a segunda, engatilhada por um onset nasal. Ambas são engatilhadas por uma consoante [+nasal] e restringem-se à rima silábica, ou seja, incidem sobre o núcleo e os offglides.

No quadro a seguir, estão alguns exemplos dos processos fonológicos encontrados no corpus desta pesquisa, ainda que não seja o objetivo desta investigação.

Quadro 50 Exemplos de variação no núcleo

Processo	Exemplos	
Harmonia	d[i]svio	al[i]luia
Alçamento	c[u]lega	d[i]sligar
Abaixamento	l[O]tado	l[E]gal
Abaixamento	alfac[l]	polv[U]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Consoante o quadro, foram encontradas, nos dados, em contexto pretônico, ocorrências de harmonia, de alçamento e de abaixamento vocálicos. A seguir, na seção 6.3.1, discute-se ocorrências de apagamento identificado no núcleo.

6.3.1 Variação e apagamento no núcleo

Ainda no âmbito da variação, foi identificado um apagamento no núcleo da sílaba, ou seja, atingindo uma vogal, em um contexto específico, quando diante de /i/, como mostram os exemplos no quadro a seguir.

Quadro 51 Apagamento de núcleo

Item	Realização
elefante	[elefa~t_0]
calote	[ka"lOt_0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado no quadro, as ocorrências de apagamento de /i/ foram em sílabas átonas, diante de /t/, em final de palavra, e geram clusters consonantais não esperados.

Fonologicamente, entretanto, Balduino (2022) não assume a existência de um núcleo não preenchido na silabificação do PSTP e, portanto, sequências consonantais não previstas como onsets complexos nessas variedades correspondem aos resultados da aplicação de processos sonoros de enfraquecimento e de apagamento.

A seguir, discute-se o preenchimento da coda silábica.

6.4 CODA

A coda silábica no PP, à exemplo do que ocorre nas outras variedades de português, é a posição mais restritiva da estrutura da sílaba, uma vez que pode ser ocupada por 4 segmentos, como demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 52 Possibilidade de preenchimento da coda em PP

Coda	Exemplo
/N*/	alime/N*/to, a/N*/zol
/r/	a/r/ma, domado/r/
/l/	fa/l/ta, so/l/
/S*/	ca/S*/pa, lápi/S*/

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A coda em PP, dessa forma, pode ser preenchida por uma nasal /N*/, uma sibilante /S*/, um rótico /r/ ou uma lateral /l/. Esses fonemas apresentam diferentes realizações fonéticas e serão discutidos individualmente, nas próximas subseções.

6.4.1 Coda /S*/

A ocorrência da coda /S*/ foi atestada nos dados, conforme quadro abaixo.

Quadro 53 Coda /S*/ em PP

Coda	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/o/	/u/
/s/	ca/S*/co	de/S*/ligar	fe/S*/ta	lápi/S*/	fó/S*/foro	floco/S*/	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Verifica-se que a coda /s/ aparece nos dados diante de quase todas as vogais.

6.4.2 Coda /r/

A coda /r/, em PP, foi atestada nos dados, como mostra o quadro que segue.

Quadro 54 Coda /r/ em PP

Coda	/a/	/e/	/E/	/i/	/o/	/O/	/u/
/r/	a/r/pão	ce/r/to	libe/r/dade	afi/r/mativo	o/r/ta	calo/r/	u/r/so

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado, os dados apresentam ocorrência de coda /r/ diante de todas as vogais. As diferentes realizações do rótico nessa posição são discutidas em seguida.

6.4.3 Coda //

A coda // foi atestada nos dados, conforme quadro abaixo.

Quadro 55 Coda // em PP

Coda	/a/	/E/	/e/	/i/	/O/	/o/	/u/
//	lega//	corde//	ade//gassar	inuti//	formo//	fo//gado	azu//

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O // em coda, atestado categoricamente, foi verificado nos dados diante de todas as vogais e pode ser realizado de diferentes formas, em PP, como discutido a seguir.

6.4.4 Coda /N*/

A coda /N*/, em PP, foi verificada nos dados, conforme mostra o quadro a seguir.

Quadro 56 Coda /N*/ em PP

/a/	/E/ /e/	/i/	/O/ /o/	/u/
turba/N*/te	alime/N*/to	bli/N*/dado	elto/N*/	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Como demonstrado, a coda /n/ foi atestada diante de quase todas as vogais.

6.4.5 Variação na coda

A coda silábica, em PP, como já constatado por Balduino (2022), é locus de grande variação, principalmente do rótico, mas também dos outros segmentos licenciados nessa posição. A seguir, discutem-se separadamente as possibilidades de variação de cada um deles.

6.4.5.1 Variação da coda //

A lateral, quando em posição de coda silábica, também é alvo frequente de variação e de processos fonológicos. Nesse contexto, o // pode ser velarizado, vocalizado ou mesmo apagado.

No quadro que segue, são trazidos alguns dos exemplos das ocorrências encontradas nos dados deste trabalho que apresentaram variação do // em coda.

Quadro 57 Realizações do // em coda

Realização	Exemplos
[l]	lega[l] ca[l]da
[w]	lega[w] ca[w]da
[5]	lega[5]
0	Corde[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Segundo o ilustrado no quadro, os dados deste trabalho atestaram que, em PP, o // em coda pode ser realizado como a lateral coronal [l], como a aproximante [w], como a lateral velarizada [5] ou, ainda, pode ser apagado. Neste trabalho, optou-se

por não diferenciar [l] de [ʎ], agrupando ambas as realizações como [l], devido às dificuldades de diferenciar esses segmentos por meio da oitiva. Contudo, sugere-se que isso seja feito no futuro.

A seguir, são detalhadas as quantidades de ocorrências de cada realização.

Tabela 22 Distribuição das realizações da coda // em PP

Coda	[l]	[ʎ]	Total
Ocorrências	1240	171	1411
Porcentagem	87,8%	12,1%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A realização encontrada com mais frequência nos dados foi a coronal [l], aqui agrupada com a velar, com 87%. A vocalização [ʎ], por sua vez, apareceu com 12,1% das ocorrências. Esse índice de realização da vocalização não difere tanto do encontrado por Balduino (2022), que foi de 19% para o PP.

Ademais, o // em coda silábica também pode ser alvo de apagamento, como ilustrado pelos exemplos no quadro a seguir.

Quadro 58 Apagamento da lateral em coda

Apagamento	Exemplos
//	amáve[0], fo[0]gado, borde[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A seguir, é apresentada a distribuição da quantidade de apagamentos em relação ao total das realizações da lateral em coda.

Tabela 23 Distribuição do apagamento da lateral em coda

Lateral	Não apagada	Apagada	Total
Ocorrências	1411	125	1536
Porcentagem	91,8%	8,1%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Conforme se depreende da tabela, as ocorrências de apagamento representaram apenas 8,1% do total das realizações da lateral em coda nos dados desta pesquisa, percentual baixo, assim como o verificado para o rótico.

Interessante observar que Balduino (2022) encontrou alta taxa de apagamento em seus dados de PP, 42%. O apagamento nesse contexto é apontado pela autora como sendo favorecido pelo PP, o que demarca uma distinção entre as duas macrovariedades, tal qual a posteriorização do rótico, já que os dados de PST apresentam taxa menos significativa desse fenômeno.

A autora verificou que o apagamento de // em coda pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas, diante de quaisquer contexto vocálico precedente e em meio e em final de palavra. Constatou, ainda, que sua frequência foi maior que a frequência de vocalização, diferentemente do que mostram os dados desta pesquisa, em que a vocalização foi mais empregada que o apagamento.

Ainda em relação ao apagamento, Balduino (2022) chama a atenção para o fato de que o PSTP emergiu, diacronicamente, em contato com o santome e com o lung'le, línguas com prevalência de padrão silábico CV e que não possuem líquidas licenciadas em coda – fato que pode contribuir para o alto índice de apagamentos de // em coda nas variedades de STP quando comparadas ao apagamento no pb, por exemplo.

Quanto ao PP, especificamente, reflete a autora que é possível hipotetizar que o apagamento de //, nessa variedade, seja reforçado pelo contato com o lung'le, que evitou // em sua especificação mediante apagamentos e epênteses e que não possui // sincronicamente como coda, bem como prefere sílabas CV.

Por fim, um dado curioso foi a ocorrência, nos dados de dois falantes, de // em contexto de /u/, no item lexical flauta, o que se supõe ser causado por uma possível hipercorreção.

6.4.5.2 *Varição coda /S*/*

Em PP, o /S*/ em coda, embora em menos número que lateral e rótico, também apresenta ocorrência de variação. Esse segmento, nesse contexto, pode ser realizado como a fricativa alveolar [s] ou como a fricativa palatal [S], além de poder ser apagado. O quadro abaixo mostra alguns dos exemplos das realizações citadas.

Quadro 59 Realizações do /S*/ em coda

Item	realização	realização	Realização
caspa	ca[s]pa	ca[S]pa	
casco	ca[s]co	ca[S]co	
flocos			floco[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A distribuição das ocorrências de cada realização está na tabela a seguir.

Tabela 24 Distribuição das realizações da coda /S*/ em PP

Coda	[s]	[S]	Total
Ocorrências	90	215	305
Porcentagem	30%	70%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como mostrado, a realização de /S*/ como a palatal [S] foi mais frequente nos dados, com 70% das ocorrências, ao passo que a realização de [s] teve apenas 30% do total de ocorrências.

Quando em coda silábica, o /S*/ também pode ser apagado, como ilustrado pelos exemplos no quadro a seguir.

Quadro 60 Apagamento do /s/ em coda

Item	Apagamento
Casco	ca[0]co
Flocos	floco[0]
Lápis	lápi[0]

Fonte: elaboração própria (2024)

A seguir, a distribuição da quantidade de apagamentos em relação ao total de realizações desse segmento nesse contexto.

Tabela 25 Apagamento do /S*/ em coda

	Não apagamento	Apagamento	Total
Ocorrências	305	31	336

Porcentagem	91%	9%	100%
-------------	-----	----	------

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Consoante com a tabela, tem-se que o apagamento de /S*/ na coda correspondeu a 9% do total das ocorrências desse segmento nesse contexto.

6.4.5.3 Variação coda /r/

Assim como nas outras posições, em coda, o rótico apresenta diversas realizações em PP e grande variabilidade. Balduino (2022) aponta, inclusive, que esse é o locus de maior variação desse segmento nas variedades do PSTP. A seguir, quadro com exemplos dos dados.

Quadro 61 Realizações da coda /r/ em PP

Realização	Exemplos	
[4]	pe[4]dido	calo[4]
[R]	po[R]ta	u[R]so
[r\]	libe[r\]dade	luga[r\]
[r]	a[r]de	a[r]ma

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Foram encontradas nos dados, como ilustrado pelo quadro, as realizações de tap [4], de fricativa [R], de vibrante múltipla [r] e de aproximante [r\] para o rótico em posição de coda. A distribuição das ocorrências nessa posição segue na próxima tabela.

Tabela 26 Distribuição das realizações da coda /r/ em PP

Coda	[R]	[4]	[r\]	[r]	Total
Ocorrências	604	420	237	33	1294
Porcentagem	47%	32%	18%	3%%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A fricativa foi a realização mais frequente do rótico nos dados, como se depreende da tabela, com 47% das ocorrências, seguida de perto pela segunda mais frequente, o tap, com 33%, de modo que a distribuição entre essas duas ficou mais ou menos equilibrada. A realização aproximante aparece com cerca de 18% das ocorrências e a vibrante múltipla, por fim, de longe a menos frequente, com apenas cerca de 2%.

Balduino (2022) também encontrou a fricativa como a realização do rótico em coda mais frequente para o PP, com 28% frente a 20% de ocorrências de tap nessa posição.

A posteriorização do rótico, segundo Balduino (2022), é privilegiada pelo PP em relação ao PST, o que atesta uma diferença linguística entre as duas variedades, assim como o apagamento.

Nesse sentido, o rótico em coda, em PP, também pode ser apagado, como mostra o quadro e ilustram os exemplos a seguir.

Quadro 62 Apagamento no rótico em PP

Item	Realização	Item	Realização
lavar	lavra[0]	Senhor	senho[0]
competir	competi[0]	revólver	revólve[0]
perder	perde[0]	Vladimir	Vladimi[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O apagamento do rótico em coda, como demonstrado, pode ocorrer tanto em verbos quanto em substantivos, bem como em qualquer posição da palavra. A seguir, demonstra-se a quantidade de realizações desse fenômeno no contexto em questão.

Tabela 27 Distribuição do apagamento do rótico em coda

Rótico	Não apagado	Apagado	Total
Ocorrências	1294	311	1605
Porcentagem	80,6%	19,4%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Retomando as informações da tabela, tem-se que o apagamento correspondeu a cerca de 19% das ocorrências em relação ao total de realizações do rótico em posição de coda silábica. Número esse significativamente menor do que o encontrado por Balduino (2022), que aponta o rótico como segmento altamente apagado em coda, mas ainda considerável, tendo em vista o tamanho e a especificidade deste corpus. A autora verificou, em seus dados, 47% de realizações de apagamento. Além disso, o maior índice de apagamento nesse contexto, conforme dados da autora, estava associado ao contexto de coda final, em itens verbais, 83%, e 62%, em itens nominais. Enquanto isso, no corpus deste trabalho, havia poucos itens verbais e muitos itens com coda medial.

Por fim, uma hipótese importante trazida por Balduino (2022) pode ajudar a explicar o baixo índice de apagamento encontrado neste trabalho em relação aos outros citados. Ao comparar diferentes trabalhos sobre o PST, a autora notou que em trabalhos com corpus coletado há mais de 10 anos um índice menor de apagamento foi observado, ao passo que estudos mais recentes, com dados coletados a partir de 2015, indicam, sistematicamente, uma maior recorrência do fenômeno, tanto em coda final quanto medial, o que, para a autora, pode ser um indício de que a regra de apagamento tem se tornado mais usual nas comunidades de fala analisadas.

Ainda não é possível tal comparação com dados de PP, devido a pouca quantidade de trabalhos que analisam esse contexto. Contudo, este estudo, cujo corpus foi coletado em 2016, apresenta menor ocorrência de apagamento quando contrastado com os trabalhos de Balduino, Vieira e Freitas (2020) e de Balduino (2022), cujos corpus são um pouco mais recentes.

A alta frequência dos fenômenos de apagamento e de posteriorização do rótico em coda, consoante Balduino (2022), aproxima o PP do PB, ao passo que o distancia do PE.

6.4.5.4 *Varição coda /N*/*

A coda /n/ não apresentou diferentes realizações, exceto pelo apagamento, que segue ilustrado, com exemplos, no quadro.

Quadro 63 Realizações da coda /N*/

Realização	[n]	[0]
Exemplo	a[n]zol	filimage[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A distribuição das ocorrências de apagamento nesse contexto em relação ao total está na tabela a seguir.

Tabela 28 Distribuição do apagamento na coda /n/

Coda nasal	/N*/	0	Total
Ocorrências	301	36	337
Porcentagem	89%	11%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

O apagamento de /N*/ na coda silábica, segundo a tabela, representou apenas 11% do total das ocorrências desse segmento nesse contexto.

Um dado relacionado ao /N*/ em coda foi a ocorrência de substituição desse segmento por uma lateral, como no item “turbante”, produzido como turba[l]te, o que também ocorreu em sentido contrário, com a produção de “sul” como su[n].

6.4.6 Variação das líquidas em coda

As líquidas // e /r/, quando em coda silábica, são alvo de apagamentos e de variação recorrentes, como tem se discutido nas subseções correspondentes e como já constatado por autores como Balduino (2022).

Entretanto, como as particularidades de cada segmento já foram trazidas, esta subseção discute dois fenômenos ligados à alternância das líquidas em coda entre si, ou seja, ocorrências em que uma líquida foi empregada em contexto em que a outra era esperada.

Nesse sentido, além das realizações já discutidas, o rótico em coda, nessa variedade, também pode ser realizado como a lateral //, fenômeno conhecido como lambdacismo, a exemplo das ocorrências a seguir.

Item	Realização	Item	Realização
porco	po[l]co	Cordel	co[l]del
urbano	u[l]bano	Parto	pa[l]to
perto	pe[l]to	Porta	po[l]ta

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A ocorrência de lambdacismo foi constatada nos dados de diferentes falantes, em diferentes itens lexicais. Houve, ainda, ocorrências de uma falante em que o rótico foi produzido como [w], no item lexical “calor”.

Importante pontuar que a ocorrência de lambdacismo, bem como a de outros fenômenos, pode ter sofrido influência da pronúncia da pesquisadora no momento da aplicação do teste. Nesse caso em específico, de um rótico retroflexo, segmento que se parece com uma lateral.

No sentido contrário, também houve ocorrências de // realizado como /r/, fenômeno conhecido como rotacismo. Seguem exemplos no próximo quadro.

Quadro 65 Rotacismo em PP

Item	Realização
Falta	fa[r]ta
Glacial	glacia[R]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O rotacismo, por seu turno, ocorreu em um número de itens bem mais restrito, além de com menos falantes. A seguir, a distribuição da quantidade de ocorrências de cada um desses fenômenos é detalhada.

Tabela 29 Distribuição do lambdacismo e do rotacismo em PP

	Lambdacismo	Rotacismo
Ocorrências	101	31

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Como mostrado na tabela, o lambdacismo teve muito mais ocorrências que o rotacismo, 101 contra 31, respectivamente.

6.4.7 Apagamento em coda

Conforme vem sendo discutido nas subseções anteriores, o apagamento identificado na coda silábica em PP abrange todas as possibilidades de preenchimento dessa posição, /l/, /N*/, /r/ e /S*/, conforme demonstrado pelos exemplos compilados a seguir.

Quadro 66 Apagamento na coda em PP

Coda	Exemplo
/l/	álcool[0], vu[0]nerável
/r/	senho[0], competi[0]
/S*/	floco[0], lápi[0]
/N*/	elto[0], filme[0]

Fonte: elaborado pela autora (2024)

O número de ocorrências de apagamento na coda, em cada um dos contextos de preenchimento, está discriminado na tabela que segue.

Tabela 30 Distribuição do apagamento da coda

Coda	/S*/	/r/	/l/	/N*/	Total
Ocorrências	31	310	125	36	502
Porcentagem	6,1	61,7%	24,9%	7,1%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Ao reunir e comparar as informações sobre o apagamento na coda anteriormente discutidas, tem-se que o rótico é o segmento mais apagado nessa posição, com 61% das ocorrências, seguido pela lateral, com 24,9%. A nasal e a sibilante foram as codas menos apagadas, com 7% e 6% das ocorrências, respectivamente. Na tabela seguinte, estão os números de apagamento em relação ao total de codas.

Tabela 31 Distribuição do apagamento na coda

Coda	Não apagada	Apagada	Total
Ocorrências	3317	502	3819
Porcentagem	87%	13%	100%

Fonte: elaborada pela autora (2024)

Segundo o demonstrado, o apagamento em coda foi verificado em 13% das ocorrências se considerado o total da coda.

6.4.8 Inserção e metátese de coda

Foram identificadas nos dados ocorrências de inserção e de metátese de coda em alguns itens lexicais, como os dos exemplos abaixo.

Quadro 67 Ocorrências de inserção e metátese de coda

Item	Realização
adulto	a//dulto
amável	a[!]mável
papel	pa//pel

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A inserção de coda, demonstrada no quadro, refere-se às ocorrências em que uma coda é inserida pelo falante sem que haja alteração no restante da estrutura da palavra. A seguir, exemplo de metátese.

Quadro 68 Metátese em coda

Item	Realização
Melro	me[rl]o
Tumulto	tu[!]muto
Adulto	a[!]du[0]to
Amável	a[!]mave[0]
Albino	a[bil]no

Inútil	i[l]núti[0]
Catorze	ca[r]to[0]ze

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A metátese, por sua vez, como mostram os exemplos no quadro, refere-se às ocorrências em que o falante deslocou um segmento dentro da palavra.

Interessa observar que, além de a metátese ter sido muito mais frequente, alguns itens lexicais foram alvo dos dois processos, em geral com falantes diferentes.

Ainda que a amostra de dados em que ocorreram a inserção e a metátese não seja suficiente para comportar análises mais aprofundadas, traz perspectivas relevantes de serem exploradas futuramente, principalmente no que tange às questões de ressilabificação, como discute Balduino (2022).

É necessário, no entanto, não deixar de encarar tais resultados com cautela, uma vez que essas palavras podem não ser parte do cotidiano dos falantes e os processos, assim, refletirem a tentativa de repetir o que foi ouvido. Trabalhos futuros com esse foco e corpora específicos podem mitigar essa questão.

6.4.9 Síntese da variação em coda

A coda silábica, como o locus de maior variação neste trabalho, concentrou uma série de fenômenos, sumarizados no quadro que segue.

Quadro 69 Síntese dos fenômenos em coda

Fenômeno	Exemplo	Porcentagem
Vocalização da lateral	po[w]vo	12%
Posteriorização do rótico	ca[R]la	47%
Inserção de coda	pa[l]pel	--
Metátese	a[l]máve[0]	--
Lambdacismo	po[l]ta	--
Rotacismo	fa[R]ta	--
Apagamento	álcoo[0]	13%

Fonte: elaborado pela autora (2024)

A seguir, no último ponto que se destacou na análise dos dados, discute-se a variação intrafalante.

6.5 VARIAÇÃO INTRAFALANTE

Está bastante bem documentado, até o momento, que os falantes mostram um comportamento probabilístico que leva a vários graus de variação intrafalante (cf. Ernestus e Baayen, 2011). Também denominada de intraindividual, essa é aquela variação que ocorre na fala de um mesmo indivíduo (cf. Ulbrich e Werth, 2021). Esse fenômeno foi bastante frequente e notável nos dados desta pesquisa e, a seguir, está um quadro com exemplos de realizações da falante 4, a fim de ilustrar essa ocorrência.

Quadro 70 Ocorrências da informante 4

Realização [w]	Realização [l]
fo[w]ga	fo[l]ga
pa[w]ma	fa[l]ta

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Em consonância com o quadro, observa-se a ocorrência de variação intrafalante em contexto de lateral em coda, com a alternância entre o uso de // e a vocalização. Interessante é que essas ocorrências, da mesma palavra e de duas palavras semelhantes com as duas realizações, foram da mesma informante. Mesmo essa pequena amostra já revela perspectivas interessantes. A seguir, na Tabela 34, ocorrências de variação do rótico em coda.

Tabela 32Variação /r/ em coda por falante

Realização	[4]	[R]	[r]
Fal. 4	126	34	5
Fal. 1	25	79	16
Fal. 5	3	84	22
Fal. 9	36	130	24
Fal. 8	87	42	9

Fonte: elaborada pela autora (2024)

A partir da amostra um pouco maior de dados trazida na tabela, composta pelas ocorrências de 5 informantes, é possível constatar um pouco melhor a grande variabilidade no uso dos róticos em coda pelos falantes.

Nesse sentido, interessante notar também como a preferência dos falantes por um dos róticos, de modo que ele foi o mais empregado, é variável e não uniforme.

Quanto ao rótico, trabalhos como Mendes (no prelo), Mendes (2021), Agostinho; Soares e Mendes (2020a, 2020b) e Balduino (2022) já apontam variação não só inter, mas também intraindividual desse segmento em PP.

A variação intrafalante, embora não possa ser aprofundada como devido neste trabalho, revela perspectivas particularmente promissoras para futuros estudos, especialmente em PP, uma variedade de português cuja norma está em construção (cf. BALDUINO, 2022).

A respeito da importância de pautar esse fenômeno nas pesquisas, Hora e Wetzels (2011) argumentam que a variação intrafalante precisa ocupar papel relevante no estudo da variação, visto que é pervasiva, talvez mesmo universal, e que não é possível esperar alcançar um entendimento pleno do padrão de variação da língua, ou de uma língua em geral, sem entender seu padrão dentro da fala dos indivíduos, como também entre grupos de falantes.

Considerando um contexto permeado de tensões linguísticas e de identidade, somadas ao contato linguístico e suas influências, que estão começando a ser desvendadas apenas nos últimos anos, como é o de STP, parece ainda mais proveitosa uma análise que leve em conta a variação intrafalante que, para Hora e Wetzels (2011), repousa na interseção entre o individual e o comum (popular). Para os autores, um melhor entendimento de seus padrões conduzirá à valiosos insights sobre a inter-relação dessas duas esferas, isso é, como os indivíduos internalizam padrões linguísticos mais amplos na comunidade, por um lado, e como esses padrões são estruturados e reestruturados pelos indivíduos na interação conversacional do cotidiano, por outro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, realizou-se uma descrição fonológica das consoantes e da sílaba no português da Ilha do Príncipe, com o objetivo de apontar os segmentos consonantais e os licenciados em cada parte da estrutura da sílaba nessa variedade, bem como de, por meio dessa descrição, contribuir para a sua valorização e para os futuros estudos a respeito do tema.

Para isso, utilizou-se um corpus de fala controlada, com dados coletados durante trabalho de campo, composto por três diferentes testes de listas de palavras, que foram enunciadas ao falante para que fossem repetidas na frase-veículo “eu falo X baixinho”. Os únicos critérios para a participação foram ser falante nativo de português e nunca ter saído da Ilha do Príncipe. No total, participaram dos testes 17 falantes, e foram analisados 4607 itens lexicais, considerando todas as repetições. A análise foi realizada, majoritariamente, pelo método da oitiva, em virtude de questões de acessibilidade.

O Príncipe é a segunda maior ilha de STP, pequeno arquipélago situado na região conhecida como Golfo da Guiné, na costa ocidental africana. No território do país, coexistem as 3 línguas crioulas autóctones, santome, lung’le e Angolar, que detêm status de línguas nacionais; o kabuverdianu, língua crioula transplantada para as ilhas no século XX, e o português, única língua com status de oficial.

Esse cenário multilíngue, dotado de riqueza e complexidade ímpares, resulta de uma confluência de fatores históricos, sociais e políticos, bem como das diversas e particulares situações de contato linguístico ocorridas no arquipélago desde o início da colonização, iniciada no final do século XV.

Os colonizadores portugueses, ao chegar e se estabelecer nas ilhas, levaram consigo sua língua e um grupo variado de povoadores, grupo esse que cresceu conforme pessoas escravizadas foram sequestradas de toda a África e, posteriormente, também de outras regiões. Ao estar aprisionadas juntas e obrigadas a conviver, em uma situação de isolamento, violência e privação, essas pessoas precisaram desenvolver uma forma de comunicação, diante da necessidade somada ao pouco acesso ao português do colonizador e às particularidades de suas próprias línguas.

Esse pidgin emergencial tornou-se um protocrioulo e, posteriormente, 4 línguas crioulas autóctones, que prevaleceram na paisagem linguística das ilhas por séculos, frente ao português e seu baixo número de falantes.

Esse cenário linguístico, cuja complexidade já era notável, acolheu também as línguas dos contratados, trabalhadores recrutados em diversos lugares para suprir a falta de mão de obra deixada nas roças de cacau pela abolição da escravização, no fim do século XVII. A próxima grande mudança veio com a proclamação da república de STP, ocorrida em 1975, quando as elites optaram por eleger a língua portuguesa como oficial, sob falsos pretextos, ainda que a maioria das pessoas não a falasse.

A partir desse momento, iniciou-se no arquipélago uma paulatina e inexorável mudança, social e linguística, que promoveu o português a alvo linguístico, por ser dotado de prestígio e de apoio estatal, ao mesmo tempo que relegou as línguas crioulas autóctones a um lugar de desvalorização e de discriminação de onde elas não conseguiram mais sair.

Todos esses fatos históricos, sociais e políticos construíram uma intrincada ecologia linguística, na qual questões linguísticas se relacionam diretamente com questões de raça, de identidade e de políticas linguísticas, produzindo contrastes e tensões entre as línguas, as identidades linguísticas e as variedades que convivem naquele território.

Uma dessas variedades é o PP, português falado na Ilha do Príncipe, que, assim como o PST, não recebe o devido reconhecimento como variedade legítima e segue sendo tratado como uma versão incorreta do PE, variedade que é promovida pelo Estado e ensinada nas escolas.

É desse lugar de exclusão e de desconsideração que nasce este trabalho, a partir da necessidade e do reconhecimento da importância da realização de mais investigações linguísticas sobre essa variedade emergente, para que, inclusive, seja possível contribuir com a construção de caminhos para a sua valorização.

O sistema consonantal do PP, de acordo com os resultados, é composto por 18 segmentos fonológicos, sendo eles: 6 oclusivas, [p, b, t, d, k, g]; 6 fricativas, [f, v, s, z, ʃ, ʒ]; 3 nasais, [m, n, ŋ]; 2 laterais, [l, ʎ], e um rótico, [r]. A sílaba nessa variedade, por sua vez, é uma estrutura binária, dividida em onset e rima, na qual a rima se subdivide em núcleo e coda.

O núcleo é a única posição que deve ser obrigatoriamente preenchida, por uma vogal, ao passo que o onset e a coda podem ou não ser preenchidos, por uma ou por

duas consoantes para a primeira e por uma consoante para a segunda. Os padrões silábicos encontrados nos dados foram: V (uma vogal), CV e VC (uma vogal e uma consoante), CVC e CCV (duas consoantes e uma vogal).

Ainda em relação às possibilidades de preenchimento de cada posição da estrutura silábica em PP, todos os segmentos do quadro consonantal podem ocupar a posição de onset simples; as oclusivas e fricativas [p, b, t, d, k, g, f, v] podem ser primeiro componente de um onset complexo, enquanto o segundo componente pode ser apenas uma líquida ou um rótico; a coda, como a posição mais restritiva da sílaba, pode ser preenchida somente por /S*/, /N*/, // ou /r/.

Quanto à variação, constatou-se, no núcleo, a ocorrência de processos como harmonia vocálica, e de enfraquecimento da vogal [i] diante de /t/.

No tocante ao onset simples e complexo, constatou-se a africatação das oclusivas /t/ e /d/ e a variação do rótico em onset, no primeiro, e a variação do rótico como segundo elemento, para o segundo. Além disso, o onset complexo também foi alvo de apagamentos.

A coda silábica, por sua vez, foi o locus de maior variação, no qual houve diferentes realizações de /s/, de // e, principalmente, de /r/, bem como apagamentos recorrentes abrangendo todos esses segmentos. Nesse domínio, foram verificadas ocorrências de vocalização da lateral e de posteriorização do rótico, bem como de inserção de coda, de metátese e de alternância entre as líquidas, especificamente rotassismo e lambdassismo.

Por fim, ainda no âmbito da variação, verificou-se diversas ocorrências de variação intrafalante, em que realizações diferentes de um fonema no mesmo contexto foram atestadas na produção de um indivíduo, que aponta perspectivas valiosas para estudos futuros sobre o fenômeno /na variedade em questão.

Os resultados encontrados, além de corroborarem os trabalhos já realizados, também reforçam a singularidade do PP, variedade dotada de características únicas e ligadas a seu contexto de emergência, que, como em qualquer outra, podem se aproximar ou se distanciar daquelas verificadas para as outras, como o PB e o PE. Ademais, esta descrição linguística de uma variedade ainda pouco estudada da língua portuguesa representa importante adição ao conhecimento sobre ela e sobre a língua como um todo, bem como possibilita comparação de dados e base para futuras investigações. Por fim, o aumento do conhecimento linguístico se soma ao outros

trabalhos no esforço de contribuir para o enfrentamento do cenário de desvalorização e de preconceito que atingem o PP e, conseqüentemente, a seus falantes..

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, A. L. Sound variation in Portuguese-speaking Africa. In: ZAMPAULO, A. (ED.). *The Routledge Handbook of Portuguese Phonology*. New York: Routledge, 2024.

AGOSTINHO, A. L.; BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T.. Linguistic Contact in Perspective: Lateral Coda in Principense Portuguese. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*. No prelo.

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E.; MENDES, M. C. Fusão de quase-fonemas em situações de contato: evidência de róticos em português principense. In: I Encontro Online de Fonética e Fonologia, 30 de junho, 2020. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Resumo disponível em: <https://sites.google.com/view/enoff/programa%C3%A7%C3%A3o?authuser=0>. Acesso em: 3 mar. 2022.

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E.; MENDES, M. C. Merging of quase-phonemes in contact situations: Evidence from rhotics in Principense Portuguese. In: Annual Meeting on Phonology 2020, 18-20 de setembro, 2020. Santa Cruz: University of California, Santa Cruz. Resumo disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Lkn5MXdiJ39abceSWC7Rkheaa96y9b5u/view>. Acesso em: 20 fev. 2022.

AGOSTINHO, A. L.; MENDES, M. C. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora*, v. 24, n. 3, p. 155-177, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/23107/15029/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. Trabalho apresentado no IX Encontro Internacional da Associação Brasileira do Contato Linguístico, 28-30 de novembro, 2016. Brasília: Universidade de Brasília. Resumo disponível em: <https://encontroabecs.wordpress.com/cad-de-resumos/>. Acesso em: 20 de out. de 2021.

AGOSTINHO, A. L. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe. Trabalho apresentado na V Jornada do VARSUL, 06-08 de abril, 2017. Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

AGOSTINHO, A. L. *Fonologia e método pedagógico do lung'le*. 2015. Tese (Doutorado em filologia e língua portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ARAUJO, G. A de. Há uma política linguística para o Português em São Tomé e Príncipe? In: SOUZA, S; OLMO, F. C. del (orgs.). *Línguas em Português: a lusofonia numa visão crítica*. Porto: U.Porto Press, 2020. p. 271-291.

ARAUJO, G. BALDUINO, A. Nasalização vocálica no português urbano de São Tomé e Príncipe. *Diacrítica*, v. 33, n. 2, p. 41-68, 2019.

ASSEMBLEIA NACIONAL DE S TOMÉ E PRÍNCIP. Constituição da República Democrática de S Tomé e Príncipe. Disponível em: <
<https://www2.camara.leg.br/saotomeeprincipe/constituicao/constituicao-da-republica-democratica-de-s.tome-e>> Acesso em: 25 de fev. de 2022.

ARAUJO, G. A; AGOSTINHO, A. L. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v. 26, p. 49-81. 2010.

BANDEIRA, M. Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné. 437f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BALDUINO, A; MENDES, N. M; AGOSTINHO, A. L. Vocalização da coda lateral no português principense (PP). In: HORA, D. da; ELMER, A (orgs). *Interceções linguísticas: estudos diversos*. São Paulo: Líquido Editorial, 2023.

BALDUINO, A. M. Fonologia do português de São Tomé e Príncipe. 2022. 561 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BALDUINO, A. M; BANDEIRA, M. 2022. A ascensão da Língua Portuguesa em São Tomé e Príncipe. *Domínios de Linguagem* 16: 1–35.

BALDUINO, A. M. Templates silábicos no Português do Príncipe: processos em coda e ‘prevalência’ de sílabas CV. *Filol. Linguíst. Port.*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 247–270. 2020.

BALDUINO, A. M. VIEIRA, N. M. Distribuição da lateral // em coda no Português Santomense. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 594-615, 2020.

BALDUINO, A. M; Vieira, N. M. T; Freitas, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista da Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020.

BALDUINO, A. M. apagamento de /r/ e /s/ em coda no Português Principense. *Papia (Brasília)*, v. 29, p. 25, 2019.

BALDUINO, A. M. A nasalidade no português de STP. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2018.tde-03072018-123304. Acesso em: 02 Dez. 2019.

BALDUINO, A. M; BANDEIRA, M; FREITAS, S. Os processos de elisão e degeminação no Português de São Tomé e Príncipe. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 19, n. 1, p. 163-197, 1 dez. 2017.

BAXTER, A. N. O Português dos Tongas de São Tomé. In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAUJO, Gabriel Antunes de (org.). O Português na África Atlântica. São Paulo: Fflch/Usp,, 2019. p. 297-322.

BAXTER, Alan Norman. . Semicreolization? ? The restructured Portuguese of the Tongas of São Tomé, a consequence of L1 acquisition in a special contact situation.. *Journal of Portuguese Linguistics* , v. 1, p. 7-39, 2002.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. de M (org.). Gramática do Português Falado: Novos estudos. Campinas: Editora Humanitas, 1999.

BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J (ed.). *Handbook of phonological theory*. London: Basil Blackwell, 1995. p. 206-244.

BOUCHARD, Marie-Eve. *Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Dissertação de mestrado. New York University, Nova York, 2017.

CAGLIARI, G. M; CAGLIARI, C; REDENBARGER, W. J. A comparative study of the sounds of European and Brazilian Portuguese: phonemes and allophones. In: WETZELS, W. L; COSTA, J; MENUZZI, S. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. cap. 4, p. 56-68. (Blackwell Handbooks in Linguistics).

CÂMARA Jr. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

COLLISCHON, G. A sílaba em Português. In: BISOL, L (org.). *Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro*. 3ª edição. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

COLLISCHON, G; WETZELS, W. L. Syllable structure. in: WETZELS, W. Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio. *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Oxford: Wiley Blackwell, 2016. cap. 6. p. 86-106. (Blackwell Handbooks in Linguistics).

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 6ª edição. Blackwell Publishing, 2008.

FISCHER, S. R. *Uma breve história da linguagem: Introdução à origem das línguas*. Tradução Flávia Coimbra. Osasco: Novo Século Editora, 2009.

DE PINHO, Antonio José; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral pós-vocálica/l/no português do Brasil. *Working papers em linguística*, v. 11, n. 2, p. 67-88, 2010.

GONÇALVES, R; HAGEMEIJER, T. O português num contexto multilingue: o caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane*, v.1, n.1, p. 84-103, 2015.

GÜNTHER, Wilfried. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag, 1973.

HAGEMEIJER, T. From creoles to Portuguese: language shift in são tomé and príncipe. In: LÓPEZ, Laura Álvarez; GONÇALVES, Perpétua; AVELAR, Juanito Ornelas de (ed.). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil: a descriptive and prescriptive analysis*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. Cap. 7. p. 169-184. (Issues in Hispanic and

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola* 1 (1), 1-27. 2009.

HAGEMEIJER, T. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*, v. 6, p. 74-88, 1999.

HERNESTUS, M; BAAYEN, R. A. Corpora and Exemplars in Phonology. In: GOLDSMITH, J; RIGGLE, J; YU, A. C. L (eds.). *The Handbook of Phonological Theory*. 2ª ed. Oxford: John Wiley & Sons, 2011.

HORA, D; BATTISTI, E. Sound-related aspects of Brazilian Portuguese. In: KABATEC, J; WALL, A (eds.). *Manual of Brazilian Portuguese Linguistics*. 2ª edição. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2022.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 147-188. 2011.

HLIBOWICKA-WEGLARZ, B. A origem dos crioulos de base lexical portuguesa no Golfo da Guiné. *Romanica Cracoviensia*, v. 11, p. 177 - 185. 2011. Disponível em: <<http://www.ejournals.eu/pliki/art/1538/>> Acesso em: 20 de fev. de 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. 5. POPULAÇÃO SEG. LÍNGUAS FALADAS - 54. Disponível em: <<https://www.ine.st/index.php/publicacao/documentos/file/199-5-populacao-seg-linguas-faladas-54>> Acesso em: 09 de Fev. de 2021.

Instituto Nacional de Estatística. Disponível em: < <https://www.ine.st/> > Acesso em 24 de fev. de 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. São Tomé e Príncipe em Números 2017. 2019.

LADEFOGED, P; MADDIESON, I. *The sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

LIMA, C. *A dolorosa raiz do Micondó*. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

MASSIALA, V. G. S. *Variação fonético-fonológica do português de Angola: características da variedade falada em Cabinda e suas implicações profissionais na TPA*. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade de Évora.

MATEUS, M. H. M; FALÉ, I; FREITAS, M. J. *Fonética e fonologia do português*. 2ª edição. Universidade Aberta: Lisboa, 2016.

MATEUS, M. H. M et al. Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 2003.

MAURER, P. Principense. Grammar, texts, and vocabulary of the Afro- Portuguese creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea. London: Battle-bridge, 2009.

MENDES, M. C. Róticos em onset no lung'le e no português principense em contato: uma análise fonético-acústica e fonológica. No prelo.

MENDES, M. C. Descrição e análise da produção oral dos róticos intervocálicos no português principense. 2021. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

MONARETTO, V. N. O; KEDNAU, L. R; DA HORA, D. As consoantes do Português. In: BISOL, L. (org.). Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro. 3a ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

NOLL, V. Historical phonetics and phonology. In: KABATEC, J; WALL, A (eds.). Manual of Brazilian Portuguese Linguistics. 2ª edição. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2022.

PAGOTTO, E. G. Variação e identidade. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SANTIAGO, A. M; BALDUINO, A. M. A língua portuguesa em São Tomé e Príncipe: pluricentrismo, colonialidade e ensino. Domínios de Linguagem, v. 17, 2023.

SANTIAGO, A. M et al. As Vogais do Português do Príncipe. In: HAGEMEIJER, T; OLIVEIRA, M; FIGUEIREDO, C. (orgs.). O português na África Atlântica. v. 2. Lisboa: Chiado Editora, 2023.

SANTIAGO, A. M; AGOSTINHO, A. L. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. Revista A Cor das Letras, v. 21, n. 1, p. 39–61, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4970>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTIAGO, A. M. As Vogais do Português do Príncipe. 2019. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SEARA, I. C; NUNES, V. G; VOLCÃO, C. L. Fonética e fonologia do português brasileiro : 2º período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. 119 p.

SEIBERT, G. Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social. Anuário Antropológico 40(2): 99-120. DOI : 10.4000/aa.1411. 2015.

SEIBERT, G. *Comrades, Clients and Cousins: Colonialism, Socialism and Democratization in São Tomé and Príncipe*. Leiden, Netherlands: Brill, 2006.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H; SMITH, N, (eds.). *The structure of phonological representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SILVA, H. L. F. M. da. *Colônias e sertões sob as lentes da medicina: encontros e desencontros entre Portugal e Brasil na trilha das tripanossomíases humanas, 1901-1924*. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SILVEIRA, A. C; ARAUJO, G. A de. Ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. In: OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte de; ARAUJO, Gabriel Antunes de (org.). *O Português na África Atlântica*. 2. ed. São Paulo: Fflch/Usp, 2019. p. 261-296.

ULBRICH, C; WERTH, A. What Is Intra-individual Variation in Language? In: WERTH, A; BÜLOW, L; FENNINGER, S. E; SCHIEG, M (eds.). *Intra-individual Variation in Language*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2021.

VIEIRA, N. M. T. BALDUINO, A. M. Apagamento de /R, S, l/ na coda no português de São Tomé: convergência linguística? *Papia*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 7-33, 2020. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/3415/pdf>. Acesso em: 3 mar. 2022.

ANEXO A – Teste 1 (/r/ e // em coda e em onset complexo)

Carbono

Parte

Perdedor

Perdido

Perto

Certo

Afirmativo

Porta

Horta

Forma

Porco

Torto

Urbano

Turco

Turbante

Mar

Bar

Nadar

Perder

Líder

Entender

Lúcifer

Júpiter

Revólver

Colher

Mulher

Competir

Refletir

Agredir

Melhor

Pior

Cor

Dor
Carregador
Domador
Senhor
Equador
Artur
Abajur
Glamour
Falta
Palma
Aldeia
Calda
Adelgaçar
Melga
Elton
Filme
Filmagem
Folgado
Roldana
Polvo
Folga
Olga
Resultado
Tumulto
Culpa
Adulto
Cabal
Banal
Canal
Geral
Liberal
Possível
Túnel
Amável

Desagradável

Carrossel

Papel

Abril

Brasil

Inútil

Funil

Álcool

Sol

Formol

Anzol

Sul

Azul

Prato

Prata

Prática

Trabalho

Atrapalhado

Tragar

Trapo

Atravessar

Cratera

Cravo

Craque

Brasão

Brasa

Dragão

Dramático

Graça

Gratidão

Lavrar

Livro

Fraterno

Fraque

Fratura
Fraco
Fracasso
Plástico
Placa
Atlas
Atlético
Atlântico
Cláudio
Claro
Enciclopédia
Clamor
Clamar
Blusa
Blindado
Bloco
Cloro
Blasfema
Glamurosa
Gladiador
Glacê
Glúten
Glicose
Glacial
Vladimir
Flamengo
Flauta
Flávio
Inflamado
Flocos
Bordel
Elmo
Culpa
Cordel

ANEXO B – Teste 2 (/I/ em coda)

Lata

Lápis

Cola

Bola

Letra

Legal

Aleluia

Elefante

Leve

Colega

Liberdade

Liceu

Alimento

Fidelidade

Lotado

Lobo

Dolorido

Calor

Logo

Loja

Filósofo

Calote

Luta

Lugar

Alumínio

Evolução

Calulu

Populoso

Guloso

ANEXO C – Teste 3 (coda /r/, /l/, /s/)

Alto
Polvo
Alface
Melga
Culpa
Alça
Melro
Molde
Vulnerável
Alma
Albino
Parto
Erva
Nervo
Largo
Arpão
Urso
Carla
Arde
Urna
Arma
Barba
Marcha
Colcha
Elza
Catorze
Algema
Talco
Marca
Festa
Caspa
Casco

Lisboa

Desde

Asno

Asma

Israel

Desligar

Osga

Fósforo

Desvio

Desjejum

Dessalgar

Deszincar

Deszelar

Deschatear

ANEXO D – Tabela de transcrição – IPA/X-SAMPA

IPA	X-SAMPA	Classificação	Exemplo
a	a	vogal anterior aberta não arredondada	Francês dame [dam], Espanhol e Português padre ["padre]
e	6	xuá aberta	Alemão besser, Português adeus [6"dewS]
b	b	oclusiva bilabial sonora	Inglês bed [bEd], Francês bon [bO~], Português boca ["boka]
k	k	oclusiva velar surda	Inglês cat [k{t}, Espanhol carro ["kar:o], Português coisa ["kojza]
d	d	Oclusiva alveolar/linguointerdenta l sonora	Inglês dog [dQg], Francês doigt [dwa], Português duro ["du4u]
e	e	vogal anterior semifechada não arredondada	Francês ses [se], Português jeito ["Zejtu]
ɛ	E	vogal frontal semiaberta não arredondada	Francês mème [mEm], Inglês bed [bEd], Português fé [fE] F
ɪ	l	vogal anterior fechada não arredondada reduzida	Inglês kit [klt]
f	f	Fricativa labiodental surda	Inglês five [falv], Francês femme [fam], Português fé [fE]

g	g	Oclusiva velar sonora	Inglês game [gɛlm], Francês longue [lɔ̃g], Português garra [ˈgaxɐ]
i	i	vogal anterior fechada não arredondada	Inglês be [bi:], Francês oui [wi], Espanhol si [si], Português ti [ti]
ʒ	ʒ	fricativa palatoalveolar sonora	Inglês vision [ˈvɪʒən], Português jato [ˈzatu]
l	l	lateral aproximante alveolar	Inglês lay [leɪ], Francês mal [mal], Português sala [ˈsalɐ]
ʎ	ʎ	lateral palatal	Italiano famiglia, fonema castelhano /ll/ como em llamar [laˈmar], português talha [ˈtaʎa]
ɫ	ɫ	lateral velar	Inglês milk [mɪlk], Português europeu Brasil [B4azi5]
m	m	nasal bilabial	Inglês mouse [maʊs], Francês homme [ɔm], Português fama [ˈfama]
n	n	nasal alveolar	Inglês nap [nɒp], Francês non [nɔ̃], Português terno [ˈtɛnu]
ɲ	ɲ	nasal palatal	Espanhol año, Português banho [ˈbanju], Inglês canyon (embora

			também possa se usar [nj])
o	o	vogal semifechada posterior arredondada	French gros [gRo], Português sopa ["sopa]
ɔ	O	vogal posterior semiaberta arredondada	Inglês britânico thought [TO:t], Português nó [nO]
ʊ	U	vogal posterior fechada arredondada reduzida	Inglês foot [fUt]
p	p	oclusiva bilabial surda	English hop [hQp], French pose [poz], Spanish perro ["per:o], Português pai [paj]
r	4	vibrante alveolar simples	Espanhol pero, Inglês dos EUA better, Português para ["para]
r	r	vibrante alveolar múltipla	Espanhol perro ["per:o]
ɹ	r\	aproximante retroflexa	Realização de rótico em coda em variedades de português
ʀ	R	fricativa uvular sonora	Francês roi [Rwa], Português comum barro [baRu]
s	s	fricativa alveolar surda	Inglês seem [si:m], Francês session [se.sjO~], Português assar [as"ax]
ʃ	S	fricativa palatoalveolar surda	Inglês ship [Slp], Português xícara ["Sika4a]

t	t	oclusiva alveolar surda	Inglês too [tu:], Francês raté [Rate], Espanhol tuyo, Português tato ["tatu]
u	u	vogal posterior fechada arredondada	Inglês boom [bu:m], Espanhol su [su], Português busca ["busk6]
z	z	fricativa alveolar sonora	Inglês zoo [zu:], Francês azote [azOt], Português casa ["kaza]
j	j	aproximante palatal	Inglês yes [jEs], Francês yeux [j2], Português sai [saj]
w	w	aproximante labiovelar	Inglês west [wEst], Francês oui [wi], Português quase ["kwaz@]
v	v	fricativa labiodental sonora	Inglês vest [vEst], Francês voix [vwa], Português viu [viw]
N	*N	nasal subespecificada	
S	*S	fricativa subespecificada	

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Observações importantes:

Em X-SAMPA, o acento é marcado com “ e a nasalidade com ~;

Utilizamos * para indicar consoantes subespecificadas, uma vez que não há tal indicação no X-Sampa.

O quadro acima representa apenas os símbolos que são usados neste trabalho. Para uma tabela completa, visite: <https://pt.wikipedia.org/wiki/X-SAMPA>